



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Manuel José de Morais Bernardo Cabral

DA ANUNCIADA
Uma viagem do texto literário ao filme

Anexo V - Step Outline
Anexo VI - Guião Televisivo

Trabalho realizado sob orientação do
**Professor Doutor Manuel Luís Bogalheiro
da Rocha Fernandes**
e coorientação do
**Professor Doutor António Manuel Dias
Costa Valente**

Junho 2020



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Manuel José de Moraes Bernardo Cabral

DA ANUNCIADA

Uma viagem do texto literário ao filme

Tese de Doutoramento em Arte dos Media

Tese defendida em provas públicas na
Universidade Lusófona do Porto no dia 18/11/2020,
perante o júri seguinte:

Presidente: Prof^ª. Doutora Isabel Maria Pérez da Silva Babo Lança;

Vogais:

Prof. Doutor Carlos Manuel Branco Nogueira Fragateiro (Prof. Auxiliar da Universidade de Aveiro), arguente;

Prof^ª. Doutora Anabela Dinis Oliveira (Prof^ª. Auxiliar da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), arguente;

Prof. Doutor João Pedro de Sousa Cardoso (Prof. Associado da Universidade Lusófona do Porto);

Prof^ª. Doutora Célia Maria Taborda da Silva (Prof^ª. Associada da Universidade Lusófona do Porto);

Orientador: Prof. Doutor Manuel Luís Bogalheiro da Rocha Fernandes (Prof. Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

18 de Novembro 2020



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

ANEXO 1

DECLARAÇÃO

É autorizada a reprodução parcial desta tese, apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Handwritten signature: Henrique Bernardes

Handwritten signature: [illegible]

ANEXO V

Componente Prática

DA ANUNCIADA

TRATAMENTO / STEP OUTLINE

Manuel Bernardo Cabral

PERSONAGENS:

- Parteira
- Mulher mais Nova,
- Mulher à Cabeceira
- Maria do Rego Quintanilha, mãe de Teresa
- Jerónimo Ledo Paiva, pai de Teresa
- Teresa da Anunciada, criança
- Teresa da Anunciada, adolescente
- Teresa da Anunciada, adulta, freira Clarissa
- Teresa da Anunciada, envelhecida, freira Clarissa
- Joana Quintanilha, irmã adolescente, logo acima de Teresa
- Joana Quintanilha, irmã de Teresa, adulta e freira Clarissa
- Brás do Rego Quintanilha, irmão mais velho
- Simão Quintanilha, irmão Padre
- Manuel Quintanilha, irmão em Lisboa, pagou-lhe o dote para o convento.
- Francisco Quintanilha, irmão estroina, morre esfaqueado em rixa de taberna 6 meses após morte da mãe.
- Ana do Rego Quintanilha, irmã, pagou-lhe a inscrição de entrada no convento.
- Frei Francisco, Provincial, apadrinha as entradas de ambas as irmãs para os respetivos conventos.
- Gedeão Lopes, pretendente de Teresa
- Afonso Lopes, pai de Gedeão
- Padre Augusto, confessor em Stº André e amante de Joana
- Padre Agostinho Ramalho, confessor no Convento da Esperança.
- Madre Ana da Glória, amiga no Convento da Esperança, ajuda a missão de Teresa.
- Madre Jerónima do Sacramento do Convento de Stº André, amiga mais velha, ajuda na missão de Teresa.
- Madre Catarina "Rouxinol", Abadessa da Esperança no tempo de Teresa - opõe-se ao culto do SSCM, antagonista. Fora amante do conde D. Manuel
- D. Manuel, Conde da Ribeira Grande, pai de D. José
- Dª Mécia, Condessa, esposa de D. Manuel, mãe de D. José

- D^a Luzia, amante de D. Manuel por uma noite e de D. José
- D. José criança (cerca de 7 anos mais jovem que Teresa)
- Frei Gusmão, perceptor de D. José
- D. José, conde da R.G., adulto
- D^a Constância Emília de Rohan, Condessa, esposa de D. José
- Paula do Espírito Santo, a Curandeira amante de D. José e depois protegida de Teresa da Anunciada
- Brígida, mãe de Paula, ervanária e curandeira.
- Pai de Paula, moleiro
- Rosa, irmã de Paula
- Frei Fulgêncio, visitador da ordem (autoridade religiosa)
- Maria dos Anjos, Clarissa da Esperança, peçonhenta, antagonista.

TRATAMENTO – STEP OUTLINE

FADE IN

EXT. IGREJA DA ESPERANÇA E CAMPO DE S. FRANCISCO – DIA

SEQUÊNCIA:

Procissão do Senhor Santo Cristo dos Milagres na atualidade.

PG da festa. SOM AMBIENTE da festa.

IMAGEM DO SENHOR SANTO CRISTO DOS MILAGRES na Procissão.

GENÉRICO INICIAL

EXT. MAR – DIA / NOITE

SUPERIMPOSIÇÃO da Imagem do SSCM no mar.

GENÉRICO INICIAL

EXT. SEQUÊNCIA – DIA / NOITE

SEQUÊNCIA DE IMAGENS / SONS:

Erupção vulcânica

Solidificação da Lava

Nascimento da vida vegetal na pedra vulcânica

Chilrear e surgimento dos pássaros

O NARRADOR narra o nascimento da ilha e da vida na ilha. TRANSIÇÃO SONORA para o nascimento de TERESA.

INT. CASA DOS PAIS DE TERESA – NOITE

MARIA QUINTANILHA dá à luz Teresa, num parto extremamente difícil.

O Narrador / Senhor Santo Cristo dos Milagres anuncia o seu nascimento e o cruzamento dos destinos de ambos.

EXT. PORTO DE VILA FRANCA DO CAMPO – DIA

CHEGADA DO CONDE DA RIBEIRA GRANDE Manuel Baltazar e esposa D^a Mécia de Miranda à ilha, onde são recebido com pompa e circunstância pelos notáveis da terra e pela mãe D^a Maria Coutinho.

EXT. RIBEIRA GRANDE – DIA

FESTA DE RECEÇÃO DOS CONDES (Festa da Feira Quinhentista). Maria Quintanilha com Joana e Teresa param junto a uma banca de frituras e a mãe compra uma "malassada" para cada. Deambulam pela festa e ficam a assistir a uma justa de canas (ou torneio).

INT. SALÃO DO SOLAR – DIA

Salão nobre do solar. D^a Maria Coutinho põe o filho D. Manuel a par dos negócios da Capitania. Introduz o caso da doença de Manuel Ledo, homem trabalhador e ajuizado que soube construir uma casa farta, e que está a acertar as contas e a entregar as terras de renda para deixar a família orientada. Diz também que Maria Quintanilha, a mulher, é a melhor bordadeira da ilha e que não lhe faltará sustento e que no solar é ela que faz todo o serviço de bordado.

EXT. RIBEIRA GRANDE - DIA

Visão panorâmica do local e das suas gentes, dos diferentes escalões sociais, económicos e ocupacionais. Cena de transição, mas também ilustrativa da descrição que D^a Maria Coutinho faz ao filho na cena anterior.

INT. EXT. CASA DA MÃE DE TERESA – DIA

TERESA PREGUIÇOSA E SONHADORA – Joana insta com a mãe para dizer a Teresa para ajudar, mas a mãe desculpa-a por ser muito nova. Brás do Rego diz que de pequenino é que se torce o pepino e Simão diz que também é preguiçosa a aprender a ler.

INT. EXT. SEQUÊNCIA DE MONTAGEM – DIA

Vivacidade de Teresa e morbidade de Joana.

INT. QUARTO DOS CONDES – NOITE

CENA DE AMOR CONJUGAL de D. Manuel e D^a Mécia

INT. SOLAR DOS CONDES – DIA

A CONDESSA NÃO ENGRAVIDA e em conversa com o confessor decidem fazer uma procissão. O confessor tem em mente uma coisa simples, mas os condes decidem por algo mais grandioso e a condessa decide que irão descalços. O confessor objeta, que não será próprio a pessoas da sua condição. BARULHO DA PROCISSÃO COMEÇA A OUVIR-SE.

EXT. RIBEIRA GRANDE – DIA A PROCISSÃO

Os DIÁLOGOS DA CENA ANTERIOR sobrepoem-se nesta, com os três personagens a serem narradores. Os condes vão descalços. CHORO DE BEBÉ no fim da cena.

INT. ALCOVA DA CONDESSA NO SOLAR – DIA

CHORO DE BÉBÉ. D^a Mécia mostra o bebé a Maria Quintanilha e encomenda-lhe mais coisas, porque o rapaz está a crescer. A ama-de-leite pega no menino e dá de mamar, enquanto D^a Mécia apresenta a sua aia D^a LÚZIA, que entretanto chegara, a quem delega a tarefa de completar a lista do que é necessário encomendar a M^a Quintanilha.

INT. CASA DA MÃE DE TERESA – DIA

Simão ensina Teresa a ler. Ela distrai-se muito com tudo à sua volta, fazendo imensas perguntas que nada têm a ver com a leitura.

INT. CLAUSTRO DO CONVENTO – DIA

D. Manuel visita o convento e ouve a IRMÃ ROUXINOL a cantar e diz que parece um rouxinol. A ABADESSA diz que é sem dúvida um bom nome para quem canta com tal voz e conta-lhe a história que a levou ao convento (boa família que já não possui bens para um dote que lhe garanta um bom casamento). Ele manifesta desejo de a conhecer e ela manda chamá-la ao palatário.

INT. PALRATÓRIO DO CONVENTO DE JESUS – DIA

A Abadessa diz à irmã rouxinol que o Sr. Conde ficou encantado com a sua voz e que quis conhecê-la, retirando-se discretamente em seguida. O conde fala com Rouxinol, que se mostra realisticamente conformada com o seu destino, mas segura e senhora de si, olhando-o de igual para igual.

INT. CASA DA MÃE DE TERESA – DIA

JOANA fala a Teresa na beleza da vida no Convento. Teresa levanta-lhe a roupa e vê-lhe o cilício. Alarmada chama a mãe que ralha com Joana, que argumenta que Deus sofreu por nós. A mãe replica que ela não é Deus e que na vida também é importante um pouco de alegria, pois é uma dádiva de Deus.

INT. ALCOVA DO CONDE – NOITE

D^a LÚZIA seduz o conde numa cena quase bíblica do lava-pés, que depois se torna num outro tipo de cena bíblica, uma cena de sexo. De manhã, quando D^a Luzia se prepara para sair, o conde diz-lhe que não volte. Foi muito bom, mas que respeita demasiado a esposa, para manter uma relação dessas dentro de casa.

INT. QUARTO DE TERESA E JOANA - DIA

Joana e Teresa dormem. Teresa parece acordar e sonha com o Ecce Homo.

INT. CLAUSTRO DO CONVENTO – DIA

D. Manuel e a Irmã Rouxinol caminham pelo claustro conversando e dirigem-se à porta do palratório.

INT. PALRATÓRIO DO CONVENTO DE JESUS – DIA

D. Manuel e a irmã Rouxinol fazem amor.

INT. CLAUSTRO DO CONVENTO – DIA

A Abadessa entra com Maria Quintanilha e Teresa, que interpela a abadessa sobre o porquê de vestirem assim e porque é que ali só há mulheres. Sentam-se num banco a ver os bordados que a mãe de Teresa trouxe.

Teresa aborrece-se, levanta-se e pula pelo claustro admirando tudo em redor, falando aos pássaros e dizendo a uma irmã que passa: Moras aqui?

Ela responde que sim.

Teresa: Gosto muito desta casa. Acho que gostava de morar aqui.

A irmã ri-se e diz: Quem sabe, um dia quando cresceres.

Teresa replica: Mas eu não vou crescer.

A irmã afasta-se rindo. Teresa aproxima-se da porta do palatário e escuta um som abafado. Depois espreita pelo buraco da fechadura.

INT. PALRATÓRIO DO CONVENTO DE JESUS – DIA

D. Manuel e a irmã Rouxinol fazem amor, enquadrados pelo buraco da fechadura.

INT. CLAUSTRO DO CONVENTO – DIA

Perplexa, Teresa afasta-se da fechadura e lentamente regressa para o pé da mãe e da abadessa, sentando-se muito quieta e calada. A Abadessa encomenda mais um serviço à mãe e comenta que Teresa já se cansou e está muito calada. Maria Quintanilha diz que deve ir lá mais vezes para ver se toma juízo, pois nunca para.

EXT. INT. SOLAR DOS CONDES – DIA

Teresa é agora ADOLESCENTE e acompanha a mãe ao solar para entregar bordados e receberem nova encomenda. A mãe entra na casa e ela fica à espera no pátio. D. JOSÉ CRIANÇA chega todo sujo e desalinhado e arrelia-a mexendo nos bordados com as mãos sujas. Ela briga com ele mas sem resultado e por fim dá-lhe uma bofetada. Surpreso e com lágrimas nos olhos, ele corre em direção a casa enquanto ela leva as mãos à boca num susto (o que fui fazer). Mas D. José pára, volta para ela de olhos baixos e diz “Desculpa”. Depois centra a sua atenção num grupo de miúdos da sua idade e corre com eles pelo campo.

INT. CASA DE BRÁS DO REGO - DIA

Festa de Família e amigos. Gedeão conversa com Teresa. Ela convida-o a irem ver o mar.

EXT. PRAIA - DIA

Teresa e Gedeão passeiam e conversam. Ele dá-lhe a mão e ela deixa. Param. Ela beija-o fugazmente na boca. Fica pensativa um bocado. Depois repete demoradamente. Fica novamente pensativa um bocado. Depois voltam a caminhar lado a lado, em silêncio. Ela cruza os braços evitando que ele lhe dê novamente a mão.

INT. SOLAR DOS CONDES - DIA

Teresa chega ao solar para entregar uma encomenda. É recebida por D^a Mécia, que lhe mostra o solar conversando longamente. Quando a condessa lhe pergunta se fez as rendas ela responde que não, que apenas ajuda, pois "é mais Maria para o descanso do que Marta para o trabalho". As irmãs dizem-lhe ser "poupada no trabalho". Mas fiz isto - e mostra um lenço de cambraia bordado com as iniciais de D. José, para o menino conde. A condessa ri e manda chamar o filho. Entretanto mostra-lhe o solar e vários bordados e rendas de França. D. José chega e ela presenteia-o com o lenço. Feliz a criança agradece-lhe com um grande beijo e um abraço em volta do pescoço. Depois, solene, põe o lenço no bolso e corre porta fora.

INT. QUARTO DE TERESA E JOANA - DIA

Joana e Teresa dormem. Teresa parece acordar e sonha novamente com o Ecce Homo. Desta vez o sonho é um chamamento religioso.

INT. COZINHA DA MÃE DE TERESA – NOITE

Teresa e Joana já são jovens adultas e a mãe está mais envelhecida. O irmão mais velho, BRÁS DO REGO QUINTANILHA entra e diz que Gedeão deseja propor casamento a Teresa, que vai em negócios à Madeira, mas que gostaria de deixar tudo tratado e que é um bom partido e uma grande oportunidade pois nem quer dote. Teresa diz que lhe dará resposta quando ele regressar, até porque também está considerando o convento. Furioso Brás diz que isso requer um dote, e que casar com Gedeão é de graça e ela fica muito bem arrumada para a vida, que ele é um bom partido. E vira-se para a mãe procurando socorro. Esta é cautelosa e diz

que as irmãs aceitam Teresa, que o provincial também achou bem e que fora ela que pedira mais um tempo, pois esta é uma grande decisão. Brás sai furibundo, dizendo que a mãe devia ter sido menos branda com as irmãs mais novas, que é no que dá demasiados sonhos, demasiada imaginação e demasiada religião e pouco trabalho e pouca responsabilidade. Depois dele sair, a mãe pergunta a Teresa se quer mesmo fechar-se num convento, ela que é tão livre tão amante da vida. Teresa responde que talvez seja mais livre no convento do que cá fora.

INT. QUARTO DE TERESA E JOANA – NOITE

Joana e Teresa discutem a ideia do casamento e do convento. Joana apoia totalmente a ideia do convento, com uma mistura de argumentos de fervor religioso e de visão idealizada e idílica da vida na clausura.

INT. IGREJA MATRIZ DA R. G. – DIA

Teresa fala com o CONFESSOR e este depois fala com a mãe que estava à espera na igreja. A mãe agradece o interesse, mas pede um pouco mais de tempo.

INT. IGREJA DA MATRIZ - NOITE

Concerto na Igreja. Teresa, Joana, Gedeão e a Mãe assistem. Terminado o concerto, a mãe agradece a Gedeão por as convidar. Ele diz que foi um prazer e saem.

EXT. ESCADARIA DA MATRIZ DA RIBEIRA GRANDE – DIA

Maria Quintanilha e Joana descem à frente. Teresa e Gedeão descem vagarosamente e têm uma longa conversa em que ela lhe diz que está a ter sonhos recorrentes que parecem um chamamento religioso e que está considerando entrar para um convento. Gedeão diz que não vê um espírito livre como o dela, fechado na clausura e que espera pela sua decisão até ao seu regresso da viagem de negócios que vai fazer à Madeira.

INT. QUARTO DE TERESA E JOANA – NOITE

Teresa sonha pela terceira vez com o Senhor enquanto Ecce Homo.

INT. QUARTO DE MARIA QUINTANILHA - NOITE

No mesmo quarto onde Teresa nasceu, Maria Quintanilha espera pela morte. Recusa a comida, porque diz que a sua hora chegou e não vale a pena gastar alimento num corpo que já não precisa, pois está de partida. E prevê a venda da casa e restantes bens na Ribeira Grande, a mudança para Ponta Delgada e a entrada das duas últimas filhas no convento.

EXT./INT. SEQUÊNCIA DE MONTAGEM – DIA

CONVENTO DA ESPERANÇA

IGREJA DE S. JOSÉ

CONVENTO DE SANTO ANDRÉ.

O NARRADOR narra a mudança para Ponta Delgada, a entrada de Teresa para o Convento da Esperança e de Joana para o de Santo André, referindo as dificuldades com as inscrições e os dotes. Diz que "é Joana quem desabrocha, chama a atenção para tudo, arrasta a irmã para visitas de descoberta.", e consegue o dote de Teresa dos irmãos Ana, Manuel, que vivia em Lisboa e do contrafeito Brás.

INT. CASA DE TERESA E JOANA - DIA

Gedeão regressa e Teresa diz-lhe que vai realmente para o convento da Esperança. Gedeão tenta demovê-la.

EXT. IGREJA DA ESPERANÇA - DIA

Teresa e os seus familiares dirigem-se à igreja em cortejo.

INT. IGREJA DA ESPERANÇA - DIA

Teresa e Joana confessam-se. O cortejo sai novamente

EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA - DIA

Teresa e os seus familiares dirigem-se à portaria do Convento.

INT. PORTARIA DO CONVENTO DA ESPERANÇA - DIA

Teresa despede-se dos seus familiares. Joana é a última.

INT. IGREJA DA ESPERANÇA - DIA

Teresa toma os votos e assiste à missa por detrás das grades. A restante família está na parte pública da igreja.

EXT. PÁTIO DO SOLAR - NOITE

D. José ADOLESCENTE chega da caça com uma dúzia de coelhos pendurados num cajado, com dois criados e cães. Os criados ocupam-se dos cães e ele entra no solar.

INT. COZINHA DO SOLAR - NOITE

D. José descarrega os coelhos em cima de uma mesa grande no centro da cozinha. D^a Luzia está sentada numa ponta da mesa, bebendo chá. Tirando a camisa, D. José lava-se numa celha de água em cima da amassaria. Depois sai, pedindo que lhe levem água quente ao quarto para os pés.

INT. ALCOVA DE D. JOSÉ – NOITE

D. José está estirado num cadeirão com os pés numa celha vazia. D^a Luzia entra no quarto com a água quente e repete com ele a cena de lava-pés que fizera com o pai, exibindo o generoso decote. Vai perguntando se ele já é homem, e perante o embaraço dele, diz, arregaçando o vestido para revelar as coxas, que esse é um assunto para ela tratar. Despe-se e despe D. José a quem tira a virgindade. Quando ele lhe pergunta porque fez isso, responde que foi mais um serviço que prestou ao Sr. Conde e à Sr.^a Condessa. D. José pergunta-lhe se foi amante do pai. Ela diz que não, que ele a rejeitou, e que está a pagar-lhe a indiferença prestando-lhe o serviço de iniciar o herdeiro nas lides do amor e do sexo.

INT. SEQUÊNCIA NO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA / NOITE

O NARRADOR explica a razão de Teresa não mudar o seu nome e de acrescentar Da Anunciada, e comenta a adaptação de Teresa à vida conventual.

EXT. / INT. SEQUÊNCIA NO CONVENTO DE SANTO ANDRÉ – DIA / NOITE

O NARRADOR continua, dizendo que Joana fora entretanto acolhida no Convento de Santo André, mas que não encontrou aí a paz pretendida.

INT. PALMATÓRIO NO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Joana visita Teresa e deixa-a alarmada dizendo que o demónio a visita todas as noites e usando novamente cilícios. Teresa tenta chamá-la à razão.

INT. GABINETE DA ABADESSA – DIA

Alarmada Teresa fala com a Abadessa e pede-lhe para ir a Santo André, mas não é autorizada. A Abadessa diz-lhe que estão agora ambas nas mãos de Cristo.

INT. SEQUÊNCIA – DIA

CONVENTO DA ESPERANÇA

CONVENTO DE SANTO ANDRÉ

O Narrador introduz a história de Joana em Santo André. Depois a Madre Abadessa sobrepõe-se como Narradora, contando a Teresa a informação que vai recebendo da Abadessa de Santo André. Teresa pede para escrever a Gedeão Lopes a pedir ajuda, e a Abadessa permite. A voz de Teresa a escrever a carta começa a sobrepor-se à cena

INT. CALUSTRO DO CONVENTO DE SANTO ANDRÉ – DIA

A voz de Teresa a escrever a carta continua, enquanto Gedeão segue a ABADESSA até à cela de Joana.

INT. CELA DE JOANA – DIA

Gedeão entra e encontra Joana muito fraca e delirante. Na sua conversa Joana insiste na ideia do demónio que a vem tentar à noite.

INT. CELA DE JOANA – NOITE

FLASHBACK/DELÍRIO Joana faz sexo com o demónio.

VOZ OFF Gedeão tenta chamá-la à razão.

INT. CELA DE JOANA – DIA

Gedeão tenta dar-lhe ânimo, mas sem convicção e sai.

INT. CALUSTRO DO CONVENTO DE SANTO ANDRÉ – DIA

A Abadessa diz a Gedeão que já nada há a fazer. Gedeão diz que irá pôr Teresa ao corrente e sai. O confessor do convento, PADRE AUGUSTO, transtornado, pede à Abadessa para falar com ela com urgência. Ela encaminha-o para o gabinete.

INT. GABINETE DA ABADESSA – DIA

O Padre Augusto confessa ter tido um caso com Joana e ter sido a sua perdição.

INT. CELA DE JOANA – NOITE

FLASHBACK Joana e o Padre Augusto fazem amor. VOZ OFF do Padre Augusto narra os acontecimentos.

INT. GABINETE DA ABADESSA – DIA

A Abadessa manda o padre procurar um confessor, e proíbe-o de falar no assunto a mais alguém para além do confessor e que para já vai continuar como confessor no convento, mas que ela vai estar atenta. O padre Augusto sai protestando que nunca mais se deixará cair em tentação. A abadessa fica cogitando na violência que é pegar numa criança de 10 anos e fechá-lo num seminário sem o deixar experimentar a vida.

EXT. CONVENTO DE SANTO ANDRÉ – NOITE

Os sinos do convento TOCAM A FINADOS.

EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – NOITE

Os sinos do convento de Santo André TOCAM A FINADOS ao longe.

INT. CORO DA IGREJA DO CONVENTO DA ESPERANÇA – NOITE

As freiras cantam "*Suba la nina com dios al cielo*". A Abadessa entra e chama Teresa, que se levanta e sai.

INT. CLAUSTRO DO CONVENTO DA ESPERANÇA – NOITE

O coro das freiras continua a cantar mais longe "*Suba la nina com dios al cielo*". A Abadessa e Teresa caminham em silêncio. Teresa diz "Já sei. Foi Joana". A Abadessa replica: "Deus tomou-a nos seus braços." O coro sobe e torna-se mais forte.

INT. CELA DE TERESA NO CONVENTO DA ESPERANÇA – NOITE

Teresa contempla o espólio de Joana que lhe coube: Os cilícios e os outros objetos de mortificação com um ar de repulsa. O NARRADOR narra que aquilo lhe coube a ela em tom de comentário.

EXT. NICHOS DO ECCE HOMO NO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Teresa encontra pela primeira vez o BUSTO DO ECCE HOMO e contempla-o em adoração. O NARRADOR descreve este primeiro encontro e o que ela sente.

INT. CELAS DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Teresa começa o culto à imagem, pedindo às outras freiras azeite para manter acesa uma lâmpada, agulhas, linho e seda para bordar uma toalha para o altar. Durante a cena as explicações do NARRADOR, alternam com os diálogos de Teresa com as outras freiras.

INT. / EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Teresa perturba a ordem do convento com o seu entusiasmo pela imagem, envolvendo as freiras na confecção de artefactos para complementar o torso nu.

INT. CLAUSTRO DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

As freiras caminham em fila disciplinada. A NOVA ABADESSA, Madre Catarina "Rouxinol" já madura, chama Teresa ao seu gabinete. O NARRADOR apresenta a Madre como sendo a antiga freira "Rouxinol" do Convento de Jesus na Ribeira Grande.

INT. GABINETE DA ABADESSA – DIA

A Abadessa fala com Teresa sobre a imagem do ECCE HOMO e o entusiasmo excessivo dela com uma simples representação. Teresa contra argumenta e sai quando a Madre a manda embora.

INT. CLAUSTRO DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Pensativa, Teresa reflete sobre a conversa com a Madre e racionaliza de acordo com a sua perspectiva, como explica o NARRADOR.

INT. / EXT. SEQUÊNCIA CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Teresa começa a construir o culto ao ECCE HOMO.

INT. BIBLIOTECA DO SOLAR – DIA

D. José, sentado a uma mesa com um livro aberto, uma folha, um tinteiro e uma pena de pato no tinteiro, escuta o seu perceptor FREI GUSMÃO, falar sobre a falsidade e a importância da verdade. O pai entra e contrapõe as palavras do frade com a sua visão pessimista do mundo e da mentira. Rindo, D. José levanta-se, dizendo que é tempo de os deixar com as suas contraditórias filosofias de vida, e sai. D. Manuel e Frei Gusmão continuam a discussão.

EXT. FONTENÁRIO NA RIBEIRA GRANDE – DIA

Várias RAPARIGAS enchem os potes na fonte. Alguns RAPAZES solícitos ajudam-nas. D. José chega a cavalo e vê PAULA DO ESPÍRITO SANTO a encher um pote para outra rapariga, que o põe à cabeça e caminha muito direita. Ela olha-o e enche-lhe um púcaro de água que ele bebe sofregamente. Devolve-lhe o púcaro e ela sorrindo afasta-se correndo. Um dos rapazes pergunta-lhe se quer que a chame e ele diz que não e segue-a com o cavalo a passo.

EXT. CAMINHO DO MOINHO NA RIBEIRA GRANDE – DIA

D. José segue com o cavalo a passo. Quando a alcança desmonta e segue ao lado dela com o cavalo pela arreata até ao moinho do pai dela.

EXT. MOINHO NA RIBEIRA GRANDE – DIA

D. José pergunta-lhe se a mãe não lhe vai ralhar por não ter levado a água. Ela ri-se e diz que vive no moinho, por isso têm toda a água que queiram. Dirige-se à porta, vira-se, ri novamente para D. José e entra.

INT. MOINHO NA RIBEIRA GRANDE – DIA

O moinho está a funcionar e o pai ajeita uma das mós. Paula entra, dá um beijo afetuoso ao pai e sobe as escadas para o andar de cima.

INT. /EXT. PALMATÓRIO / CLAUSTRO / NICHOS DO CONVENTO – DIA

A condessa D.^a Mécia visita Teresa e fala da devoção crescente ao Santo Cristo.

INT. GABINETE DA ABADESSA – DIA

A Abadessa faz queixa de Teresa e das suas atitudes ao CONFESSOR. Diz que ela está lá fora à espera, que a mandou chamar. Prudente, o confessor não lhe dá demasiado calor mas diz-lhe que a mande entrar. A Abadessa Catarina do Espírito Santo abre a porta e chama Teresa, que entra.

O confessor tenta dissuadi-la de prosseguir com este novo culto, mas Teresa contra argumenta de forma convincente.

EXT. CAMINHO DO MOINHO NA RIBEIRA GRANDE – DIA

D. José segue Paula com o cavalo a passo e convida-a a subir para o cavalo, mas ela recusa. Ele desmonta e caminha ao lado dela gracejando sobre a estupidez de ir a pé quando se pode ir a cavalo, que vai ficar com calos nos pés por causa dela. Ela ri-se e dá-lhe a receita de uma infusão para aliviar os pés à noite.

INT. /EXT. PALMATÓRIO / CLAUSTRO / NICHOS DO CONVENTO – DIA

O NARRADOR diz que a devoção crescente ao Santo Cristo da condessa D.^a Mécia tornou habituais e regulares as suas visitas a Teresa e ao nicho da imagem, junto ao qual conversava com Teresa. Mas, para aplacar os ânimos da Abadessa, a

Condessa também tomava chá com ela e com outras freiras que ela rotativamente convidava para o seu gabinete.

EXT. CAMINHO DO MOINHO NA RIBEIRA GRANDE – DIA

D. José e Paula seguem o cavalo. Muito sério, ele pergunta-lhe se ela não conhece nenhuma infusão para as patas do pobre cavalo, que vai ficar com as patas doridas de carregar duas pessoas.

INT. CLAUSTRO DO CONVENTO – DIA

O NARRADOR diz que Teresa pediu licença ao PROVINCIAL da ordem para construir uma capela para o Santo Cristo, para isso doando 12.000,00 reis da sua tença. O Provincial aceita, desde que ela consiga o resto do dinheiro para a obra, pois esta despesa não pode ser imputada às contas do convento.

INT. REFEITÓRIO DO CONVENTO – NOITE

À refeição, as freiras fazem espontaneamente as suas doações para a construção da capela do Senhor Santo Cristo. Apanhada de surpresa, a Abadessa aceita, mas impõe como condição que durante a obra a imagem seja retirada para um lugar recôndito e afastado. Contrariada, Teresa aceita contrariada e sai a correr sem acabar a refeição.

EXT. CABANA ISOLADA – DIA

Exterior do "ninho de amor" de José.

INT. CABANA ISOLADA – DIA

Paula e D. José fazem amor.

EXT. NICHOS DA IMAGEM – DIA

Teresa senta-se em frente à Imagem como habitualmente, com as nádegas sobre os calcanhares, a cabeça para trás e os braços abertos, falando com o Senhor.

EXT. JARDIM – DIA

Obra da Capela do Coro Baixo. O jardim está transformado num estaleiro de construção civil. Há uma grande azáfama e rebuliço. Teresa carrega pedra como os serventes. As freiras dão palpites e uma mãozinha aqui e ali muito entusiasmadas. Os CRENTES trazem oferendas para a obra: batatas, um porco, galinhas, anéis, tudo serve para ajudar. Há grande entusiasmo e algazarra.

INT. GABINETE DA ABADESSA – DIA

A Abadessa e o provincial da ordem esperam. Teresa entra de supetão, transpirada e suja da obra. Cena de inquisição.

INT. CABANA ISOLADA – DIA

Visualização do interior do "ninho de amor" de José e Paula. Eles fazem amor.

EXT. JARDIM DA CABANA ISOLADA – DIA

Paula cuida de um jardim medicinal. Apanha algumas folhas que guarda em saquetas diferentes.

INT. CABANA ISOLADA – DIA

Paula prepara mezinhas num almofariz.

EXT. FEIRA – DIA

Paula dá consultas e trata de doentes. A mãe passa e diz-lhe que espera que ao menos tenha arranjado um homem que cuide bem dela, não daqueles que usam as mulheres e deitam fora.

INT. CABANA ISOLADA – NOITE

À luz de velas, Paula prepara um banho quente numa celha, deixando cair folhas medicinais na água quente. Despe-se e entra na água, onde fica de olhos fechados entre as folhas de infusão. José entra, despe-se e entra na celha. Diz-lhe que aquela não é a vida que queria para ela.

INT. SALÃO DO SOLAR – DIA

Um INFORMADOR põe D. Manuel ao corrente do romance do filho. Depois de escutar, o conde diz que é uma paixoneta de juventude, e que quando chegar a altura o filho saberá ocupar o seu lugar. E despede o informador dizendo que tem de se preparar para a Cantata no Convento da Esperança em honra do nascimento de D. João V.

INT. IGREJA DO CONVENTO DA ESPERANÇA – NOITE

As freiras cantam no coro e a assistência ouve. A voz da Madre Catarina do Espírito Santo "Rouxinol" ouve-se como solista.

INT. CASEBRE – DIA

Paula entra no casebre e aplica papas de linhaça no peito de uma criança de faces ao rubro, olhar mortiço e respiração ofegante. Está grávida.

INT. SALÃO DO SOLAR – NOITE

D. Manuel ceia com a esposa, D^a Mécia e com o filho, D. José. D. Manuel anuncia que D. José partirá para a corte no próximo barco, para completar a sua educação e tomar o rumo que lhe está destinado na vida na vida. Acabam a refeição em silêncio.

EXT. CAMINHO – NOITE

O José incita o cavalo, que galopa pela noite.

EXT. CABANA ISOLADA – NOITE

José desmonta

INT. CABANA ISOLADA – NOITE

Paula soergue-se na cama. José entra. Eu sei - diz ela - Chegou a hora.

INT. SALÃO DO SOLAR – NOITE

D. José fala com o pai para garantir que Paula e o filho que espera não ficam desamparados. a conversa é tensa.

INT. CABANA ISOLADA – NOITE

Paula e José amam-se com desespero pela última vez.

INT. JARDIM DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Teresa lê a carta de D. José pedindo ajuda para Paula, lembrando a crueldade do tratamento popular e eclesiástico para com as mães solteiras. VOZ OFF de D. José.

INT. / EXT. SEQUÊNCIA

Na cabana isolada, Paula prepara uma mezinha que toma.

Teresa continua a ler a carta com VOZ OFF de D. José.

Paula sente-se mal e entra em delírio febril.

Teresa continua a ler a carta com VOZ OFF de D. José.

Paula aborta.

Teresa continua a ler a carta com VOZ OFF de D. José.

D. Manuel visita Paula e oferece-lhe uma bolsa de dinheiro e diz que como condição quer a criança quando nascer. Paula recusa o dinheiro e diz que no seu ventre já nada há que pertença à sua casa. D. Manuel sai atirando desdenhosamente a bolsa para o chão.

Teresa acaba de ler a carta com VOZ OFF de D. José.

EXT. NICHOS DA IMAGEM – DIA

Teresa pede conselho ao senhor

INT. GABINETE DA ABADESSA – DIA

Teresa pede autorização à Abadessa para chamar o conde.

INT. GABINETE DA ABADESSA – DIA

Teresa recebe o conde e inteira-se do que fora feito em relação ao assunto de D. José e Paula. O conde responde e dá-lhe conta do sucedido com rispidez e desdém, marcando bem a distancia que o separa de uma mãe como ela. Quando sai a Abadessa regressa.

EXT. NICHOS DA IMAGEM – DIA

Teresa fala novamente com a Imagem.

EXT. SEQUÊNCIA DAS OBRAS DA CAPELA – DIA

A construção da Capela do SSC está avançada. Teresa manda assoalhar a capela com madeira que o comerciante GUILHERME FICHER tinha emprestado para andaimes. O confessor chama-lhe a atenção que a madeira não era do convento e que o dono pode aproveitar-se de já ter sido inutilizada. Mas quando ela fala com o comerciante, este oferece a madeira.

Os fiéis continuam a afluir, pedindo mercês e proteção ao senhor e trazendo oferendas.

Depois de resolvido o problema da madeira de Fisher, Teresa comenta com o confessor que será necessário folha de ouro para dourar o arco da capela e o confessor irônico diz que ela resolva como resolveu a questão das tábuas do soalho.

INT. CLAUSTRO – DIA

Teresa recebe Paula. As duas conversam. Teresa diz-lhe que D. José instituiu uma tença para que ela ficasse no convento, mas que ela deve esquecê-lo, pois o seu rumo já está traçado desde o nascimento.

INT. CLAUSTRO – DIA

Teresa recebe AMADOR TEIXEIRA que pede mercê do Senhor para a sua menina que está à morte com a gripe da época.

INT. CAPELA DO SSCM – DIA

Teresa leva o pai desesperado à imagem. Estão ambos a rezar quando uma freira vem a correr chamá-lo, porque a menina piorou e está a morrer. Quando a menina piora Teresa duvida e questiona o senhor da razão do sofrimento, mas depois a menina melhora miraculosamente.

INT. REFEITÓRIO DO CONVENTO – DIA

D. José e a sua esposa, Constança de Rohan, visitam o convento onde são recebidos com pompa e um lauto buffet pela Abadessa e pelas freiras. Depois pedem para ver a Imagem.

INT. CAPELA DO SSCM – DIA

Os condes ficam-se mudos e respeitosos em frente à Imagem. A condessa faz perguntas. Teresa aproveita o interesse dos condes pelo SSC para pedir uma tapeçaria para a Capela da Imagem e o patrocínio dos condes para uma procissão com a Imagem, passando pelos vários conventos da cidade, ao que D. José acede de imediato. Teresa agradece e ele segreda-lhe que não se atreveria a contrariá-la, pois sabe que tem a mão pesada. E sai, deixando Teresa atrapalhada. A Abadessa acompanha-os.

INT. CLAUSTRO – DIA

A Abadessa acompanha os condes à saída. As freiras dirigem-se de volta ao refeitório. A Abadessa regressa quando Teresa sai da Capela e repreende-a asperamente pela ousadia de propor a procissão sem a consultar primeiro, gerando uma discussão entre as duas.

INT. CAPELA DO SSCM – NOITE

Teresa faz vigília junto da Imagem, expondo as suas dúvidas ao Senhor.

EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Chove a cântaros.

INT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

A abadessa diz que vão ficar ensopadas, que o melhor é cancelar a procissão. Teresa diz que as pessoas vieram de muito longe, que não podem cancelar e que é preciso ter fé. Entretanto a chuva pára.

EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

A chuva parou e a procissão sai. O andor é transportado pelos mais importantes dignitários da ilha, incluindo o conde D. José.

EXT. SEQUÊNCIA CONVENTOS DE PDL – DIA

A procissão passa pelos vários conventos da cidade.

EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

A procissão regressa e entra na igreja. As pessoas acenam com os lenços quando as portas se fecham.

DISSOLVE

EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

O espaço em frente ao convento está vazio. Chega a carruagem do conde.

INT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

A Abadessa Catarina recebe o conde, que trás consigo um criado carregando uma carpete para colocar na capela do altar do SSC e um ramo de flores. A Abadessa agradece e o conde pede para falar com a Madre Teresa a sós. Teresa chega e a Abadessa sai com o criado para levarem a carpete para a capela. O conde agradece a ajuda com Paula, para quem trouxe as flores e deseja vê-la, mas Teresa recusa o papel de alcoviteira e dissuade-o de reatar com Paula, que já sofreu demasiado, sugerindo que ofereçam as flores ao SSC.

INT. CAPELA DO SSCM – DIA

Teresa ajuda o conde a colocar as flores no altar. Ele anuncia que sua Majestade acedeu ao seu pedido e que doravante haverá uma tença anual para o azeite, para manter em permanência uma lâmpada junto ao altar.

INT. SEQUÊNCIA NO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA/NOITE

NARRADOR: guerra pela eleição do novo provincial da ordem, entre os partidários de Frei Agostinho de S. Francisco e Frei João da Fé.

INT. REFEITÓRIO DA ESPERANÇA – DIA

Teresa opina que a guerra para o provincialato não lhes diz respeito, ao que a Abadessa diz que só a ela compete decidir o que lhes diz respeito ou não. Grande discussão entre as duas.

INT. CAPELA DO SSCM – DIA

Teresa conversa com o Senhor, desabafando e procurando orientação.

INT. SEQUÊNCIA NO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA/NOITE

Teresa lança-se na tarefa de angariar prata para um Resplendor para a Imagem. Ronda os dormitórios pedindo objetos de prata. De Santo André, Jerónima do Sacramento manda-lhe dois grandes anéis. Na Esperança, Teresa pede a JOANA BAPTISTA uma boceta de prata maciça que daria um grande avanço para conseguir a quantidade de prata que necessitam. Joana recusa e Teresa ameaça-a.

INT. CELA DE JOANA BAPTISTA – NOITE

Joana Batista contorce-se de dores. Chamam Teresa e quando chega Joana acusa-a de ser vingativa.

INT. REFEITÓRIO – DIA

Joana entra e em silêncio atira com a boceta para a frente de Teresa, dizendo "Bruxa".

SOBREPOSIÇÃO NAS CENAS ANTERIORES

INT. SEQUÊNCIA NO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Teresa lê uma carta de D. José a dar-lhe conta de que conseguiu que o melhor joalheiro da corte fizesse o resplendor sem custos, graças a um milagre obtido com uma relíquia que levava consigo. A voz de Teresa dá lugar à VOZ OFF de D. José.

INT. SALA NO CONVENTO – DIA

Teresa discute com o irmão Brás, que não quer doar os canários.

INT. GABINETE DA ABADESSA – DIA

A Madre diz ao Visitador, Frei FULGÊNCIO que mandou chamar Teresa devido à sua obsessão pela Imagem. Teresa entra e há novo confronto. Teresa sai e Frei Fulgêncio aconselha prudência à Madre Abadessa.

INT. CAPELA DO SSCM – DIA

Teresa ajoelha-se e pede ajuda e orientação ao Senhor.

EXT. PONTA DELGADA – DIA

O NARRADOR fala de uma nova crise sísmica enquanto a terra treme.

INT. SEQUÊNCIA NO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA/NOITE

A terra treme. As freiras alvoroçadas reúnem-se na igreja e rezam o terço.

INT. IGREJA DO CONVENTO DA ESPERANÇA – NOITE

As irmãs rezam o terço. HÁ UM FORTE BATER na porta da igreja e BRADOS do exterior. A Abadessa vai abrir. Em delírio, o povo encabeçado pelos notáveis da terra pede que a imagem saia em procissão para acalmar a ira de Deus. Enquanto o povo fica esperando lá fora, os notáveis entram e renovam o pedido. A Madre autoriza antes que Teresa possa falar.

EXT. SEQUÊNCIA CONVENTOS DE PDL – DIA

A procissão passa por vários conventos da cidade. Descalços, os notáveis, incluindo o conde, carregam o andor com a imagem. A multidão canta "Misere mei Deus".

EXT. CONVENTO DE SANTO ANDRÉ – DIA

A procissão passa pelo convento quando um novo abalo faz cair a Imagem no chão. Apressam-se a levantá-la. Teresa corre para ela e limpa-lhe o pó e anuncia que está intacta. Alguém grita "milagre". Os flagelantes que incorporam a procissão martirizam-se mais. Os fiéis pedem a Deus que suspenda a sua vingança. Aterrada

Teresa diz à Madre que aquilo não é religião, que Deus não quer isso. A Madre diz que cada um sabe o tamanho do seu pecado.

EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

PLANO GERAL do convento

DISSOLVE

EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – NOITE

PLANO GERAL do convento

INT. GABINETE DA ABADESSA – DIA

A Abadessa Madre Catarina do Espírito Santo escreve à secretária. O NARRADOR diz que o governo do convento se tornou muito pesado para a idade e para uma saúde em deterioração pelo que outra Madre foi eleita.

DISSOLVE

INT. GABINETE DA ABADESSA – DIA

A nova Abadessa MADRE LUÍSA DE SÃO BRÁS escreve à secretária na mesma posição que a antiga Madre.

INT. CELA DA MADRE CATARINA DO ESPÍRITO SANTO – NOITE

A Madre Catarina está na cama, doente. Teresa visita-a e têm uma última conversa, que começa algo animosa, mas que depois é de compreensão mútua.

EXT. SEQUÊNCIA CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA/NOITE

O NARRADOR diz que Teresa continua a sua luta para dar mais brilho à sua Imagem, dotando-a dos símbolos de riqueza e dignidade que julga apropriados à natureza divina da sua pessoa, com o contributo dos ricos e poderosos e dos pobres e desprotegidos. E dá o exemplo da sua coleção de capas, oferecidas por gente tão dispare como a rainha D^a Maria Ana de Áustria, a condessa da Ribeira

Grande e populares anónimos. Os milagres sucedem-se, ou pelo menos as suas histórias e a sua fama.

EXT. SEQUÊNCIA – DIA/NOITE

O milagre da CONDESSA DO SEIXAL.

EXT. SEQUÊNCIA – DIA/NOITE

O milagre da FILHA DO SAPATEIRO.

EXT./INT. SEQUÊNCIA CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA/NOITE

O NARRADOR diz que a sua fama de santo milagreiro era um poderoso instrumento para Teresa continuar a sua luta para conseguir os meios materiais para dar mais brilho à sua Imagem e para acumular o que seria conhecido pelo seu tesouro.

EXT. SEQUÊNCIA – DIA/NOITE

O milagre relatado por carta. "Mas nada disso alterou a índole justa, teimosa e por vezes irascível de Teresa", diz o NARRADOR.

INT. SEQUÊNCIA SALA / REFEITÓRIO / IGREJA – DIA

A IRMÃ MARIA DOS ANJOS lança o falatório venenoso sobre Paula, dizendo que é amásia do conde e que por isso não comunga na missa. Teresa confronta-a na igreja quando ela sai da fila da comunhão quando Paula entra e esbofeteia-a.

INT. CLAUSTRO – DIA

O PROVINCIAL convida Teresa para Abadessa, mas ela recusa.

INT. CLAUSTRO – DIA

Teresa recebe um inglês descrente, com que tem uma conversa sobre razão e religião.

INT. CAPELA DO SSCM – DIA

Teresa continua a conversa com o inglês descrente em frente ao Senhor, que ele desejara ver.

INT. CLAUSTRO – DIA

Teresa despede-se do inglês descrente.

EXT./INT. SEQUÊNCIA – DIA/NOITE

Sequência dos Cenários da vida de Teresa, enquanto o NARRADOR fala da doença, agonia e morte de Teresa.

Sangramento das veias e outras profanações para obter relíquias de Teresa.

INT. IGREJA DA ESPERANÇA – DIA

Exéquias e Funeral

EXT. CAMPO DE S. FRANCISCO – DIA

Procissão do SSCM na atualidade.

Anexo VI

Componente Prática

Da Anunciada

Adaptação televisiva de Manuel Bernardo Cabral
do romance original de Madalena San-Bento

ARGUMENTO / GUIÃO TELEVISIVO

Índice

1º Episódio.....	3
Teresa de Jesus.....	5
2º Episódio.....	61
Teresa da Anunciada	63
3º Episódio.....	121
Ecce Homo.....	123
4º Episódio.....	181
Paula e José	183
5º Episódio.....	239
A Procissão	241

NOTAS

Dada a natureza do texto, optou-se por não traduzir nem colocar em itálico os termos técnicos em língua inglesa utilizados neste guião.

Dada a formatação gráfica do guião, optou-se por um espaço entre linhas inferior ao da componente teórica e da Step Outline.

DA ANUNCIADA

1º EPISÓDIO

TERESA DE JESUS

FADE IN

1. EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

PG PICADO da festa. SOM AMBIENTE da festa.

IMAGEM DO SENHOR SANTO CRISTO DOS MILAGRES na Procissão.

SLOW ZOOM IN contínuo para GP da Imagem.

GENÉRICO INICIAL

OVERLAP DISSOLVE

2. EXT. MAR – DIA

SUPERIMPOSIÇÃO da Imagem no mar.

GENÉRICO INICIAL

DISSOLVE

3. EXT. MAR – DIA

Um mar tempestuoso bate na rocha.

GENÉRICO INICIAL

DISSOLVE

4. EXT. VULCÃO – NOITE

Um VULCÃO está em plena erupção, explodindo em rubros de lava na negrura da noite, e escorrendo em rios vermelhos que se vão enegrecendo. RUÍDO DA ERUPÇÃO.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

No início foi o fogo.

(pausa)

E o fogo fez-se pedra.

DISSOLVE

5. EXT. ILHA – DIA

PLANOS de campo em laje de pedra vulcânica.

Vegetação a irromper pelas fendas das lajes de pedra.

NARRADOR/SSCM
(V.O.)
E da pedra brotou o milagre da vida.

6. EXT. PAISAGEM ARBORIZADA – DIA

CHILREAR DE PÁSSAROS. Paisagem do Priolo. MIX para vagos GEMIDOS OFEGANTES de parto.

FADE TO NIGHT

7. EXT. PAISAGEM ARBORIZADA – NOITE

CHOVE. Continuam os vagos GEMIDOS OFEGANTES de parto.

8. EXT. CAMINHO – NOITE

Um VULTO embuçado caminha na CHUVA da noite com uma lanterna de vela na mão. Os ainda vagos GEMIDOS OFEGANTES de parto estão agora mais fortes.

9. EXT. CASA - NOITE

O embuçado caminha para a porta, abre e entra. Os GEMIDOS OFEGANTES de parto são agora mais audíveis.

10. INT. COZINHA - NOITE

Os GEMIDOS OFEGANTES de parto são agora plenamente audíveis. O vulto embuçado tira o capote e pendura-o num prego atrás da porta. É JERÓNIMO LEDO PAIVA, que vagarosamente se senta à mesa com um esgar de dor. Na mesa uma tigela e um bule fumegante. No lume uma chaleira de ferro ferve a água. Num esgar de sofrimento Jerónimo serve-se de uma tigela de chá. Ouve-se um GEMIDO OFEGANTE mais forte.

11. INT. QUARTO DE CAMA - NOITE

MARIA DO REGO QUINTANILHA tem o rosto desfigurado e luta pela vida.

À volta do leito baixo onde se encontra, o chão está pingado de sangue e líquidos internos; a única janela de portadas tem os ferrolhos cerrados. O suor do medo é palpável.

A PARTEIRA e uma MULHER MAIS NOVA abrem-lhe de novo as pernas, puxando as coxas inchadas para o lado, e uma MULHER À CABECEIRA desvia-lhe as madeixas húmidas que a touca deixara escapar para a testa.

Por entre a púbis um soro mole e agora esverdeado escorre para os lençóis e Maria Quintanilha GEME quando a Parteira se inclina sobre o seu ventre, para tocar e espreitar para dentro dela.

PARTEIRA

(murmúrio)

Valei-me Santa Teresinha!

(a limpar a mão no enrodilhado
das vestes)

Ainda nem lhe vejo a cabeça. Temos que
espremê-la.

MULHER À CABECEIRA

Esta pobre não aguenta mais.

A Parteira arremessa-lhe um pano de estopa.

PARTEIRA

Tranca-lhe os dentes com isto. Ela que
morda.

A Mulher à Cabeceira soergue pelos ombros a parturiente, enquanto a Mulher Mais Nova sai.

Começam então, lentamente, as mãos da Parteira a percorrer o ventre da mulher deitada, mas só pelo rolar dos olhos escancarados se pode presumir o quanto esta operação se vai tornando insuportável.

A Mulher Mais Nova regressa com uma chaleira preta e pesada de ferro, fumegante, e verte o líquido em duas grandes tinas de barro aos pés da cama, que têm uma mistura jazente de ervas. O vapor de água sobe em haustos oleosos,

Maria Quintanilha sente-se rasgar. Alagada em suor, o seu espírito enfraquecido já quase sobrevoa o momento em que jaz na cama, sob as mãos da parteira, que a interpela para prendê-la à realidade.

PARTEIRA

Chamas-te Maria do Rego Quintanilha. E
ainda não cumpriste a tua sina.

Uma dor superior às outras, puxa Maria Quintanilha de volta à humidade do leito.

MARIA QUINTANILHA

(ofegante, esgar de dor)

Chamo-me Maria do Rego Quintanilha.
E ainda não cumpri a minha sina.

Crava as mãos no colchão de folha, arremessa o corpo em arco e engole o ar, entrecortado.

A criança rompe-lhe a pele com um VAGIDO triunfal.

Agora repousada, Maria Quintanilha sente o cheiro da filha, abrindo ainda mais as narinas e aspirando na sua direção, e o roçar da nova e tenra pele, nos breves instantes em que a pousam entre os seios nus, numa maravilhosa sensação de paz.

Jerónimo entra no quarto olhando desajeitado as duas, sob um riso nervoso e deslocado.

MARIA QUINTANILHA

Vai chamar-se Teresa.

JERÓNIMO

Teresa porquê?

MARIA QUINTANILHA

Pela ajuda de Santa Teresa de Ávila que me valeu nessa hora que passei e que julguei que morria.

Ele assente em silêncio.

Carregado de dores e exausto, Jerónimo deixa as mulheres a limpar o quarto.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Poupara a mãe para esta filha, para esta casa de treze filhos, a maior parte criados, uma vez que o pai estava junto ao cais da partida.

12. INT. COZINHA – NOITE

A claridade esparsa da madrugada cõa-se pela bandeira da porta e pelas janelas de postigo, derramada pela cozinha. Um galo CANTA. Tentilhões, estorninhos e melros CHILREAM. A água na chaleira escura BORBULHA sobre um lume consolador sob as panelas penduradas no lar de pedra. Jerónimo entra vagaroso, olhando atentamente cada canto.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Ele próprio, adivinhavam ambos, estava tão doente que brevemente morreria.

Pensativo, Jerónimo dirige-se à mesa e deixa-se cair numa cadeira com um ar exausto. Volta a servir-se do chá do bule para a malga e fica a sorver o líquido olhando o vazio.

13. INT. QUARTO DE CAMA – NOITE

As mulheres limpam o quarto. De joelhos, uma esfrega o chão, enquanto outra sai a despejar uma celha de água suja. A parteira faz uma trouxa com os lençóis sujos do parto. Num ZOOM IN lento a câmara aproxima-se da mãe e da filha, escondendo a azáfama das limpezas em redor.

NARRADOR/SSCM
(V.O.)

Estava-se a 25 de Novembro de 1658 e assim nascia Teresa de Jesus, filha de Maria do Rego Quintanilha e de Jerónimo Ledo de Paiva, cujo destino, sob o nome de Teresa Da Anunciada ficaria para sempre ligado ao meu.

DISSOLVE

14. EXT. MAR – DIA

Um vagalhão varre o quarto de cama de Maria Quintanilha, dissolvendo-o da imagem.

15. EXT. CONVENTO DA CALOURA – DIA

As ondas batem na rocha, atrás do Convento da Caloura.

NARRADOR/SSCM
(V.O.)

Cheguei a esta ilha na primeira metade do séc. XVI, como doação do papa Paulo III, ou talvez mesmo do seu antecessor, Clemente VII, às irmãs Clarissas que se haviam instalado na Caloura.

VÁRIOS PLANOS do Convento e da Igreja.

NARRADOR/SSCM
(V.O.)

Mas a localização do convento, isolado à beira mar, tornava-o presa fácil de piratas e corsários, pelo que as irmãs Clarissas transferiram-se (cont.)

16. EXT. CONVENTO DE SANTO ANDRÉ EM VFC – DIA

NARRADOR/SSCM
(V.O. – continuação)
para o Convento de Santo André em Vila
Franca do Campo (cont.)

17. EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

VÁRIOS PLANOS do Convento e da Igreja.

NARRADOR/SSCM
(V.O. – continuação)
e para o Convento da Esperança, em
Ponta Delgada, para onde a Madre Inês
de Santa Iria teve a gentileza de me
levar.

18. INT. CORO BAIXO IGREJA DO SSCM – DIA

ZOOM IN lento para a imagem do SSCM.

NARRADOR/SSCM
(V.O.)
Alguns dizem no entanto, que cheguei
um século mais tarde, mercê del rei D.
Filipe III a D. Rodrigo da Câmara, que me
ofertou às Freiras Clarissas do Convento
da Esperança.
(pausa)
Mas pouco importa quando e como aqui
cheguei.

19. INT. QUARTO DE CAMA – NOITE

Deitada na cama, com ar sereno, Maria do Rego Quintanilha olha embevecida a recém-nascida Teresa de Jesus.

NARRADOR/SSCM
(V.O.)
O que importa é que foi nessa noite de
25 de Novembro de 1658 que a nossa
história começou.

FADE OUT

FADE IN

20. EXT. PORTO DE VILA FRANCA – DIA

Um batel aproxima-se do cais com MANUEL BALTAZAR DA CÂMARA e a esposa, D^a MÉCIA. Em cima do cais aguarda-o a mãe de D. Manuel, D^a MARIA COUTINHO e COMITIVA. O batel encosta e os condes sobem para o cais, ele emplumado, com uma capa de veludo escarlate e peitilho de rendas; ela, apertada num corpete de nervuras e frisos, a gola alta e bicuda a emoldurar-lhe o pescoço e o peito alvos, os sapatinhos de pelica pontiagudos, um pouco mais alta do que o usual nas mulheres, inclina a cabeça num meneio.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Foi na nau de 1659 que chegou Manuel Luís Baltazar da Câmara, Capitão do Donatário da ilha de S. Miguel, com sua esposa, D^a Mécia de Miranda. O casal vinha belo, feérico mesmo, para o que era usança nas ilhas.

Uma FANFARRA toca e a comitiva dá os cumprimentos de boas vindas ao casal. Um DIGNITÁRIO lê um discurso, abafado pela FANFARRA. D^a Maria Coutinho beija o filho em ambas as faces e a nora.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Manuel Baltazar chegava com o título de conde da Ribeira Grande, vila que ia escolher para sua morada de eleição, onde os festejos de boas vindas se ultimavam.

O Dignitário enrola o pergaminho e toma o braço de D. Manuel, enquanto caminham todos pelo cais.

DIGNITÁRIO

Verá vossa Exa. a receção que lhe preparamos na Ribeira Grande. Não falta nada. Saltimbancos, foliões, torneio de canas, touros... e comida então... um verdadeiro banquete para

todos, na melhor tradição do Senhor
Espírito Santo.

21. EXT. CENTRO DA RIBEIRA GRANDE – DIA

FESTA DE RECEÇÃO DOS CONDES. Há Barracas de comida, vendedores de toda a espécie, mendigos, encantadores de serpentes, jograis, músicos, etc. Moços provocam as raparigas com PIROPOS, a que ALGUMAS RESPONDEM EM DESAFIO e OUTRAS viram as costas em silêncio.

BARULHO DE ARRAIAL

Numa barraca, a curandeira BRÍGIDA examina a garganta de um MENINO, dá à MÃE um molhe de ervas explicando como tomar. UM HOMEM aguarda. A mãe paga e sai com a criança. O homem destapa um braço mostrando uma enorme chaga. Brígida pega num unguento, aplica na ferida e põe uma compressa. Maria Quintanilha passa com JOANA (5 anos) e Teresa BEBÉ. Param junto a uma banca de frituras e a mãe compra uma "malassada" para Joana e outra para si.

ALGUNS HOMENS E RAPAZES apinham-se em frente a uma barraca tapada por um grande reposteiro. O reposteiro abre-se e UM HOMEM sai. A PROSTITUTA, meio descomposta numa bata vermelha sem mangas, entreaberta revelando um seio à mostra, assoma e dirige-se ao grupo.

PROSTITUTA

O seguinte!

UM RAPAZ avança. Maria Quintanilha e as filhas passam ao largo e deambulam pela festa em direção ao terreiro das justas.

22. EXT. TERREIRO DO TORNEIO DE CANAS – DIA

O espaço do torneio é um retângulo delimitado por cordas. Num dos lados umas bancadas improvisadas ladeiam um camarote central, onde D^a Maria Coutinho, D. Mauel e D^a Mécia assistem a uma justa com uma PEQUENA COMITIVA, onde pontua D^a LUZIA, uma bela dama muito jovem e outra AIA DE MEIA-IDADE. Maria Quintanilha senta-se com as duas filhas numa bancada em frente ao camarote e faz uma ligeira vénia respeitosa nessa direção, a que Maria Coutinho responde com um ligeiro aceno.

D. MANUEL

Quem é aquela minha mãe?

Dª MARIA COUTINHO

É Dona Maria Quintanilha, viúva de Jerónimo de Ledo Paiva, que foi um dos nossos melhores rendeiros.

AIA DE MEIA-IDADE

Tem um jeito de mãos que não é deste mundo...

Dª LUZIA

(maldosa)

Não lho tenha ensinado o demo...

AIA DE MEIA-IDADE

Credo, mulher

(arrepia-se fazendo o sinal da cruz)

Longe de mim! Se bem que ainda ontem...

Dª LUZIA

Ainda ontem...?

Maria Coutinho e os jovens condes seguem a conversa meio divertidos enquanto olham o desenrolar do torneio.

AIA DE MEIA-IDADE

Aquelas coisas, aqueles ditos... pôs-se toda longe, fora do mundo e disse que Francisco, o filho desregrado, estava a caminhar em direção ao abismo. Disse que a porta ficara aberta e que ele preferira o alçapão.

Dª LUZIA

Ah, bem que dizem que aquilo, já quando veio daquelas bandas do Nordeste, trazida por um homem que mal conhecia... dizem que as freiras muito a amarraram, mas ela é entreaberta desde a nascença.

AIA DE MEIA-IDADE

(pensativa)

Pois! Até me deu os sentimentos horas antes de minha mãe morrer... E sempre tão sobre si, tão pensativa, cisma horas como que levantada do chão, que até dá medo.

D^a LUZIA

Jerónimo de Paiva é que foi a sua salvação. Se não era ele, andava de noite a saltar por esses montes, com as bruxas.

AIA DE MEIA-IDADE

(ríspida)

Mas ela não faz mal feitos, mulher de Cristo!

D^a LUZIA

E tu sabes, e tu vês?... Ela que sabe o futuro, coisa boa não é! Pobres pequenas... estas mais novas, então... algum dia desaparece a mãe numa nuvem de fumo.

AIA DE MEIA-IDADE

(persignando-se)

Arrenego...

D^a MARIA COUTINHO

(ríspida e autoritária)

Chega de disparates! D^a Maria do Rego Quintanilha... (cont.)

23. INT. SALÃO DO SOLAR – DIA

Salão nobre de solar do séc. XVII. D. Manuel, D^a Mécia, D^a Maria Coutinho e o franciscano FREI BELCHIOR DE S. FRANCISCO, sentados em frente à lareira, bebem um vinho licoroso.

D^a MARIA COUTINHO

(continuação)

... tem uma casa para salvar, sobretudo essas duas últimas filhas sem outrem que lhes valha. Felizmente que os restantes já estavam a caminhar pelos seus pés quando deram o pai à cova. Homem sério e trabalhador, soube construir uma casa farta.

(pausa)

Mas a doença pode mais.

D. MANUEL

Deixou dívidas?

D^a MARIA COUTINHO

Não. Deixou as rendas pagas, as terras entregues e a casa de família. Mas agora tudo cai sobre Maria Quintanilha, que faz o que melhor sabe: Finos trabalhos de mãos, rendas, filigranas e retrós, fios entretecidos com ouro, bordados marchetados a pérola e a prata ou simples enredos de espuma branca e transparente.

(apontando uma toalha
bordada sobre um aparador)

Milagres que consegue através de agulhas, fios de seda e panos escolhidos.

D. MANUEL

Dá-lhes para viver?

D^a MARIA COUTINHO

O que ganha é suficiente para mantê-las, mas nunca chegará para dotar as filhas ou providenciar-lhes um futuro.

D^a MÉCIA

Mande chamá-la, pois vou necessitar de uma boa bordadeira.

D^a MARIA COUTINHO

Mandarei recado. De qualquer modo é ela que nos faz todo o serviço desse género no solar. Obra também para os conventos e igrejas, pois a perfeição dos seus artifícios corre fama até Ponta Delgada.

D. MANUEL

E a ilha? Pelo que sei continua farta.

FREI BELCHIOR

A mão de Deus foi pródiga com estas ilhas. Gados, cereais, frutas ... e a essas juntam-se agora a fava, o tremço, a batata, a abóbora ... Isso para não falar dos panos, que vendem muito bem para o Brasil e para a Madeira.

D. MANUEL

Vendem bem, mas podem vender melhor. Venho com a ideia de construir uma fábrica de panos, pois como está não se tira o melhor rendimento.

FREI BELCHIOR

Isso vai significar mais desenvolvimento local.

D^a MARIA COUTINHO

E melhores rendas.

Maria Coutinho leva o cálice à boca e bebe pensativa.

FADE IN SOM DE RUA MOVIMENTADA

24. EXT. RUA NA RIBEIRA GRANDE – DIA
SOM DE RUA MOVIMENTADA

Passeiam na calçada de pedra uma mescla de figuras: NOBRES envolvidos em capas, com sombreiros emplumados e riquíssimas empunhaduras de espada à cinta, BURGUESES nos seus gibões de veludo negro, FRADES PEDINTES de sacola ao ombro, ESCRAVOS ajoujados sob cestos e fardos, no seu passo ligeiro; MULHERES do campo e RAPARIGAS do povo, de saias ásperas e vivas, blusas brancas e lenços coloridos, todos na azáfama do dia.

25. INT. SÓTÃO DA CASA DE M^a QUINTANILHA – DIA

Maria Quintanilha borda com as duas filhas mais novas sentadas no chão a seu lado. Joana, 10 anos, também borda. Teresa, 6 anos, aperta um PINTAINHO entre as mãos. Mais alguns PINTAINHOS passeiam pelo chão.

JOANA

Mãe, ensine a Teresa a ajudar-nos, que já se faz grandinha!

M^a QUINTANILHA

Teresa, deixa os pintainhos e dá uma ajuda. Vá, eu ensino-te.

TERESA MENINA

Preciso de aquecê-los!

M^a QUINTANILHA

(paciente)

Pelo amor de Deus! Não és uma galinha chocadeira!

M^a Quintanilha põe de lado o bordado.

M^a QUINTANILHA

Mas está bem. Vou continuar a ler-vos a história de Santa Teresa de Ávila.

Tira da cesta dos bordados um livro com o título “Vida dos Santos” e abre-o no sítio marcado.

Joana pousa o bordado e olha para a mãe atentamente. Teresa aconchega mais o pintainho junto à face. Maria Quintanilha começa a ler.

GP Maria Quintanilha. ZOOM OUT para PG das três.

MARIA QUINTANILHA

E Teresa de Jesus dizia: “Nada te perturbe, nada te espante, tudo passa! Só Deus não muda. A paciência, por fim, tudo alcança. Quem a Deus tem, nada lhe falta, pois só Deus basta”.

Maria Quintanilha continua a ler e as filhas escutam com muita atenção.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

São ambas de índole muito diferente estas duas irmãs. Joana é nervosa, arredia, introspectiva e um pouco mórbida. Teresa desabrocha alegre, explosiva, leve e extrovertida.

26. EXT. QUINTAL – DIA

SEQUÊNCIA DE MONTAGEM

Teresa no portão do quintal interroga os passantes, irrequieta.

TERESA MENINA

Frade, o que levas na sacola?

(pausa)

Será que Deus escorrega pela seda do arco-íris?

(pausa)

Viu aquele pássaro lá alto?

(pausa)

Onde moras, menina? Porque trazes a saia subida?

(pausa)

De que é feito o sol?

(pausa)

Quem penteia os anjos?
(pausa)
Encontraste ratos? ...
(pausa)
De que tecido é feito o manto da Virgem?
(pausa)
Dói-lhe muito essa ferida, senhora? Tem fome?
(pausa)
O que é a guerra do reino?
(pausa)
O que há para lá do mar?

Teresa continua a dirigir-se a transeuntes.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Tudo o que em Teresa era doçura de Deus, júbilo da criação, salvação e prémio, tornava-se em Joana justiça inclemente, temor ao Juiz Supremo, perdição e castigo.

27. INT. QUARTO DE JOANA E TERESA – DIA

Joana coloca um cilício.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Teresa cresce, num deslumbre de tudo. Joana aterrorizada pelas bíblicas vinganças e as penas do Inferno.

28. INT. COZINHA – DIA

Joana transporta lenha para a cozinha, pondo mais uma acha debaixo de um panelão com água a ferver.

Joana lava um panelão de ferro.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Em casa Joana labuta, transporta a lenha, lava os panelões de ferro.

29. EXT. QUINTAL – DIA

Teresa, com um pequeno avental sobre a saia, corre atrás dos pintainhos.

Teresa dá leite a gatinhos pequenos.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Teresa, um pouco indolente, acariciada pelo mimo da mãe e desculpada pela caçulice, embala os pintos, verte a água do jarro e dá leite aos gatinhos vadios.

Maria Quintanilha chama a filha da porta do quintal.

MARIA QUINTANILHA

Teresa. Vem, vamos sair.

Teresa dirige-se à mãe.

TERESA MENINA

Aonde vamos?

MARIA QUINTANILHA

À missa.

TERESA MENINA

Temos que ir?

MARIA QUINTANILHA

Que pergunta é essa, minha filha? Tira o avental e vem. Não queres ver Deus?

TERESA MENINA

Quero, mas Deus também está no quintal.

MARIA QUINTANILHA

No quintal?

(pausa)

Claro! Deus está em toda a parte. Mas devemos ir falar com Ele à igreja, que é a sua morada.

TERESA MENINA

Mãe, gosto mais de falar com Ele enquanto brinco, no quintal...

MARIA QUINTANILHA

(firme)

Teresa! Vem!

30. EXT. RUA DA RIBEIRA GRANDE – DIA

Entre Joana e a mãe, Teresa caminha olhando em volta. Um grupo de CRIANÇAS chapinha na ribeira em grande algazarra e Teresa pára a observá-las. A mãe continua a andar e Joana toma-a gentilmente pela mão.

JOANA

Vamos Teresa. Uma menina da nossa condição não pode brincar ali com eles.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Embora sisuda e grave, Joana dedica à irmã uma proteção e carinho enternecedores.

Continuam ambas atrás da mãe, cruzando-se com um PEDINTE, uma RAPARIGA a cantarolar sob uma trouxa da roupa, RAPAZES que passam a correr em grande algazarra atrás de um CÃO vadio.

31. INT. SALÃO DO SOLAR DOS CONDES – DIA

A condessa atravessa o salão falando com Maria Quintanilha. Detêm-se junto a uma mesa enorme e a condessa, mostrando a toalha que a cobre, dá explicações a M^a Quintanilha.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Com D^a Mécia os salões tomam novo brilho. Os condes trazem outro fulgor ao solar, e todo o povoado parece contagiado por esse rumor palaciano que as suas pessoas transportam.

32. EXT. CONVENTO DOS FRANCISCANOS – DIA

PLANOS da fachada da igreja e do convento.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Até o sóbrio convento de S. Francisco, onde tomam confessor, começa a ganhar pompa.

33. EXT. VISTA PANORÂMICA DA RIBEIRA GRANDE – DIA

PLANO GERAL do RG com tempo muito nublado.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Mas algo ensombrecia esse tempo de “renaissance”.

(pausa)

A condessa não consegue procriar.

34. INT. QUARTO DOS CONDES – NOITE

D. Manuel e D^a Mécia fazem amor conjugal.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Os momentos naturais de paixão que a ligam com frequência ao seu legítimo marido não têm qualquer fruto. A condessa estimula-se, embeleza, dignifica... mas não gera!

35. INT. SOLAR DOS CONDES – DIA

O conde conversa com frei Belchior de S. Francisco, enquanto bebem um vinho licoroso.

D. MANUEL

Uma certa inquietação começa a tomar conta de mim frei Belchior.

(pausa)

Necessito de herdeiro legítimo. É essencial para o futuro desta casa.

FREI BELCHIOR

E a condessa?...

D. MANUEL

Não emprenha. Não é há falta de tentar. E de pedir ao altíssimo.

FREI BELCHIOR

Sim, e sei que têm acompanhado os vossos pedidos com magníficas dádivas e oferendas.

A condessa entra e senta-se junto do marido.

D^a MÉCIA

Temos tentado tudo. Nem Deus, nem os físicos nos valem. Até já me consultei com Brígida, a curandeira.

FREI BELCHIOR

(persignando-se)

Minha Senhora...

D. MANUEL

(displicente)

Deixe-se disso frei Belchior. Ninguém aqui está a ofender o Altíssimo. Só que essa gente sabe coisas... conhece

remédios da natureza... às vezes sabem mais que os físicos.

Frei Belchior recompõe-se.

FREI BELCHIOR

Certo, certo. Não estava a insinuar o envolvimento de vossas senhorias nesse tipo de práticas. Mas penso que devemos deixar essas coisas na mão de Deus.

D^a MÉCIA

Mas é o que temos feito. Já multiplicamos os nossos pedidos de variadas maneiras, sem resposta.

FREI BELCHIOR

Talvez não tenham pedido de maneira a que o senhor vos ouça.

D. MANUEL

Eu tenho feito tudo o que posso para enaltecer o Senhor, bem tendes visto. Oferendas, missas, procissões, a vila toda engalanada. Que mais podemos fazer para que Ele nos conceda essa graça?

FREI BELCHIOR

Talvez pedir-Lhe com humildade.

D. MANUEL

(perplexo)

Humildade?

(pausa)

E o que devo fazer para Lhe demonstrar a minha humildade?

FREI BELCHIOR
(respirando fundo)

Talvez ser humilde, apenas... – sem
temer mostrá-lo à vista dos que vos são
inferiores.

Faz-se um longo silêncio na sala. O conde olha o vazio, pensativo, com a mão na
barbicha. Então encara a condessa.

D. MANUEL
Senhora minha, Dona Mécia, é minha
vontade que entremos amanhã no
convento de São Francisco para assistir
aos festejos, descalços.

A condessa encara o marido com firmeza.

D^a MÉCIA
(voz clara e firme)
Com certeza, meu senhor. É vossa
vontade e também minha. Como iremos
pedir grande graça, há-de ser também
grande a medida da nossa devoção.
Iremos com os pés nus, em terra.

CRESCENDO DE BURBURINHO DE RUA.

36. EXT. LARGO EM FRENTE À IGREJA DO CONVENTO – DIA

A rua está atolada de GENTE DE TODA A SORTE que faz um BURBURINHO geral.
Chega uma liteira. Dela desce D. Manuel, no seu traje de festa, mas descalço e sem
medalhas, correntes ou insígnias. Estende a mão para ajudar a apear Dona Mécia,
que sai também descalça, grave, simples, sem joias, trazendo um véu pela cabeça.
Cai um SILÊNCIO enquanto os dois atravessam o largo em direção à igreja,
deixando as marcas dos pés nus no chão terreiro. Sobem os degraus de pedra do
adro e entram.

FREI BELCHIOR
(voz off)
A humildade, irmãos.

37. INT. IGREJA DO CONVENTO – DIA

A nave da igreja está apinhada. No púlpito, frei Belchior inflama-se no sermão.

FREI BELCHIOR

A humildade! Porque só com a humildade podemos esperar alcançar a graça Daquele cujo Filho foi o maior exemplo de humildade de todos os tempos. A humildade que também o senhor da ilha nos deu hoje tão grande exemplo é o que o Altíssimo espera de nós. Por isso convido todos os presentes a juntar-se-lhe, para pedir a Deus a graça de um herdeiro para aquela casa.

CHORO DE BEBÉ começa a ouvir-se no fim do sermão.

38. INT. ALCOVA DA CONDESSA NO SOLAR – DIA

CHORO DE BÉBÉ. D^a Mécia mostra o bebé a Maria Quintanilha.

D^a MÉCIA

(embevecida)

Vai ser preciso renovar todo o enxoval,
pois o menino está a crescer.

Uma CRIADA pega na criança do berço e começa a embalá-la. D^a Luzia chega entretanto.

D^a MÉCIA

D^a Luzia é a minha aia pessoal. Ela tratará da encomenda consigo, pois tenho que acompanhar o Sr. Conde a Ponta Delgada.

D^a Mécia dirige-se para a porta enquanto M^a Quintanilha e D^a Luzia fazem uma vénia.

39. INT. COZINHA DA MÃE DE TERESA – DIA

Através da porta aberta para o quintal BRÁS DO REGO, irmão mais velho de Teresa, observa-a a jogar à Macaca lá fora. Maria Quintanilha borda à mesa da cozinha, ajudada por Joana.

BRÁS DO REGO

Mãe! Tem que olhar melhor por essa rapariga, sempre sentada na porta da rua ou aos pulos pelo quintal!

MARIA QUINTANILHA

(sorrindo)

É apenas criança.

BRÁS DO REGO

Mas já nem tanto! Também achamos graça quando era mais pequena. E sabemos o quanto a senhora já se sente cansada... mas não criou nenhuma filha como a cria a ela: demasiado livre, demasiado faladora.

(pausa)

Precisa de recatar-se, de fazer algumas tarefas.

MARIA QUINTANILHA

(distráida)

Terá tempo... para já está a aprender a ler com o teu irmão, frei Simão.

BRÁS DO REGO

Pensei que a mãe e minhas irmãs é que a estavam a ensinar.

MARIA QUINTANILHA

Estávamos. Mas o teu irmão chamou a si essa tarefa enquanto cá estiver.

40. EXT. QUINTAL DA CASA DA MÃE DE TERESA – DIA

Teresa pula nos quadrados do jogo da macaca (boneca).

GP da cara de Teresa no momento que se vira para a frente.

TERESA MENINA

(V.O.)

Era aquela seta eleita
Ervada em sulcos de amor,
E minha alma ficou feita
Uma com o seu Criador.

41. INT. COZINHA DA MÃE DE TERESA – DIA

Teresa lê sentada à mesa. Maria Quintanilha e Joana bordam junto à janela que dá para o quintal. Ao lado de Teresa, FREI SIMÃO DO ROSÁRIO, seu irmão frade Capucho, segue a leitura com atenção. Sentado à mesa, Brás do Rego tira um biscoito de uma terrina no centro da mesa, molha-o num copo de vinho licoroso à sua frente e vai bebericando e trincando o biscoito.

TERESA MENINA

Já não quero eu outro amor,
Que a Deus me tenho entregado:
Meu Amado é para mim,
E eu sou para meu Amado.

FREI SIMÃO

Muito bem! O que é que Santa Teresa
de Jesus quer dizer com esse poema?

TERESA MENINA

Que não quer amar nenhum homem
porque se entregou a Deus.

FREI SIMÃO

Muito bem! Então, agora vais escrever
isso que disseste.

TERESA MENINA

Não é preciso. Quero ler para ouvir
histórias, não preciso de contá-las.

SIMÃO

(suavemente)

Mas escrever também é muito importante. Pensa que o pai, que não conheceste, muito gostaria que te aplicasses.

TERESA MENINA

Mas eu tenho um pai. Diz o padre na missa que Deus é nosso pai.

SIMÃO

Pois então... também Ele gostaria que te aplicasses.

TERESA

Para quê?

SIMÃO

Ora, para quê... para seres instruída, para ajudar nos escritos da casa, para não ficares ignorante.

TERESA MENINA

(teimosa)

Mas eu leio, já disse.

Simão vira-se para a mãe, suspirando.

SIMÃO

(resmungando)

É obstinada, esta rapariga.

BRÁS DO REGO

(molhando o biscoito no vinho)

É obstinada, é! Mas de pequenino é que se torce o pepino minha mãe.

42. EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

PG do Convento. MÚSICA DE ÓRGÃO.

43. INT. CLAUSTRO DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Com o chapéu de plumas na mão, D. Manuel Baltazar atravessa o claustro com a ABADESSA. Continua a MÚSICA DE ÓRGÃO.

ABADESSA

Espero que lhe tenha agradado o uso
que fizemos do seu donativo.

UMA VOZ CRISTALINA começa a CANTAR acompanhando o ÓRGÃO.

D. MANUEL

Puseram-no a muito bom uso Madre
Abadessa.

(parando e sustendo o braço da
Abadessa)

Essa música... essa voz...

(pausa)

Maravilhoso! Bela, pura, cristalina, esta
voz.

ABADESSA

(sorrindo)

Trata-se da nossa mais recente
aquisição. Uma noviça que nos foi
entregue por uma família de apreço,
aqui de Ponta Delgada. Estamos a
ensaiai para a festa do advento.

D. MANUEL

E quem é a jovem detentora de tão belo
dom?

ABADESSA

Perdoar-me-á vossa senhoria... são
ainda muito recentes os sucessos que
levaram a família a encaminhar a moça
para a nossa casa e temos indicações
firmes, no sentido de não divulgarmos a
procedência.

(pausa)

É bem-nascida, asseguro-lhe. E prende-se com questões de heranças e primazias. Nenhum escândalo.

D. MANUEL

Haveis ganho uma belíssima intérprete. Gostaria de a ver.

ABADESSA

Bem, estou certa de que poderão fazer uma pequena pausa no ensaio.

A Abadessa caminha à frente de D. Manuel, em direção ao coro.

44. INT. CORO DA IGREJA DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

A porta do coro abre-se e a Abadessa entra com D. Manuel. A jovem noviça CATARINA ROUXINOL, muito bela, de olhos escuros, vivos e cintilantes, com uma pequena madeixa de cabelo negro a escapar-se do véu a contrastar com a pele muito clara, canta muito direita, com prazer no poder da sua voz. D. Manuel e a Abadessa aproximam-se e escutam-na até ela acabar a ária. O ORGANISTA fecha o órgão e sai com uma ligeira vénia ao conde.

D. MANUEL

Tem uma voz celestial irmã. Folgo saber que há jovens tão dotadas que resolvem entregar-se a Cristo.

A noviça inclina um pouco a cabeça e sorri com ironia.

CATARINA ROUXINOL

(com resignação)

Às vezes alguém mais poderoso decide isso por nós.

Ela fita-o a direito, numa constatação sem revolta. A Abadessa corta de imediato com um rápido olhar de advertência.

ABADESSA

Resolve Deus, na sua extrema sabedoria.

D. MANUEL

Não é só a sua voz. É a sua capacidade musical, o seu talento interpretativo. Notável para uma pessoa tão jovem.

CATARINA ROUXINOL

Não tão jovem assim. Tenho dezassete anos.

A Abadessa tem um sorriso condescendente.

ABADESSA

Sua senhoria é um grande conhecedor de música e de toda a arte que se faz na corte de El-rei, pelo que muito nos honra o seu elogio.

A noviça vira-se para ele, interessada.

CATARINA ROUXINOL

Priva com os artistas da Corte?

D. MANUEL

Tenho tido essa felicidade. Sua majestade tem feito a graça de me incluir no seu ciclo.

D. Manuel vira-se para a Abadessa.

D. MANUEL

Madre Abadessa, gostaria que me permitisse continuar um pouco mais a conversa com a irmã Catarina.

A Abadessa fica meio atrapalhada.

ABADESSA

Compreenda vossa senhoria que... mas sim, poderão conversar passeando no claustro.

D. MANUEL
Obrigado Madre Abadessa.

45. INT. CLAUSTRO DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

De chapéu na mão, o conde e a irmã Catarina passeiam à volta, nas arcadas do claustro.

D. MANUEL
Espero que as regras desta casa lhe permitam tempo suficiente para exercitar a voz.

CATARINA ROUXINOL
(constatação lógica)
A Madre Abadessa conceder-me-á este tempo. Ela teme perder o dote que meu pai entregará ao convento e ele, por sua vez, teme perder muito mais do que isso reservado para meu irmão, se eu continuar lá fora e os fizer correr o risco de encontrar um dia um casamento que esboroe o património da nossa família.

Surpreso com a frontalidade, o conde ficou calado por um longo momento antes de voltar a falar.

D. MANUEL
Devo entender que não se encontra aqui de sua plena vontade?

CATARINA ROUXINOL
(num sorriso galante)
SR. conde! Não é meu confessor, para averiguar a minha inclinação. Mas como não pretendo segredo, posso responder-lhe.

Catarina pára e encara de frente o conde que também parou.

CATARINA ROUXINOL

(sorriso triste)

Não, não é a minha vontade acabar os dias fechada num convento...

Ela retoma o passo olhando em frente.

CATARINA ROUXINOL

(muito serena)

Porém sou uma pessoa prática e sei que provavelmente é o que acontecerá. As coisas são assim mesmo, não serei a primeira nem a última...

(pausa)

Não sou propícia à quietude ou a contemplações, mas ainda menos ao sacrifício; garanto-lhe que não me dedicarei estupidamente a sofrer... e por enquanto tenho a música...

(pausa)

E este não é o pior lugar onde podia ter vindo parar... creio em Deus que encontrarei uma certa paz... uma certa satisfação.

Silêncio incómodo que o conde finalmente quebra.

D. MANUEL

Irmã... não tive oportunidade, não me foram facultados o seu nome nem os dados para a sua situação... mas se lhe puder de algum modo ser útil... como deverei tratá-la?

CATARINA ROUXINOL

Como deverá tratar-me? Sabe, quando aqui entramos uma parte de nós dilui-se, como que se derrama e escorrega, pelos degraus, lá para fora, onde me chamava Catarina.

(pausa)

Não me chame por nenhum nome.
Ainda não sei aquele que hei-de adotar
quando fizer os votos. E o que trazia,
como lhe digo, eclipsou-se... já não
serve.

D. MANUEL

Chamá-la-ei Rouxinol. Será a irmã
Catarina Rouxinol.

46. INT. IGREJA DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

A igreja, na zona em que as grades separam do contacto com as religiosas, está repleta. Os acólitos espalham perfume de incenso e de cedro, agitando os respetivos instrumentos de prata. D. Manuel Baltazar e D^a Mécia estão sentados à frente.

Como sonâmbulas e alheias perfilavam-se as freiras, fio-mancha escura do outro lado da grade, a CANTAR frente ao Altíssimo com um vigor que, através das portas abertas, se ouve no adro. O órgão pontua e acompanha o entusiasmo do coro.

47. EXT. ADRO DA IGREJA DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Uma IMENSIDÃO DE FIÉIS escuta o coro das freiras.

48. INT. IGREJA DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

O CORO dilui-se, dando lugar ao belo e poderoso SOLO cristalino da irmã Catarina Rouxinol.

Através das grades, a sua presença destaca-se das restantes, e o seu solo é um lamento trágico e pungente.

49. EXT. ADRO DA IGREJA DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

A imensidão de fiéis escuta a voz límpida de Catarina Rouxinol.

PG PICADO da igreja e convento da Esperança.

50. INT. PALMATÓRIO DO CONVENTO DE JESUS – DIA

A MÚSICA DO CORO E DO ORGÃO, COM DESTAQUE PARA O SOLO DE ROUXINOL MORRE LENTAMENTE.

A irmã Catarina entra sem pressas, procurando com o olhar a expressão do conde que a espera em pé. Uma enorme mesa e algumas cadeiras estão espalhadas pela sala.

Fitam-se a direito, silenciosos. A freira quebra o silêncio.

CATARINA ROUXINOL

Ser conde tem os seus privilégios. A Abadessa tratou de tudo para o nosso encontro. Normalmente essas situações decorrem à sua revelia. Ou pelo menos finge ignorá-las.

D. MANUEL

A Abadessa foi apenas sensível ao contributo que posso trazer ao seu desempenho musical e por consequência, à vossa congregação.

CATARINA ROUXINOL

(distráida)

Ah, sim! A música.

(irónica)

A música serve para tanta coisa...

D. MANUEL

(ignorando a ironia)

Como referi na correspondência que trocamos, julgo que será do interesse de todos nós, este intercâmbio.

CATARINA ROUXINOL

Será para mim um enorme prazer!

D. MANUEL

Prazer? Julguei que a senhora nada sabia de prazer, e que... como terá

escrito... não constitui sequer área do seu interesse experimentá-lo.

CATARINA ROUXINOL

(sorriso cúmplice)

Sabe muito bem que prazer é uma forma de exprimir o meu entusiasmo. Quando lhe escrevia no outro dia...

D. Manuel toma-lhe as mãos, não permitindo que acabe. Surpresa, ela tem um arrepio de susto.

D. MANUEL

Não sente na verdade o prazer? Não é ele que sobe pelo seu corpo em haustos, que lhe acalenta a pele das mãos entre os meus dedos, e lhe insufla o sangue até ao rosto, até ao íntimo?

(baixando a voz para um sussurro)

Não é o prazer que a devora, não é ele que lhe martela o coração em breves batidas, irmã?

Afogueada, a religiosa balbucia tremendo e fechando os olhos.

CATARINA ROUXINOL

Não sei...

As mãos do conde sobem-lhe para os braços.

D. MANUEL

O que é que teme? Acaso julga que Deus...

CATARINA ROUXINOL

(interrompendo)

Deus não tem nada a ver com isso! Ele não me chamou, eu nada lhe prometi! Não há compromisso entre nós... decidiram por mim.

D. MANUEL

Então... é livre perante Deus...

CATARINA ROUXINOL

Não sou livre! Não sou, ninguém neste mundo, nem o senhor... sei que há regras, há princípios, existe o lugar onde nos encontramos, existe... existe a senhora condessa...

D. MANUEL

(corta arrebatadamente)

Nada! Nada existe, senhora! Não há convento, não há regras, não há condessa. Aqui estamos apenas um homem, uma mulher e o impulso, os sentimentos que nos abalam, que nos atraem, que nos lançam, imparáveis, um de encontro ao outro. Não sente?

D. Manuel inclina-se para a frente mantendo-a presa e fixando os seus olhos. Ela devolve-lhe o olhar, um olhar em chamas.

D. MANUEL

De que se trata? É o pecado?

Ela soergue-se de forma inesperada, agarra um tufo de cabelo do conde e puxa-lhe para o alto a cabeça para que a encare.

CATARINA ROUXINOL

Não é o pecado. É o horror em ceder.
Não quero entregar-me a nada que desconheça, não quero ceder a isto...

Sem mais nada dizerem, mergulham um no outro.

51. EXT. LARGO EM FRENTE AO CONVENTO DOS FRANCISCANOS – DIA

A PROCISSÃO DO SANTO CRISTO DOS TERCEIROS forma-se em frente ao convento. Algumas imagens descem ainda a escadaria enquanto a imagem do Senhor dos Terceiros aguarda em cima do adro. ALGUNS FRADES dão ordens, e vão e vêm num

frenesim, organizando o cortejo. ALGUNS NOTÁVEIS ocupam já o seu lugar, montados em cavalos magnificamente arreados. Entre a NUMEROSA ASSISTÊNCIA, que inclui populares, burgueses, pedintes e pequena nobreza, está Maria Quintanilha com Joana e Teresa, que aponta para a imagem do Senhor dos Terceiros.

TERESA MENINA

Porque é que o Jesus está amarrado
aquela coluna?

MARIA QUINTANILHA

Para padecer por todos nós.

TERESA MENINA

Mas porquê?

JOANA

Para nos livrar dos pecados.

TERESA MENINA

E o que são os pecados?

MARIA QUINTANILHA

São coisas más que nós fazemos e
dizemos e que ofendem a Deus.

TERESA MENINA

Eu não tenho pecados! Eu não ofendo a
Deus, porque gosto muito Dele.

MARIA QUINTANILHA

Todos temos pecados. Já nascemos
pecadores.

JOANA

Quando desobedececes à mãe, estás a
pecar. Estás a ofender a Deus, porque
ele quer que as crianças obedeçam aos
pais.

TERESA MENINA

Ah!

Teresa fica muito calada a olhar o Senhor dos Terceiros. Depois vira-se para a mãe.

TERESA MENINA

Mas se são os nossos pecados, porque é
que foi Jesus que foi castigado?

A procissão põe-se em marcha. Lentamente, a assistência vai-se incorporando na procissão. Maria Quintanilha e as filhas seguem atrás da imagem do Senhor dos Terceiros.

A procissão segue o seu percurso e passa em frente à Câmara Municipal.

52. INT. COZINHA DE MARIA QUINTANILHA – DIA

Maria Quintanilha borda junto da janela que dá para o quintal. Teresa entra na cozinha com muito cuidado, com as mãos em concha, e mostra-lhe por entre os dedos uma borboleta.

TERESA MENINA

Olha mãe, uma borboleta.

Maria Quintanilha olha distraída e volta a concentrar-se no bordado.

TERESA MENINA

(entusiasmada)

Vou mostrá-la à Joana.

E sai da cozinha.

53. INT. QUARTO DE TERESA E JOANA – DIA

Teresa entra de rompante para lhe mostrar a borboleta. Joana, apanhada de surpresa a enfiar o saiote, cobre rapidamente os seios com as mãos, mas os olhos da irmã prendem-se, espantados, na zona da cintura, onde começam a abrir algumas feridas, sobre marcas arroxeadas.

TERESA MENINA
(aproxima-se aflita)
Que é isso Joana? Magoaste-te?

JOANA
(esquiva)
Não é nada. São marcas da corrente que
trago à cintura.

TERESA MENINA
Mas... porque fazes isso?

JOANA
Faço-o porque é quaresma. É um
sacrifício. E as feridas não têm
importância. São como as feridas de
Cristo.

Teresa olha-a perturbada, procurando perceber.

TERESA MENINA
Mas, Joana, as feridas de Cristo foram
feitas pelos homens... tu estás a fazer
isto a ti própria! Porquê?

JOANA
(olhar ausente)
Para sofrer pelos meus pecados.

Teresa fixa mais uma vez o aspeto dorido dos ferimentos, volta-se decidida.

TERESA MENINA
Vou chamar a mãe.

Teresa sai do quarto.

TERESA MENINA
(alto, Voz Off)
Mãe!

JOANA
(com urgência)
Não!

Joana veste-se.

54. INT. COZINHA DE MARIA QUINTANILHA – DIA

As três sentadas à mesa comem em silêncio. Joana debica apenas, e depois empurra o prato.

JOANA
Não tenho fome.

MARIA QUINTANILHA
(alto)
Já chega Joana! Já fizeste os sacrifícios necessários para a tua idade. Agora come.

JOANA
Mas, mãe...

MARIA QUINTANILHA
(alterada)
Come, Joana. É uma ordem. Não suporto ver-te com esse ar débil e magoado

Contrariada, Joana come um pouco de pão e bebe um golo de água.

JOANA
(resmungando, roendo a côdea do pão)
Cristo sofreu por nós.

MARIA QUINTANILHA
Cristo era filho de Deus e tu és uma mortal.

JOANA
(gritando)
Quero ser santa!

Joana levanta-se.

MARIA QUINTANILHA
(gritando furiosa)
Joana! Senta-te e come.

Relutante e macambúzia, Joana senta-se.

MARIA QUINTANILHA
(muito ríspida e perentória)
E acabaram-se os ferros e as cordas à
cintura. Ouviste?

JOANA
Não hei-de cair na perdição.

MARIA QUINTANILHA
(sem margem de resposta)
Perdição é atentares contra Deus
violentando-te com essas práticas
desumanas.

JOANA
O padre diz que isso é uma pendência
que diz respeito a mim e a Deus.

MARIA QUINTANILHA
És minha filha, diz-me respeito a mim.

JOANA
(obstinada)
São coisas de Deus, não preciso da sua
autorização.

MARIA QUINTANILHA
(zangadíssima)

Isso são coisas do diabo. Nunca mais te atrevas.

Joana olha fugidamente para a irmã e não responde, mas acena rigidamente com a cabeça.

55. EXT. SOLAR DOS CONDES DA RIBEIRA GRANDE – DIA

PLANO GERAL DO SOLAR – CLOSE IN PARA O PÓRTICO

Maria Quintanilha e Teresa aproximam-se do pórtico com açaфatas de bordados.

56. EXT. PÁTIO DO SOLAR DOS CONDES – DIA

ARCO DA ENTRADA DO SOLAR E PÁTIO

Maria Quintanilha entra no pátio com Teresa, que olha em volta, abrandando o passo de forma errática, compenetrada a olhar em redor e para cima, pasmada com essa arquitetura tão diferente do que está habituada. Apressada, retoma o passo para acompanhar a mãe, e entram ambas por uma porta.

57. INT. SALETA DA CONDESSA NO SOLAR DOS CONDES – DIA

No centro da sala está um conjunto de tecidos e umas açaфatas com utensílios de costura. Maria Quintanilha permanece em pé, as mãos cruzadas à frente. Teresa deambula silenciosa pela sala, a mirar e remirar tudo o que a rodeia nesse espaço ricamente decorado, tão diferente de tudo o que conhece. Ao fim de algum tempo aproxima-se da mãe e pergunta-lhe num sussurro respeitoso.

TERESA

Quantas pessoas moram nesta casa?

MARIA QUINTANILHA

(com um sorriso)

Muitas, minha filha.

TERESA

(no mesmo tom quase inaudível)

E quantas pessoas são precisas para limpar estes quartos?

MARIA QUINTANILHA

Imensas. Algumas não moram aqui, são do povoado.

TERESA

(continuando num fio de voz)

E quanto tempo levam a limpá-la.

A mãe dá uma PEQUENA GARGALHADA.

MARIA QUINTANILHA

Porque falas tão baixo, Teresa? Não é preciso.

A condessa D^a Mécia entra. A sua figura emana a magnificência do luxo e da ousadia no seu porte ereto, na vivacidade do seu olhar, nos brincos de ouro, esmalte e pedras preciosas, no cabelo cuidadosamente enrolado. Ela aproxima-se de ambas com o seu ar simples e afável. Maria Quintanilha curva-se ligeiramente.

MARIA QUINTANILHA

Senhora condessa.

D^a MÉCIA

D^a Maria.

(virando-se para Teresa)

Quem é esta doçura?

(inclinando-se para Teresa)

Vem ajudá-la?

Teresa olha enfeitiçada os brincos nas orelhas da condessa.

MARIA QUINTANILHA

É Teresa, a minha filha mais nova.

D^a MÉCIA

Ah! Então a outra que veio aqui uma vez não é a sua mais nova.

MARIA QUINTANILHA

É Joana. É acima desta.

D^a MÉCIA
Nunca mais cá voltou.

MARIA QUINTANILHA
É muito cozida consigo. Muito virada
para as coisas da religião...

D^a MÉCIA
(rindo)
Muito bicho do buraco. Envergonhada,
talvez.

MARIA QUINTANILHA
Um pouco.

D^a MÉCIA
(virando-se para Teresa)
E tu Teresa, és envergonhada?

TERESA
(balbuciando baixinho)
Não senhora condessa.

Fascinada, Teresa fita os brincos cintilantes da condessa com os olhos muito abertos. Esta ri e estende-lhe a mão.

D^a MÉCIA
Vem. Vamos deixar a tua mãe trabalhar
aqui sossegada e vamos ver o solar.

Teresa dá-lhe a mão decidida, acompanhando-a para fora do aposento.

58. INT. SOLAR DOS CONDES – DIA

D^a Mécia leva Teresa, espantada, por vários aposentos.

SEQUÊNCIA DE MONTAGEM:

COZINHA, onde várias criadas se atarefam.

VÁRIOS QUARTOS E SALAS.

QUARTO DE CASAL dos condes com uma cama francesa, cheia de brocados de seda.

ESCADARIA, com o quadro da rainha ainda menina e outros quadros.

Teresa contempla o quadro da rainha, menina ainda, mas vestida de adulta.

D^a MÉCIA

É a rainha, quando era menina.

Teresa continuar a olhar. Depois vira-se para a condessa.

TERESA

Também tem uma do rei?

D^a MÉCIA

Sim, na sala de armas. Vem.

SALÃO DE ARMAS

Em frente ao quadro do rei, Teresa olha muito atentamente para a pintura. D^a Mécia está um pouco atrás.

ZOOM IN para o quadro.

59. INT. SALETA DA CONDESSA NO SOLAR DOS CONDES – DIA

Maria Quintanilha borda sentada junto à janela. D^a Mécia entra com Teresa pela mão. Pensativa, Teresa vira-se para a condessa.

TERESA

O rei parece cansado de ser tão grande.

A condessa vira-se para Maria Quintanilha que levanta os olhos do serviço.

D^a MÉCIA

É sapiente, esta criança.

FADE OUT

FADE IN

60. INT. ALCOVA DO CONDE – NOITE

Na penumbra do quarto, mal iluminado por algumas velas, D. Manuel aguarda de ceroulas, sentado num cadeirão, descalço, com uma bacia vazia em frente.

D^a Luzia entra com um jarro de água quente a fumar, aconchegando a mantilha ao peito, num gesto que revela ainda mais o busto quando se dobra numa vénia.

D^a LÚZIA

(voz tímida)

Permitis, senhor? O vosso criado foi chamado à cozinha, pelo que tomei a liberdade de trazer a água eu mesma, para que não arrefeça.

D. MANUEL

(atarantado)

Agradeço, viscondessa. Mas não há necessidade... chamai alguém, peço-vos.

D^a LUZÍA

Faço com gosto.

D^a Luzia inclina-se e verte a água na bacia.

D^a LUZÍA

Oh! Tendes os pés muito mal tratados!
Permiti.

D^a Luzia ajoelha e começa a massajar-lhe os dedos dos pés, balançando o generoso decote em frente aos olhos do conde.

O conde olha para ela hesitante. D^a Luzia levanta para ele o olhar.

D^a LUZÍA

(sussurro)

Não vos inquieteis; Vim para servir a condessa, é natural que também vos sirva.

Ela aplica com lentidão as suas mãos sobre os pés do conde na quentura da água.

D^a LUZIA

(num fio de voz)

Tendes um pé belíssimo... digno de toda a vossa pessoa...

Ela leva um dos pés aos lábios e beija-o enquanto o fita com intensidade. D. Manuel fita-a indeciso, depois levanta-se de um fôlego, toma-a no colo e transporta-a para a cama sem uma palavra.

D^a Luzia despe-se, exibindo provocadora o seu jovem corpo. D. Manuel observa-a. Depois fazem amor, com ela a oferecer todo o variado reportório que conhece.

Ao raiar o sol ela enrola-se num manto e foge porta fora. O conde fica, ensonado, a fitar as colunas da cama e a pensar.

61. INT. ALCOVA DOS CONDES – NOITE

D^a Mécia, estendida muito hirta debaixo do conde, não corresponde ao movimento procriador do homem que tem entre as pernas, olhando o teto com lágrimas a escorrerem pela face, inerte, enquanto a mão dele lhe afaga a coxa.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Neste momento de viragem, a condessa soube-o. Soube-o pelo cheiro que trazia, quando a procurava. Soube-o pelo diminuir da tensão, quanto ao assunto que a ambos preocupava. Soube-o pelos sorrisos lascivos do conde.

(pausa)

Ai da mulher que ama o seu próprio marido, que assim o vê sobre si, tão legítimo e tão longe.

62. INT. IGREJA – DIA

CONFESSIONÁRIO

D^a Mécia está ajoelhada no confessionário. O CONFESSOR está sentado no seu lugar dentro do confessionário.

D^a MÉCIA

Desde que o sei, é como um torpor que me mantém oca, inerte.

CONFESSOR

Dona Mécia, deixe estar estas questões de pecado da carne aos homens, já que no caso deles, e havendo necessidade, é natural que Deus, muitas vezes, perdoe.

D^a MÉCIA

Como padre? Ele está ali, possui-me, mas eu estou longe, longe dali em planícies de ódio e de rancor e prados doloridos de ofensa, quem sabe até, de verdadeira dor.

CONFESSOR

Ele é homem, tem necessidades da carne... Já para uma mulher, é muito grave. A mulher peca com o espírito, não só com a carne.

D^a MÉCIA

Só queria saber, padre, se devo pensar...

CONFESSOR

(cortando severo)

Pecado de pensamentos! Não são boas águas onde navegar uma senhora piedosa.

D^a MÉCIA

Não consigo abstrair-me padre.

CONFESSOR

Mas tem de abstrair-se. Para não cair no pecado de omissão, caso comece a interferir com a docilidade do seu dever conjugal.

D^a MÉCIA

Pecados! Pecados por pensamento, obras e omissões. Que obras, se nada faço de minha livre vontade? Pois que

me restem os pensamentos e as
omissões.

CONFESSOR
(erguendo a mão)
Sr.ª Condessa!!

Dª Mécia levanta-se e dirige-se ao altar-mor, ajoelha-se e reza. O confessor sai do confessional e dirige-se a ela.

CONFESSOR
Sr.ª Condessa!!

Mas Dª Mécia levanta-se, benze-se voltada para o altar, dá meia volta e sai, ativa, ignorando o confessor que fica a olhá-la atarantado.

CONFESSOR
Sr.ª Condessa!!

63. EXT. CLAUSTRO DO CONVENTO – DIA

D. Manuel e a Irmã Rouxinol caminham pelo claustro conversando, dirigem-se à porta do palatário e entram, fechando a porta.

A Abadessa entra por uma porta com Maria Quintanilha carregando uma açafate retangular, e Teresa pela mão. Cruzam-se com DUAS IRMÃS, e entram por uma porta que deixam entreaberta.

64. INT. SALA NO CONVENTO – DIA

Maria Quintanilha destapa a açafate de onde tira diversos bordados que mostra à Abadessa, colocando-os em cima de uma mesa. Teresa interrompe.

TERESA MENINA
Porque é que a senhora e as outras
mulheres aqui vestem assim?

ABADESSA
(sorrindo)
Porque somos freiras. Somos como os
frades que vês lá fora.

TERESA MENINA

E os frades também vivem aqui?

MARIA QUINTANILHA

Não querida, os frades vivem em conventos só para frades.

TERESA MENINA

Mas eu nunca vi freiras lá fora. Só os frades.

ABADESSA

Nós não podemos sair porque somos as esposas de Cristo. Vivemos em clausura.

TERESA MENINA

E para que é que Cristo quer tantas esposas?

MARIA QUINTANILHA

Chega de perguntas Teresa. Senta-te e deixa-me mostrar o trabalho à Madre Abadessa.

Teresa senta-se. MÚSICA abafa o diálogo da Abadessa com Maria Quintanilha enquanto vêm os bordados, em pé, junto à mesa. Teresa aborrece-se e sorrateiramente levanta-se da cadeira e sai da sala.

65. EXT. CLAUSTRO DO CONVENTO – DIA

Teresa pula pelo claustro num imaginário jogo da macaca, admirando tudo em redor. UMA IRMÃ IDOSA passa e Teresa aborda-a.

TERESA MENINA

Moras aqui?

IRMÃ IDOSA

Sim minha filha. Há muitos anos que moro aqui.

TERESA MENINA

Gosto muito desta casa. É tão grande.
Acho que gostava de morar aqui.

IRMÃ IDOSA

(rindo)

Quem sabe? Um dia, quando cresceres...

TERESA MENINA

Mas eu não vou crescer.

A irmã afasta-se RINDO. Teresa aproxima-se da porta do palratório e escuta UM SOM DE RESPIRAÇÃO PESADA. Depois espreita pelo buraco da fechadura.

66. INT. PALRATÓRIO DO CONVENTO DE JESUS – DIA

D. Manuel e a irmã Rouxinol fazem amor em cima da mesa, enquadrados pelo buraco da fechadura.

67. EXT. CLAUSTRO DO CONVENTO – DIA

Perplexa, Teresa afasta-se da fechadura e lentamente regressa à sala onde estão a mãe e a abadessa.

68. INT. SALA NO CONVENTO – DIA

Teresa entra e senta-se muito quieta e calada. De pé junto à mesa, a Abadessa aprecia ainda os bordados e rendas, que Maria Quintanilha vai dobrando.

ABADESSA

E quando pode entregar a nova encomenda?

MARIA QUINTANILHA

No final do mês que vem já lhe trago tudo.

ABADESSA

(olhando para Teresa)

Olhe! Parece que Teresa já se cansou.
Está muito calada.

MARIA QUINTANILHA

Se calhar devo trazê-la cá mais vezes,
para ver se toma juízo, pois nunca pára.

FADE OUT

FADE IN

69. EXT. INT. SOLAR DOS CONDES – DIA

PÁTIO DO SOLAR

Teresa ADOLESCENTE acompanha a mãe carregando uma açafrata com bordados. A mãe entra na casa e ela fica à espera no pátio, com a açafrata. D. JOSÉ, o desejado filho de D. Manuel e D^a Mécia com perto de 10 anos, chega todo sujo e desalinhado e começa a mexer nos bordados e rendilhados brancos e imaculados com as mãos sujas.

TERESA ADOLESCENTE

(arrelhada)

Esteja quieto, D. José, isto não são coisas para crianças e muito menos para rapazes!

D. JOSÉ

Mas mostra-me, deixa ver o que aí trazes.

TERESA ADOLESCENTE

São encomendas de sua mãe. Ela as verá.

D. JOSÉ

Eu também preciso destas coisas.

TERESA ADOLESCENTE

Ah Ah! Para que precisa um rapaz como o senhor de enfeites, rendas e bordados?

D. JOSÉ

(saltitando em volta dela)

Bordas-me um lenço? Um lenço com o meu monograma... para usar quando for conde.

TERESA ADOLESCENTE

(enxota-o sorrindo)

D. José! O senhor será sem dúvida um conde, mas é também um rapaz muito disparatado!

Ele volta a mexer-lhe nos bordados, deixando cair alguns no chão.

TERESA ADOLESCENTE

(brigando)

D. José!

Ele põe-lhe mais um bordado no chão e ela dá-lhe instintivamente uma bofetada. Surpreso e com lágrimas nos olhos, ele corre em direção a casa enquanto ela leva as mãos à boca num susto. Mas D. José para e volta para ela de olhos baixos.

D. JOSÉ

(contrito)

Desculpa Teresa.

Depois centra a sua atenção num grupo de miúdos da sua idade e corre com eles pelo campo.

D. JOSÉ

(gritando ao longe)

Adeus Teresa.

70. INT. COZINHA DE MARIA QUINTANILHA – DIA

Joana ajuda a mãe a preparar outra açafata com bordados, dobrando-os cautelosamente.

MARIA QUINTANILHA

Isto é o fim desta encomenda da Sr.^a Condessa.

JOANA

Ainda bem. A mãe anda estafada.

MARIA QUINTANILHA

Mas o dinheiro dá jeito. Bem que precisamos. Que venha mais outra.

Teresa entra saltitante, com o cabelo apanhado em duas tranças grossas amarradas com duas fitas brilhantes.

MARIA QUINTANILHA

Teresa, acompanha a tua irmã ao solar para entregar estas rendas e bordados.

JOANA

A mãe não vai?

MARIA QUINTANILHA

Não! Estou indisposta, preciso encostar-me.

JOANA

Mas eu tenho muito que fazer. Tenho que acabar os bordados em retrós para as Clarissas.

MARIA QUINTANILHA

Está bem. Teresa pode ir sozinha. Já é crescida e D^a Mécia tem-lhe grande estima.

Maria Quintanilha sai da cozinha. Teresa vira-se para Joana.

TERESA

Não queres vir comigo? O caminho é tão bonito com este dia de sol de Primavera!

JOANA

Não... tenho que fazer. E não gosto daquela casa.

Teresa alegre e saltitante prepara-se para sair.

TERESA

É uma casa muito bonita.

Joana olha para ela com um ar grave e insistente.

JOANA

Como estás sempre tão alegre, Teresa?

TERESA

E porque não hei-de estar?

JOANA

Porque as coisas pesam, são tristes...
não pensas nas dificuldades da nossa
casa, na fraqueza da mãe, em Deus...

TERESA

(atalhando logo)

Eu penso Nele! Não há limites para as
graças que tenho que Lhe dar:
Não sofro de chagas, não tenho
pústulas, o meu cabelo é brilhante, a
pele limpa e caminho por mim própria,
posso assim sentir a erva macia debaixo
dos pés.

Joana senta-se à mesa e retoma o bordado de filigrana que está em cima da mesa.
Teresa aproxima-se da janela alegremente e abre-a, continuando.

TERESA

(continuando)

Ouço pássaros com os meus próprios
ouvidos, não me coço de sarnas, tenho
pão à minha mesa e não tenho marido
que me obrigue ao fastio de abraçar um
homem sem querer!

Cirandando em redor da cozinha, alegre.

TERESA

(continuando)

Cheiro o pão no forno, cheiro as açucenas e o trigo, levanto-me da cama todos os dias e os meus braços podem com a lenha e com os cordeirinhos. Não achas que sou feliz?

Joana continua a bordar.

JOANA

(lastimosa)

Teresa, Teresa, muito tens que aprender com a vida... quanto a marido, também hás-de ter um, em breve e não me parece que goste de te ver sempre por aí aos pulos.

(mudando de tom)

Há-de dar-te que fazer.

TERESA

Ora, Joana, eu não me caso.

JOANA

Não te casas? Como sabes?

Com malícia nos olhos Teresa endireita os bordados dentro da cesta.

TERESA

Porque, minha irmã, um homem para mim teria que ser ou muito fidalgo ou muito rico e estes não me hão-de querer!

JOANA

Teresa, não deves brincar com estas coisas, parece mal!

TERESA

Não sejas tão séria, Joaninha...

Dirigindo-se à porta.

TERESA

Não queres mesmo vir?

Joana não levanta os olhos do bordado.

JOANA

Já disse. Não gosto daquela casa...
daquele luxo pagão... e depois, tenho
aqui muito para fazer.

Teresa pega na açafata, dá um SUSPIRO e sai.

71. EXT. PÁTIO DO SOLAR DOS CONDES – DIA

Teresa atravessa o pátio, afastando as POMBAS e bate as palmas para ser atendida junto à porta da cozinha.

Uma MOÇA DE COZINHA abre-lhe a porta e ela entra.

72. INT. COZINHA DO SOLAR DOS CONDES – DIA

Teresa está sentada num banco alto, olhando satisfeita a profusão de cobres brilhantes e de boiões de loiça com compota.

A condessa entra e faz-lhe um sinal risonho para que a acompanhe. Teresa salta do banco e esboça a vénia que a mãe lhe ensinara, pega na açafata com os bordados e segue a condessa.

DA ANUNCIADA

2º EPISÓDIO

TERESA DA ANUNCIADA

INT. SALETA DA CONDESSA NO SOLAR DOS CONDES - DIA

Teresa entra atrás da condessa na saleta reverberante de flores e sedas douradas. Pela janela entra a claridade que ilumina a mobília e todo o aposento. D^a Mécia senta-se num cadeirão.

D^a MÉCIA

Queres um refresco?

TERESA

Muito obrigada, senhora, não tenho sede.

D^a MÉCIA

Então, mostra-me estes últimos trabalhos.

(indicando um banco estofado)

Senta-te, não fiques em pé.

Teresa senta-se no banco, em frente ao cadeirão, e desdobra com cuidado os bordados para o altar da capela, os penteadores de quarto, as guarnições para vestes, os panos de mesa e uma leve mantilha franjada. É uma profusão espumosa de bilros, pingentes, passa-fitas e botões fingidos de flores, que reluzem, alvos ou cremes, sobre os seus joelhos estendidos. A condessa segue com atenção a exposição, levantando uma e outra peça e virando-as para a luz que vem do jardim, comentando.

D^a MÉCIA

Que maravilha!

Apreciando outra peça.

D^a MÉCIA

Que trabalho preciso.

Apreciando outra peça.

D^a MÉCIA

Que trabalho artístico e escoreito!

Apreciando outra peça.

D^a MÉCIA

Tua mãe é uma artista.

(para Teresa)

Também as fizeste?

TERESA

(sorrindo)

Não. Apenas ajudei nos acabamentos.

Não tenho muita inclinação para ficar horas sentada. É que...

Teresa de súbito interrompe-se, ao perceber que se calhar falava demasiado e com o seu habitual à-vontade, junto da fidalga.

D^a MÉCIA

(encorajando-a)

É que?...

TERESA

Sabe Vossa Senhoria, as minhas irmãs acusam-me de ser mimada e um pouco poupada no trabalho.

D^a MÉCIA

(sorrindo)

Poupada no trabalho... que maneira interessante de definir a preguiça.

Teresa fica envergonhada, mas tira da açafate um lenço de cambraia bordado com as iniciais de D. José, que mostra à condessa.

TERESA

Mas fiz isto para o menino conde.

A condessa ri e chama tocando uma sineta. Uma CRIADA entra.

D^a MÉCIA

(para a criada)

Chama aqui o menino D. José.

CRIADA

Se o conseguir encontrar minha senhora.

D^a MÉCIA

Sim, eu sei. Essa criança está sempre a escapulir-se. Anda por todo o lado. Felizmente, com a sua boa índole, todos lhe querem bem.

A criada sai e D^a Mécia vira-se novamente para Teresa.

D^a MÉCIA

(rindo)

Pois então poupada no trabalho. Isso é decerto, por seres a mais novinha. E a preguiça às vezes serve outros intentos, mais necessários; tens sensibilidade para as coisas, por exemplo, e isso é o mais importante, porque um dia poderás desabrochar ao serviço de algo maior. O que gostas de fazer?

TERESA

Hei-de fazer um dia uma toalha de renda para oferecer ao Senhor dos Terceiros. Há-de ficar tão leve que poderá sair voando pela janela.

A condessa dá uma RISADA CRISTALINA.

D^a MÉCIA

(rindo)

Acredito! Gostas especialmente do Senhor dos Terceiros?

TERESA

Tem... tem uma dor muito suave, como se não se importasse de estar ali amarrado, e ao mesmo tempo se

sentisse imensamente triste. Gostaria de agradecer-Lhe por fazer isso por nós.

D^a MÉCIA

(olhando-a pensativa)

És mesmo muito especial, rapariga...

D. José entra de rompante, com a roupa toda desalinhada.

D. JOSÉ

(alegre)

Chamou senhora mãe?

D^a MÉCIA

José, em que estado vens! Onde estavas?

D. JOSÉ

(entusiasmado)

Estava nas cavaliças com o António. A Marisca já teve cria.

(para Teresa)

Olá Teresa.

D^a MÉCIA

A Teresa trouxe uma coisa para ti.

TERESA

Uma coisa que me tinha pedido, D. José.

Teresa estende a D. José um lenço de cambraia, bordado a seda em matiz, onde se entrelaçavam um J, um R e um C. Feliz a criança agradece-lhe com um grande beijo e um abraço em volta do pescoço.

D. JOSÉ

Obrigado Teresa. Gosto muito.

Depois, solene, põe o lenço no bolso e corre porta fora. Com um sorriso, D^a Mécia volta-se para Teresa.

D^a MÉCIA

Mas perguntava sobre o que gostas de fazer, fora os deveres...

TERESA

Pois, inclino-me mais para ser Maria para o descanso do que Marta para o trabalho. Prefiro correr lá fora, lavar roupa para sentir a água nos braços, cuidar das ninhadas de pintos...

(contrita)

Mas tento corrigir-me e hei-de perseverar até arrancar de mim estes defeitos.

D^a MÉCIA

Mas que palavras tão sisudas para uma moça tão jovem! Quem tas ensinou?

TERESA

Oh, a mãe diz que sou demasiado alegre; que até me torno garrida!

D^a Mécia levanta-se e estende-lhe a mão.

D^a MÉCIA

(rindo)

Vem. Hoje vamos ser ambas garridas. Vou mostrar-te a minha coleção de lenços de cambraia e renda de França.

Saem as duas do aposento.

73. INT. SOLAR DOS CONDES – DIA

Teresa segue a condessa pela casa:

SEQUÊNCIA DE MONTAGEM – MÚSICA

CORREDOR, onde se perfilam cadeiras com balaústres, e nas paredes, quadros de caça encaixilhados em molduras trabalhadas.

ESCADARIA INTERNA DE DOIS LANÇOS até ao patamar dos quartos de dormir.

APOSENTOS DA CONDESSA.

74. INT. EXT. MONTAGEM – DIA / NOITE

ARMAZÉM DO LINHO – DIA

GEDEÃO LOPES carrega fardos de linho para uma carroça.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Gedeão Lopes, filho de um comerciante do linho relativamente próspero, era uma das presenças costumeiras na vida de Teresa.

LAREIRA A CREPITAR – NOITE

JOANA e TERESA JOVENS ADULTAS, Gedeão Lopes E MAIS ALGUNS FIGURANTES DA MESMA IDADE, RIEM E FALAM divertidos, sentados ou semideitados no chão em frente à lareira.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Juntavam-se os da mesma idade, todos em redor da lareira ou, se fosse Verão, lá fora ao luar, (cont.)

ESCADARIA DA IGREJA DA MATRIZ R.G. – NOITE

Os mesmos, sentados ou semideitados na escadaria da Matriz, RIEM E FALAM divertidos.

NARRADOR/SSCM

(V.O. – continuação)

... e davam sonoras gargalhadas ou faziam brincadeiras inocentes.

CLOSE IN para Joana.

NARRADOR/SSCM

(V.O. – continuação)

Joana ia sempre arrastada e quase como dama de companhia forçada da irmã, para protegê-la.

Gedeão e Teresa riem.

NARRADOR/SSCM

(V.O. – continuação)

Gedeão era trabalhador e respeitável, mas também muito divertido. Teresa achava-lhe imensa graça e quanto a ele, descobria naquela rapariga o ser mais espontâneo e inteligente que conhecera.

75. INT. SALA DE JANTAR CASA DE BRÁS DO REGO – DIA

Festa de família e amigos. Brás do Rego está à cabeça da mesa. Em volta está a ESPOSA, a mãe mais envelhecida, Joana e Teresa, Gedeão Lopes e o seu pai, AFONSO LOPES, ANA, irmã acima de Joana. Todos comem a sobremesa e tomam um licor. Brás do Rego ergue o seu cálice num brinde.

BRÁS DO REGO

Brindo a todos os presentes, e em especial às minhas irmãs mais novas, que me acham severo e mandão.

Todos erguem os seus cálices e Joana baixa os olhos atrapalhada. Teresa ri-se e brinda.

TERESA

A todos, e em especial ao nosso irmão mandão.

Todos bebem um gole do cálice. Teresa vira-se para Gedeão, sentado ao seu lado.

TERESA

Anda, vamos ver o mar.

Gedeão fica meio atrapalhado.

GEDEÃO

Agora? Quero dizer... sozinhos?

TERESA

(rindo)

Metto-te assim tanto medo?

GEDEÃO

Não! Não! É que...

Teresa levanta-se.

TERESA

(para a mãe e irmão)

Minha mãe. Meu irmão mandão... peço
licença para ir dar um passeio com
Gedeão.

Brás do Rego olha para ela com um sorriso.

BRÁS DO REGO

(satisfeito)

Com certeza! Se a mãe der licença...

Maria Quintanilha faz um pálido sorriso.

MARIA QUINTANILHA

Claro que sim Teresa. Mas não
demorem. E não vão para a ribeira.

Gedeão levanta-se e segue Teresa porta fora. O pai de Gedeão vira-se para Brás do Rego e Maria Quintanilha.

AFONSO LOPES

Gedeão já me falou do afeto que sente
por Teresa.

BRÁS DO REGO

Sim, também me falou disso. Mas como disse a Gedeão, a situação da minha mãe não lhe permite o pagamento do dote.

Maria Quintanilha olha ausente para um ponto distante.

AFONSO LOPES

Sim Gedeão também me falou dessa dificuldade.

(refletindo)

A vida não é fácil para uma mulher viúva.

(pausa)

Mas do modo como ele falou, se o afeto que ele sente por Teresa for correspondido, o dote não será problema.

BRÁS DO REGO

Quer dizer que...

AFONSO LOPES

O negócio dos panos tem crescido bem. Agora até já vendemos linho para a Madeira.

(pausa)

O dote não será necessário.

BRÁS DO REGO.

(satisfeito)

Bem minha mãe, parece-me que Teresa fica bem arrumada.

Maria Quintanilha fica pensativa antes de responder.

MARIA QUINTANILHA

(suave)

Se Teresa o quiser... Não sei se ela corresponde aos sentimentos de Gedeão. E depois, é ainda tão nova.

BRÁS DO REGO

(irritado)

Teresa já está em boa idade casadoira. E é tempo de assumir responsabilidades. Minha mãe não pode continuar a mimá-la como se fosse sempre criança.

MARIA QUINTANILHA

(suave)

Tudo tem o seu tempo Brás. E este é o tempo de Teresa. O seu coração decidirá.

BRÁS DO REGO

(irritado)

Do modo como foi educada, duvido que decida acertadamente se não for muito bem aconselhada.

O pai de Gedeão vira-se para Brás.

AFONSO LOPES

Amigo Brás, não fale assim com sua mãe, que lhe deve respeito.

(pausa)

E depois ela tem razão. Este é um assunto de Teresa e Gedeão. Se ela aceitar Gedeão, a minha oferta mantém-se. Mas a decisão deverá ser dela.

O pai de Gedeão levanta-se.

AFONSO LOPES

E agora se me dão licença, retiro-me
que se faz tarde.

Brás do Rego levanta-se e acompanha o pai de Gedeão à porta.

76. EXT. PRAIA – DIA

Teresa e Gedeão passeiam e conversam.

GEDEÃO

O que queres ser quando cresceres?

TERESA

Já estou completamente crescida.

(pausa)

E quero exatamente o que tenho.

GEDEÃO

Isso pensas tu. Não gostarias de sair
daqui, de viajar numa caravela, de
conhecer o reino, e outras coisas?

TERESA

(de imediato)

Eu não. Gosto do confinamento da
minha ilha, da pequenez da minha alma,
da saciedade das minhas ambições. E
sou feliz assim.

Ele dá-lhe a mão e ela deixa. Param. Ela beija-o fugazmente na boca. Fica pensativa um bocado. Depois repete demoradamente. Fica novamente pensativa um bocado. Depois voltam a caminhar lado a lado, em silêncio. Ela cruza os braços evitando que ele lhe dê novamente a mão.

Caminham lado a lado, em silêncio.

77. INT. IGREJA – DIA

Maria Quintanilha, Teresa, Joana e Gedeão sentam-se num banco.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Gedeão começou a acompanhar as irmãs e Dona Maria à igreja, às vezes ao mercado.

78. EXT. MERCADO – DIA

Maria Quintanilha faz compras, acompanhada por Teresa, Joana e Gedeão, que carregam as cestas e as canastras.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Tornou-se uma presença solícita e um amigo da casa. O seu carácter direto e cavalheiresco acabaram por materializar uma intimidade que o qualificava como mais um dos irmãos. Aquele que elas teriam escolhido.

79. EXT. QUINTAL DE MARIA QUINTANILHA – DIA

Gedeão ajuda Joana a empilhar lenha.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Com o seu jeito franco e brincalhão, combatia o obscurantismo de Joana, mostrando-lhe que, apesar dos revezes, a sua ainda era uma família abençoada.

Gedeão tira-lhe das mãos o balde de lavagem para os porcos.

GEDEÃO

Ora, Joana, Deus não pode querer mal a criaturas como tu, que só fazem o bem, e não deseja que te mortifiques mais do que os trabalhos que já fazes, todo o dia.

80. EXT. ÁRVORE FRONDOSA NO CAMPO – DIA

Gedeão e Teresa estão debaixo da árvore, reclinados sobre uma manta. Teresa lê sob o olhar atento dele.

NARRADOR

(V.O.)

Mas era com Teresa que ele mais conversava.

(pausa)

Gedeão estudara na escola dos Jesuítas e ensinava-a a fazer progressos nas leituras.

Gedeão deita-se de costas e olha o céu sonhador. Teresa interrompe a leitura risonha.

GEDEÃO

Dentro de alguns anos hei-de construir uma casa. Tenho novos mercados para os nossos panos e tu hás-de bordar no linho para darmos início a uma nova era!

TERESA

Ah! Mas eu não sou uma bordadeira esmerada. Havia de desenhar campos e flores de todas as cores nos teus panos. Mas um tanto toscos.

TERESA

(sorrindo)

Quando tiver uma casa, há-de ser com muito fumo a sair pela chaminé e muito sol a entrar pela janela.

81. INT. QUARTO DE TERESA E JOANA – NOITE

Joana e Teresa dormem. Teresa parece acordar e levanta-se da cama como sonâmbula. Tem os cabelos soltos e sai do quarto.

82. EXT. VARANDA DA CASA DE TERESA E JOANA – NOITE

Teresa inclina-se da varanda perigosamente. Aspira profundamente o ar abrindo as narinas.

83. EXT. SEQUÊNCIA DE MONTAGEM – NOITE

TERREIRO – POV Teresa: No terreiro fronteiro, à luz de archotes, vê surgir PILATOS, alto e espadaúdo, ladeado por SOLDADOS ROMANOS, cercado por uma MULTIDÃO que uiva. A sua capa colorida está arremessada sobre o ombro esquerdo, deixando a nu os antebraços, onde se enrolam duas pulseiras de couro.

VARANDA DA CASA DE TERESA E JOANA: Teresa debruça-se ainda mais para acompanhar a cena.

TERREIRO – POV Teresa: No meio da multidão descobre a figura do SENHOR PÁROCO, com o catecismo aberto sobre o peito.

De uma zona de sombra, avança para a luz o SENHOR CRISTO, lindo e triste, olhos doces que transmitem sofrimento, gotas de sangue a escorrerem pelo peito.

Pilatos levanta a mão e os brados da multidão cessam.

Os olhos de Cristo, doces e doridos, caem nela com um peso de morte.

VARANDA DA CASA DE TERESA E JOANA: Teresa sobressalta-se.

TERREIRO – POV Teresa: Pilatos aponta Cristo com a mão aberta.

PILATOS

Ecce homo!

VARANDA DA CASA DE TERESA E JOANA: Teresa está trespessada por aquele olhar. Estende a mão para tocá-lo, mas sente-se cair da varanda.

84. INT. QUARTO DE TERESA E JOANA – NOITE

Teresa abre os olhos e encontra-se à luz única da lamparina, no chão do seu quarto de cama. Atarantada levanta-se, senta-se na beira da cama e CHORA silenciosamente em agonia.

85. INT. COZINHA DE MARIA QUINTANILHA – DIA

Brás do Rego está sentado à mesa. Maria Quintanilha borda à janela. Joana dispõe os pratos na mesa e atende à comida ao lume, no canto da chaminé.

BRÁS DO REGO

Não podemos aspirar muito alto, a senhora sempre o soube; quem for, terá que aceitar a minha irmã sem qualquer dote: a senhora não pode e compreende que eu, com as despesas de minha casa, não possuo condições...

MARIA QUINTANILHA

Claro que não, meu filho. Cá nos arranjaremos. Temos sobrevivido.

BRÁS DO REGO

Até quando? A senhora nunca foi muito atenta a estas questões de cabedais, fazia-o meu pai por si. Mas agora a responsabilidade é minha e digo-lhe que não pode perder oportunidades. Dentro de uns anos já Teresa estará velha para arranjar marido.

(pausa)

A oferta de Gedeão e do pai é demasiado boa para ser ignorada. Para mais ela também parece ter-lhe estima.

Teresa entra de rompante, com um pintainho entre as mãos, que mostra à mãe.

TERESA

Vê mãe. O entrevadinho da ninhada já arrebitou. Está aqui que parece outro. Eu disse-te.

Brás do Rego interrompe-a.

BRÁS DO REGO

Minha irmã, estive a falar com a mãe e chegou a altura de vos arranjar marido.

TERESA

(genuinamente espantada)

A mim?!

BRÁS DO REGO

Sim Teresa, a ti. E como tu e Gedeão parecem ter afeto um pelo outro, julgo que será de aproveitar a oferta do pai dele.

TERESA

Que oferta?

BRÁS DO REGO

A de não exigir dote para que cases com o filho.

TERESA

(de rompante)

É muito generoso da sua parte, mas eu não me caso nem tão cedo!

Irado Brás do Rego dá um murro na mesa.

BRÁS DO REGO

Pois então não te casarás nunca. Chega desta vida sem preocupações, sem ocupações. A nossa casa já não está em condições de suportar filhas que não trabalham nem constituem família.

TERESA

(indignada)

Mas eu faço coisas! Simplesmente não penso em tomar marido.

BRÁS DO REGO

Que coisas fazes, Teresa? Andas a passear para cá e para lá meia dúzia de pintos, levas um braçado de roupa a corar e transportas volta e meia cestas com bordados ao solar do conde. E perdes-te por lá em futilidades.

TERESA

(erguendo a voz)

Não me perco nada!

MARIA QUINTANILHA

(atalhando)

Chega! Não vão começar com as vossas disputas!

(firme para Teresa)

Teresa, teu irmão merece-te respeito; ele só deseja o melhor para ti.

(amolecendo)

Porém, se não é ainda a tua inclinação o casamento...

Brás do Rego dá outro murro na mesa.

BRÁS DO REGO

Cá estais, mãe! Enquanto protegeres estas teimosias, nunca conseguiremos que Teresa se torne uma mulher às direitas!

Maria Quintanilha não lhe responde e continua a bordar. Teresa sai levando o pinto para o quintal. Joana trás uma terrina com sopa de carne para o centro da mesa e começa a servir os pratos.

86. INT. QUARTO DE TERESA E JOANA – NOITE

As duas irmãs vestem as camisas de dormir e escovam os cabelos, sentadas na beira da cama. Joana quebra o silêncio.

JOANA

Teresa, não te queres mesmo casar?

TERESA

Deus me livre!

JOANA

Pois eu também não. Mas nossos irmãos mais velhos nunca desistirão.

Teresa enfia-se dentro dos lençóis.

TERESA

Terão que cansar-se

JOANA

Nunca desistirão. Tu sabes. E não podemos contar com a mãe indefinidamente, embora todos os dias peça a Deus para que lhe dê saúde. Mas...temos uma alternativa...

TERESA

(soerguendo-se)

E qual é ela?

JOANA

(entusiasmada)

O convento. Sonho em viver aquela paz, como as irmãs do mosteiro de Jesus, orar e tratar da horta, dos doentes, estar todos os dias junto do sacrário e poder cantar no coro das irmãs.

Teresa fica com um ar meio aturdido.

JOANA

Não gostarias, Teresa?

TERESA

Hum... não sei...nunca pensei nisso. Mas por que não podemos estar como até agora?

JOANA

Porque chegou o tempo, já te disse. Estava até à espera que Brás nos falasse no assunto mais cedo. A mãe anda adoentada e as contas da casa cresceram...

Joana enfia-se também entre os lençóis.

JOANA

(continuando)

Pensa nisso Teresa. É bem melhor do que ser empurrada como um embrulho para os braços de um marido que mal conheces.

TERESA

Mas eu conheço Gedeão...

JOANA

E não ias adorar estar sempre junto de Deus?

Teresa encosta-se melhor nas almofadas.

TERESA

Acho que sim... mas só quando tiver que ser.

(a bocejar, voz arrastada)

Mas não sei se gostaria de ficar quase sempre fechada e de não poder sair...

87. EXT. LATADA DE UVAS – DIA

Teresa apanha uvas empoleirada num cesto grande virado ao contrário e vai atirando-as para uma cesta mais pequena que Gedeão segura. Pára por um momento e vira-se para ele.

TERESA

Gedeão, achas também que uma mulher deve casar logo? Que essa é a sua obrigação?

Gedeão mostra-se surpreso.

GEDEÃO

(reticente)

Bem... acho que esse é o destino de uma mulher, logo que se sinta preparada, sim.

(esperançoso)

Porquê? Já pensas nisso?

TERESA

Eu não, mas pensa o meu irmão por mim.

GEDEÃO

(desapontado)

Não te preocupes, Teresa. Brás é muito consciencioso e preocupa-se com a família. Mas só acontecerá quando estiveres pronta.

E quando descobrires que te apaixonaste.

(pausa)

Eu sei esperar.

Teresa não responde e volta a apanhar as uvas e a atirá-las para o cesto.

88. EXT. CLAUSTRO DO CONVENTO DE JESUS – DIA

Teresa atravessa o claustro.

89. INT. COZINHA DO CONVENTO DE JESUS – DIA

UMA FREIRA atende a um panelão ao lume, enquanto OUTRA rola a massa com um rolo de madeira. Teresa e OUTRA FREIRA amassam num enorme alguidar de barro. Teresa, num repente, besunta os narizes das duas freiras mais próximas e o seu com a massa. Todas riem.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Teresa muitas vezes privava com as irmãs do convento de Jesus, as religiosas mais próximas que conhecera até ali, e que fazia rir com os seus disparates.

90. INT. CONVENTO DE JESUS – DIA

Rotinas do convento.

NARRADOR/SSCM

(V.O. – continuando)

Mas sabia que a sua índole era turbulenta demais para cumprir horários, tabelas e rotinas rígidas sem questioná-las.

91. EXT. LARGO DO CONVENTO DOS FRANCISCANOS R.G. – DIA

PROCISSÃO DOS TERCEIROS

Teresa, Joana e ALGUMAS VIZINHAS assistem ao cortejo em frente à igreja do Convento dos Franciscanos. Teresa cruza demoradamente o olhar com o da imagem do Senhor dos Terceiros.

Os SINOS REPICAM.

92. INT. IGREJA DO CONVENTO DOS FRANCISCANOS R.G. – DIA

Um FRADE FRANCISCANO prega um inflamado sermão de quaresma do alto do púlpito. A igreja está cheia, com povo, burgueses ricos e menos ricos e nobres. Várias senhoras de mantilha, algumas abanam-se de leque. Os acólitos abanam os incensórios, enchendo a igreja de fumo de incenso, que se filtra à luz das velas. Os paramentos são de festa.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Na quaresma Teresa entretinha-se a ouvir os concorridos sermões na igreja dos Franciscanos.

PLANOS da Igreja e das cerimónias.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Gostava daquela dimensão ritual da religião, do fumo de incenso, do peso dos breviários e das mantilhas, da claridade conspirativa das velas, das naves cheias e dos ricos paramentos. Coisas que envolviam a comunidade numa particular ideia de fé.

93. EXT. RUA DA RIBEIRA GRANDE – NOITE

Teresa e as vizinhas caminham TAGARELANDO alegremente. Joana segue atrás em silêncio, embiocada no seu capote.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

E gostava de voltar para casa ao lusco-fusco, ao lado das vizinhas, Joana sempre embiocada no seu capote e ignorando as conversas em redor.

94. EXT. CASA DE MARIA QUINTANILHA – NOITE

PG da casa banhada pela luz da lua.

95. INT. QUARTO DE TERESA E JOANA - DIA

Joana e Teresa dormem. UMA VOZ começa a ouvir-se.

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Teresa, Teresa...

Teresa parece acordar e senta-se direita na cama, apurando o tronco. Olha em volta.

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Teresa, a tua cara. Teresa os teus olhos.
O teu cabelo, Teresa; o suor do teu
corpo, a tua pele. Teresa, as tuas
vontades... Teresa! Os teus sonhos de
menina...

TERESA

(receosa)

O quê? Quem és tu?

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Teresa, toda a tua pessoa. O teu espírito
volátil: põe-nos ao Meu serviço, Teresa.
Tu inteira.

Teresa deita-se novamente e ajusta os lençóis e cobertores, olhando em volta apreensiva. Depois, fecha os olhos com força.

TERESA

(entre dentes)

Sou lúcida! Sou desta terra. Não sou do
demónio. Não sou de Deus. Sou gente.

96. INT. IGREJA MATRIZ DA R. G. – DIA

No confessionário, Teresa fala com o FREI ESTEVÃO, o confessor de Maria Quintanilha, enquanto esta espera, rezando sentada num dos bancos igreja. Após

algum tempo Teresa e Frei Estevão saem do confessional, aproximam-se de Maria Quintanilha e sentam-se a seu lado.

FREI ESTEVÃO

Dona Maria, folgo em transmitir-lhe que sua filha Teresa me revelou ser de sua vontade experimentar a vida religiosa.

Surpresa, Maria Quintanilha levanta a cabeça na direção do teto do altar-mor em busca de ajuda, invadida por uma enorme agonia que lhe aperta todos os seus músculos. Fecha os olhos numa tontura. Depois mexe-se enervada e procura o lenço, recompondo-se. O frade ergue a mão para apaziguá-la.

FREI ESTEVÃO

A menina parece-me muito consciente da situação. Sabe que não poderá fornecer-lhe um dote, mas sendo esta uma inclinação tão do agrado de Nosso Senhor, eu mesmo falarei às irmãs do convento de Jesus para que entre como pupila.

(ligeira pausa)

Se ao fim do tempo conveniente esta continuar a ser a intenção de Teresa, nós havemos de provider o dote para que professe, de uma forma ou de outra.

Maria pigarreia. Aclara a garganta. Por duas vezes tenta falar e as palavras não lhe saem. Por fim fala, num fio de voz.

MARIA QUINTANILHA

Quem sou eu, padre, para me opor ao destino que Deus poderá... à vontade de minha filha... no entanto, peço-lhe: ela é ainda muito jovem. Não nos precipitemos. Pensemos um pouco, todos em conjunto, nesta questão...

FREI ESTEVÃO

Por certo. Pretende Teresa apenas que toda a família se prepare para esta

eventualidade. Eu sondarei as irmãs.
Logo veremos.
(levantando-se)
Vão com Deus.

As duas mulheres levantam-se também e Frei Estevão faz-lhes o sinal da bênção.
As duas caminham em direção à saída, enquanto o frade se ajoelha e reza.

97. EXT. IGREJA MATRIZ DA R. G. – DIA

Após alguns passos no adro, Maria trava Teresa por um braço. Obriga-a a olhá-la e pergunta, séria.

MARIA QUINTANILHA

Teresa, diz-me. Sou tua mãe. Esse é um destino bem mais difícil do que podes imaginar. Fazes isso para afrontar o teu irmão?

TERESA

Não, mãe. É certo que tive que pensar mais nisso quando Brás teimou em casar-me. Sei que não o quero fazer neste momento; seria uma péssima esposa.

(pausa)

E tenho pensado na vinda para o convento de Jesus, onde conheço tantas irmãs e creio que me agradaria. Mas esta necessidade é outra coisa... algo que apareceu há pouco tempo e que preciso de esclarecer, comigo...

(pausa)

No entanto, não tomo logo os votos, pois não? Posso experimentar durante um tempo e é isso que quero fazer.

MARIA QUINTANILHA

Então veremos.

Mãe e filha descem a escadaria da Matriz, diminuindo à maneira que se afastam.

98. INT. QUARTO DE TERESA E JOANA – NOITE

Joana e Teresa dormem. A Voz começa a ouvir-se, despertando Teresa.

NARRADOR/SSCM/VOZ

Teresa, Teresa.

Teresa acorda.

NARRADOR/SSCM/VOZ

Teresa, Teresa

Teresa soergue-se e senta-se na cama.

TERESA

O quê?

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Teresa, toda a tua pessoa. O teu espírito
volátil: põe-nos ao Meu serviço, Teresa.
Tu inteira.

TERESA

Quem és tu?

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Teresa, minha filha, não sou uma
quimera!

TERESA

(insistente)

Mas quem és tu?

Da sombra Pilatos avança para a luz com Cristo flagelado, triste, olhos doces que transmitem sofrimento, gotas de sangue a escorrerem pelo peito. Pilatos aponta Cristo com a mão aberta.

PILATOS
Ecce Homo!

A câmara aproxima-se de Cristo e a Sua face enche o enquadramento.

NARRADOR/SSCM/VOZ
(V.O.)
Teresa, não te enganes. Teresa, tu
inteira.

99. INT. IGREJA DA MATRIZ R.G. – NOITE

Concerto na Igreja da Matriz. O ORGANISTA arranca notas ao enorme órgão. No Coro Alto as FREIRAS DO CONVENTO DE JESUS cantam. No altar-mor um CORO DE FRADES acompanha.

Teresa, Joana, Gedeão e a Maria Quintanilha assistem.

100. EXT. IGREJA DA MATRIZ – NOITE

A MÚSICA chega ao fim. As pessoas começam a sair. Gedeão sai também, amparando Maria Quintanilha, alquebrada, e seguido por Teresa e Joana.

MARIA QUINTANILHA
Foi muito gentil da tua parte convidar-nos.

JOANA
Obrigada Gedeão. És um grande amigo!

TERESA
(sonhadora)
Fez-me lembrar quando era criança.
(pausa)
Tenho saudades de ser criança. Às vezes, parece-me que já não caibo dentro de mim.

GEDEÃO
É porque queres fazer muitas coisas ao mesmo tempo; nunca estás quieta. Ou porque, finalmente, tiveste que crescer.

Quando tiveres uma casa e filhos com
que te ocupar, ficarás mais realizada.

TERESA
(pensativa)
Talvez...

Joana toma o braço da mãe e descem vagarosamente a escadaria, seguidas por
Teresa e Gedeão.

101. INT. CLAUSTRO DO CONVENTO DE JESUS – DIA

Maria Quintanilha e a MADRE SUPERIORA caminham lentamente pelas arcadas do
claustro. Teresa segue atrás, a uma certa distância.

MADRE SUPERIORA
Frei Estevão expôs o vosso caso de tal
modo que será com todo o gosto que
acolheremos Teresa como pupila.

Caminham em silêncio por momentos, antes de Maria Quintanilha responder.

MARIA QUINTANILHA
(serenamente)
Agradeço imenso a vossa gentileza, mas
por enquanto tenho de declinar o
convite.
(pausa)
Não me ando a sentir bem e neste
momento necessito muito da
companhia da minha filha.
(pausa)
Aliás ela é ainda muito jovem e terá
oportunidade.

MADRE SUPERIORA
A senhora o saberá. Mas não julgo que
sua filha tenha uma idade demasiado
tenra para isso. Muitas de nós entramos

na clausura bastante novas. Porém é sempre tempo. Um dia, quem sabe?

MARIA QUINTANILHA

(serenamente)

Quem sabe?

(inclinando-se)

Madre...

Maria Quintanilha sai das arcadas e atravessa o claustro em passo rápido. Teresa segue-a e apanha-a no extremo do lado da portaria.

TERESA

Mãe?...

Maria Quintanilha desmancha-se banhada em lágrimas.

MARIA QUINTANILHA

(em lágrimas)

Perdoa-me filha, mas para já, não consigo fazer isto. É mais forte que eu. Tenho o pressentimento que é uma sentença de violência para ti.

(acalmado-se)

Demos mais tempo, sim?

102. INT. COZINHA DA MÃE DE TERESA – DIA

Tarde de Verão, com o sol a entrar pela porta e janela da cozinha abertas para o quintal. Brás do Rego aparece através da janela, caminhando até à porta, por onde entra. Maria Quintanilha, Teresa e Joana estão sentadas em redor da mesa a arranjar legumes.

BRÁS DO REGO

Teresa, minha irmãzinha, um bonito futuro te espera; Gedeão Lopes quer mesmo casar-se contigo!

TERESA

(cautelosa)

Sim, eu sei. Já me tem falado disso... e também já temos discutido aqui o assunto...

BRÁS DO REGO

(eufórico, para a mãe)

Mas agora ele pediu-me autorização para vos vir encomendar a mão de Teresa, minha mãe!

Brás do Rego serve-se de um púcaro de água que bebe sofregamente.

BRÁS DO REGO

Gedeão partiu numa viagem à Madeira para tratar de negócios. Quando voltar, ele e o pai virão formalizar o pedido.

(pausa)

E sem uma partícula de dote! Mãe, estamos bem encomendados!

Maria Quintanilha limpa as mãos ao avental satisfeita.

MARIA QUINTANILHA

São ótimas notícias, meu filho. Gedeão, além de um bom partido é um excelente rapaz, a quem entregaria qualquer uma das minhas filhas com um enorme descanso.

Teresa morde o lábio superior, afasta uma madeixa húmida que lhe escorregara para o rosto e olha para o quintal.

TERESA

(num murmúrio)

Não vou aceitar o pedido de Gedeão, meu irmão.

BRÁS DO REGO
(incrédulo)
Como?

Teresa ganha coragem e volta-se para todos, que a olham expectantes.

TERESA
(firme)
Não posso aceitar o pedido de Gedeão,
pois ainda não sei se é o que quero. E
não acho correto fazê-lo esperar.

Teresa encara desafiadoramente o irmão. Brás do Rego levanta o braço para puxá-la, mas a mãe interpõe-se entre ambos, com a sua voz cansada e calma.

MARIA QUINTANILHA
Não, assim não.

Joana limpa as mãos ao avental.

JOANA
(surpresa)
Teresa, que se passa? Eu própria não
quereria a sorte de um marido
qualquer, mas Gedeão... é como nosso
parente. Achei que gostasses dele...

Teresa lava as mãos, que enxuga no avental, fazendo um meio sorriso triste.

TERESA
Precisamente por ser o Gedeão, Joana.
E precisamente porque gosto dele.
(de forma mais cúmplice)
É que neste momento, mana, há
qualquer coisa que me chama... não sei
o que é, sinto-me aflita e desorientada e
não hei-de tomar nenhum compromisso
sem descobrir... acho que preciso
mesmo de uns tempos como pupila
num convento.

Os olhos de Joana iluminam-se.

JOANA

Invejo-te, Teresa. Se foste mesmo chamada... Oh! Quem me dera!

TERESA

Não é ainda bem isso... não sei o que é...
(voltando-se para Brás do Rego)

Eu já tinha falado à mãe sobre a minha vontade, e estivemos com o confessor dela. Quero experimentar entrar para um convento como pupila e ver se esta é a minha vocação. Antes de alguns meses lá dentro não posso orientar a minha vida de outra forma, embora até lá também não me importe de ficar junto da nossa mãe, que precisa de mim.

BRÁS DO REGO

(sentando-se)

Con... convento?

TERESA

Brás, não vou prometer coisa nenhuma a Gedeão, que tem sido tão bom connosco. Ele merece uma mulher que esteja disponível de coração e eu não estou.

Brás do Rego volta-se para a mãe.

BRÁS DO REGO

É verdade isso, minha mãe? A senhora sabia?

MARIA QUINTANILHA

(cautelosa)

Falamos no assunto. Achei que era demasiado cedo e resolvi esperar. Como

não voltou a tocar no assunto achei que
Teresa...

(pausa. Olhando para a filha,
aflita)

Continuas a pensar nisso, Teresa?

TERESA

(agoniada)

Todos os dias.

MARIA QUINTANILHA

Se é o que queres...

(para Brás)

Quem somos nós para impedir uma
coisa destas?

Brás do Rego fica algum tempo interdito, em silêncio, a cabeça descaída, as mãos espalmadas em cima da mesa. Teresa de pé, olha novamente para o quintal, com ar longínquo, a cismar para o vazio. Lentamente Brás levanta a cabeça e dirige-se à mãe.

BRÁS DO REGO

(baixo e pausado)

Porque considera ser esta a vontade de
Deus, minha mãe?

(pausa)

E se Deus quiser tomar mais um dos
filhos desta casa para o Seu serviço,
porquê a mais orgulhosa, porquê a mais
obstinada, porquê a que menos se
esforça para o trabalho, porquê a mais
mimada?

Apontando na direção da irmã, que não se movera.

BRÁS DO REGO

(irado)

Porquê ela?

Teresa volta-se na direção de ambos, com os olhos em chispas de fogo.

TERESA
Porque não eu?

Virando-lhes as costas, sai da cozinha. Joana segue-a, deixando a mãe e o irmão num longo silêncio.

Maria do Rego Quintanilha passa as mãos pelo rosto, desalentada.

MARIA QUINTANILHA
Dá-lhe tempo, filho. Tua mãe sente-se fraca, adoentada, e não tem forças para lidar com uma disputa. No entanto, sei uma coisa. Ouve bem, Brás do Rego: se isso for verdade, se tiver de acontecer, não há nada que alguém possa fazer para impedir o seu destino.

Brás está vazio, destruído.

BRÁS DO REGO
(balbuciando para si mesmo)
Isso é apenas mais uma teimosia. Além disso há a questão do dote. Também para um convento é necessário um dote.
(peremptório)
De mim não leva nada, é certo.
(para a mãe)
Sabe? Deixemos correr o tempo, que amansará aquela tonta. Quando Gedeão voltar de viagem, daqui a uns meses, pensaremos.

103. EXT. QUINTAL DE MARIA QUINTANILHA – DIA

Início de tarde de Verão. Sentada numa ampla manta, Maria Quintanilha, dormita encostada à sombra de uma árvore frondosa.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Os dias correm. Com o apertar do calor
Maria Quintanilha vai ficando cada vez
mais lenta, cada vez mais solta da vida.

DISSOLVE

Maria Quintanilha está na mesma posição. Teresa e Joana estão semi-reclinadas na
manta. Joana lê.

NARRADOR/SSCM

(V.O. – continuando)

As filhas passam mais tempo junto dela,
leem juntas as vidas dos santos
preferidos, cantarolam ao cair da tarde
e procuram obrigá-la a comer.

(pausa)

Mas era como se fosse feita de matéria
insustentável e estivesse a esfumar-se.

GP de Maria Quintanilha.

DISSOLVE LENTO

104. EXT. MAR – DIA (p. 117-121)

CORES ALTERADAS: O mar abre-se à passagem de um barco. Maria Quintanilha
está sentada à proa, olhando a linha do horizonte. O TIMONEIRO ENCAPUÇADO
diz-lhe.

TIMONEIRO

Agora podes ir.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Houve sempre quem dissesse que ela
também previra a sua morte.

O barco continua a navegar em direção ao horizonte.

105. INT. COZINHA DE MARIA QUINTANILHA – DIA

Maria Quintanilha borda à janela. De repente leva a mão ao peito. Levanta-se cambaleante e segura-se à mesa, onde estão um jarro de barro e um púcaro. Ela verte alguma água do jarro no púcaro e bebe, agoniada. Depois, sempre cambaleante, sai da cozinha em direção ao interior da casa.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Após um vasto rol de canseiras e trabalhos, de toda uma existência à frente da casa e da família, sentiu o coração como que fendido e saturado.

106. INT. QUARTO DE MARIA QUINTANILHA – NOITE

Maria Quintanilha entra no quarto, cambaleante, e deita-se a custo sobre o colchão de folha, muito direita, com os olhos no teto.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Tinha acabado de completar quarenta e sete anos. Entrara na quase velhice sem quebrantos, numa vertiginosa ciranda de energia, que mantivera a casa erguida, fizera dos herdeiros homens e mulheres, e construía coisas para cada um lembrar.

(pausa)

Tivera uma missão. Cumprira-a.

(pausa)

E soube que só quando os amparava e iludia para uma felicidade enevoadada, também ela fora feliz.

Maria Quintanilha irradia uma seráfica paz interior. Teresa entra com um caldo, que ela recusa afastando-o debilmente com uma mão.

MARIA QUINTANILHA
(debilmente)

Não vale a pena comer. A comida é alimento para o corpo. E o meu já não necessita dela, porque se despede do mundo.

Teresa agarra-lhe a mão, contendo as lágrimas.

TERESA
Mãe. Por favor, não te vás embora.
Sabes que eu preciso de ti.

MARIA QUINTANILHA
(voz fraca)
Lamento, filhinha, mas chegou a hora.
Estou cada vez mais longe daqui.

Carinhosamente, Teresa passa-lhe a mão no cabelo.

107. INT. COZINHA DE MARIA QUINTANILHA – DIA

Joana está atarefada no canto da chaminé, mexendo com uma colher de pau uma panela ao lume. Teresa entra e aproxima-se.

TERESA
A mãe desistiu de viver. É melhor mandarmos chamar todos os nossos irmãos; ao menos os que puderem vir.

Joana agarra-se a ela num choro histérico, mas Teresa afasta-a com firmeza.

TERESA
Vamos fazer como a mãe quer. Proíbo-te de chorar à frente dela. Percebeste?

DISSOLVE

108. INT. QUARTO DE MARIA QUINTANILHA – DIA

Frei Estevão está à beira da cama de Maria Quintanilha, sentado numa cadeira, com os paramentos apropriados. Teresa e Joana estão de pé. O padre ministra-lhe os últimos sacramentos. Ela agarra-lhe no braço, debilmente.

MARIA QUINTANILHA

(voz fraca)

Mandaram chamar os meus filhos.

(pausa)

Pois eu não morrerei enquanto não chegar Simão, que Deus tomou como frade para Si.

FREI ESTEVÃO

(num sussurro)

Dona Maria! Não é muito cristão pretender dispor a hora da sua morte, ou impor-lhe condições; a senhora deixará este mundo quando aprouver a Deus.

MARIA QUINTANILHA

(com um sorriso cansado)

Mas eu não escolho. Nunca escolhi nada na minha vida e tudo me foi imposto pelo além; simplesmente fico a saber das coisas antes dos outros.

O padre faz-lhe o sinal da cruz sobre a testa, com um ar entre o incrédulo e o temeroso. Ela acrescenta, a despedir-se com um gesto de mão.

MARIA QUINTANILHA

E creia, não é uma coisa agradável.

Teresa acompanha Frei Estevão à saída. Maria Quintanilha vira-se para Joana.

MARIA QUINTANILHA

Joana, quero que me ajudes a entrançar o cabelo. Fazes isso melhor do que

ninguém e gostaria de estar
apresentável.

Joana reclina a mãe na almofada e começa a entrançar-lhe o cabelo.

JOANA

(timbre meio sumido)

Foste perfeita, mãe. Quero que saibas...
digam o que disserem... foste perfeita,
para mim e para os meus irmãos. E sem
ti hei-de ficar desorientada.

Teresa regressa e não contém as lágrimas. Maria Quintanilha ergue os olhos para
ela, enquanto Joana continua a entrançar-lhe o cabelo.

MARIA QUINTANILHA

(cansada)

Filha, não chores! Para mim e para ti,
este tempo já é outro. Deus te tomará à
Sua conta.

(pausa)

Deus tomará ambas à sua conta.

Fecha os olhos e descansa, à espera da morte.

DISSOLVE

Rodeada de crucifixos e fumo de velas, Maria Quintanilha está deitada, muito
direita, olhos fechados e respiração débil. Teresa, Joana, Ana, Brás e FRANCISCO
rodeiam o leito. Simão chega, aproxima-se do leito, inclina-se para ela e afaga-lhe
levemente a cabeça.

SIMÃO

Mãe...

Maria Quintanilha entreabre os olhos.

MARIA QUINTANILHA

(num sopro débil)

Simão.

Ela exala o último suspiro. Simão fecha-lhe os olhos. O quarto começa a ser invadido pelos que esperavam lá fora. Joana abraça-se à mãe num choro convulsivo. Teresa, com os olhos rasos de água, sai a correr.

109. EXT. ALAMEDA DE CIPRESTES – DIA

PG de uma alameda de ciprestes. MÚSICA.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Para sentir menos a saudade, nos meses que se seguiram Teresa começou a tecer a tão projetada toalha de renda para o senhor dos Terceiros.

110. INT. COZINHA DE MARIA QUINTANILHA – DIA

Teresa tece a toalha de renda e Joana borda.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Sempre que tecia aos serões, perto de Joana, era como se a mãe estivesse ainda entre elas, e dava consigo a lembrar-se de conselhos sobre a arte e as mãos, que julgava nunca ter absorvido.

111. EXT. VIELA ESCURA – DIA

Francisco luta com UM HOMEM e é esfaqueado.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Em pouco mais de dois meses a família iria enfrentar um novo luto, pois Francisco Quintanilha, que nunca pautara a sua vida por grande regra, morre de uma navalhada, numa obscura rixa de rua.

112. INT. COZINHA DE MARIA QUINTANILHA – DIA

Brás do Rego fala com as duas irmãs.

NARRADOR/SSCM

(V.O. – continuando)

A sua viúva foi viver com a família que tinha em Lisboa, e ofereceu a Joana e a Teresa a sua moradia de Ponta Delgada para lá irem habitar. Como Brás do Rego já as avisara que a casa da Ribeira Grande teria de ser vendida, começaram os preparativos para a mudança.

113. INT. QUARTO DE MARIA QUINTANILHA – DIA

As duas irmãs empacotam as coisas num grande baú. Ao lado está uma grande cesta onde vão também colocando coisas.

TERESA

(animada)

Vamos gostar de mudar de sítio. Haverá mais distrações em Ponta Delgada e aqui tudo nos lembra a ausência da mãe.

JOANA

(lamurienta)

Não sei, Teresa. Parece que um vento ruim veio, para varrer das nossas vidas tudo a que estávamos acostumadas. Sinto-me sufocar.

Teresa pôs-lhe o braço sobre os ombros e puxou-a para si, ternamente.

TERESA

Estamos ainda juntas, não estamos? Isso não mudou.

114. INT. QUARTO DE TERESA E JOANA – DIA

As duas irmãs escovam os cabelos. Joana enfia-se na cama e vira-se para o lado. Teresa enfia-se na cama, ajeita a almofada para ler e pega no livro da vida dos santos. Mas fica a olhar o vazio, pensativa.

TERESA

(V.O.)

Tanta ingenuidade. Que imaginação tão fértil. No fundo era menina até há pouco tempo. Desconhecia a verdadeira amargura da vida. Nem tinha crescido e de repente, em poucos meses envelheci tantos anos...

(pausa)

Talvez, no pouco que nos resta, ainda possamos ser donas do nosso destino...

Ajeita melhor a almofada e procura ler. Mas a vela começa a tremeluzir, animada por uma aragem. Depois estabiliza e começa a brilhar mais forte. A voz faz-se ouvir.

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O. – sussurro)

Estou aqui, Teresa. Aqui... aqui...!

TERESA

(em desespero)

Mas quem és tu?!

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O. – serenamente)

Eu sou o Senhor magoado!...

115. EXT. CAMPO DE S. FRANCISCO PDL – DIA

FIM DE TARDE. Teresa e Joana passeiam vagarosamente pelo Campo de S. Francisco, bordejado por árvores de folhagem densa. O som dos ESTORNINHOS surge em crescendo.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Depois de se instalarem em Ponta Delgada, as duas irmãs encontram um

certo encanto nos passeios vagarosos
pelo campo fronteiriço ao convento da
Esperança, ao entardecer.

116. EXT. RUA DA CASA DE TERESA E JOANA-PDL – DIA

PG da casa em Ponta Delgada. Rua cheia de movimento de carroças e vendilhões.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Espantam-se do bulício das manhãs,
com carreteiros e vendilhões a passar-
lhes à porta...

(cont.)

117. EXT. MERCADO EM PONTA DELGADA – DIA

PG do Mercado muito movimentado. Joana e Teresa fazem compras.

NARRADOR/SSCM

(V.O. – continuação)

... e das tardes tumultuosas de mercado,
onde os géneros são abundantes e por
vezes espantosos.

118. EXT. RUA PRINCIPAL EM PONTA DELGADA – DIA

PG da rua principal, onde passam SENHORAS EMPLUMADAS, SENHORES DE CHAPÉU, bem vestidos. Joana e Teresa passam também, evitando uma carruagem. Num passeio, uma vendedora está sentada num banquinho, em frente a várias canastras de fruta. DOIS MENDIGOS abordam as pessoas.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

As ruas são um constante desfile de
gente de toda a espécie e carruagens
imponentes.

119. EXT./INT. CONVENTOS ESPERANÇA E ST. ANDRÉ – DIA

SEQUÊNCIA DE MONTAGEM

EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA Planos do convento

EXT. CONVENTO DE ST. ANDRÉ Planos do convento

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Rapidamente tomam-se de amizade com várias freiras nos conventos da Esperança e de Santo André.

INT. CLAUSTRO DO CONVENTO DE Stº ANDRÉ. Joana fala acaloradamente com MADRE JERÓNIMA e OUTRA FREIRA.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Joana desabrocha, e torna-se instrumental em reunir as condições para Teresa professar, angariando apoio das novas amizades, (cont.)

INT. CLAUSTRO DO CONVENTO DA ESPERANÇA. Joana fala acaloradamente com a MADRE ABADESSA

NARRADOR/SSCM

(V.O. – continuação)

... falando com a Madre Abadessa, e até mesmo com o Provincial da ordem.

(pausa)

Quanto ao dote...

120. INT. CASA DE BRÁS DO REGO – DIA

Joana está de pé no meio da saleta. Furibundo, Brás do Rego caminha para trás e para diante, gesticulando.

BRÁS DO REGO

Não, não, não! Não se atrevam a esperar que eu, só porque estou bem de vida, embarque num tal disparate! Não hei-de faltar às obrigações da minha casa e da minha família para acudir às loucuras das minhas irmãs.

(pausa)

Quando obram mulheres sem se aconselharem, é nisto que dá! O que se pode esperar das vossas cabeças desmioladas?

(pausa)

Muito me admira que tantas religiosas sejam tão inconsideradas quanto vocês ambas! Ouve, criatura! Aceitaram-na sem dote?

Joana olha para ele em silêncio. Brás do Rego olha para ela, aflito.

BRÁS DO REGO

Ah, não!

JOANA

Mas, irmão, trata-se de uma vocação verdadeira, que agradará a Deus...

BRÁS DO REGO

Falais em Deus? Pois muito bem: falemos em Deus; não sabeis que esperar milagres sem necessidade é tentar a Deus? Como esperais abonar, não só esta entrada, como depois o dote, que é soma mais elevada?

JOANA

Confiamos em Deus.

BRÁS DO REGO

Pois havíeis de confiar também nos conselhos de vosso irmão mais velho, para depois não virdes chorar à minha porta.

(pausa)

Para mais, Gedeão já regressou da Madeira. Ela que fale com ele, a ver se isso lhe passa.

121. EXT. RUA DA CASA DE TERESA E JOANA-PDL – DIA

PG da casa em Ponta Delgada. Rua movimentada. Gedeão dirige-se à casa e bate à porta, ficando a aguardar um pouco. A porta abre-se e ele entra.

122. INT. CASA DE TERESA E JOANA – PDL – DIA

Joana introduz Gedeão na saleta e Teresa levanta-se.

GEDEÃO

Lamento imenso não ter podido
acompanhar-vos na perda da vossa
mãe.

Gedeão abraça-as e ambas CHORAM. Teresa é a primeira a libertar-se e senta-se muito direita, a conter os soluços. Joana também se acalma e senta-se indicando uma cadeira a Gedeão.

JOANA

O meu irmão, Brás, disse-nos que
regressaste há pouco.

GEDEÃO

Sim, foi há menos de 15 dias.

JOANA

E a viagem foi boa?

GEDEÃO

Sem história.

(sorriso)

As viagens sem história são sempre as
melhores.

JOANA

E novidades da nossa Ribeira Grande?

GEDEÃO

Nem parece que estive fora esse tempo
todo. Tirando a vossa ausência, está
tudo na mesma.

Cai um PESADO SILÊNCIO. Depois, Joana levanta-se.

JOANA

Vais desculpar-me Gedeão, mas tenho umas coisas a fazer na cozinha. Teresa fica a fazer-te companhia.

Joana sai e Gedeão olha o vazio. Depois vira-se para Teresa.

GEDEÃO

(reticente)

Teresa, julgo que o teu irmão vos deve ter posto ao corrente das minhas intenções. Nunca procurei esconder a afeição que me liga a todos vós, mas sobretudo o meu amor por ti. Esperei apenas...

Teresa fá-lo calar com um gesto.

TERESA

(serena)

Não fales em amor, Gedeão. É certo que entre nós sempre houve um carinho e uma amizade sem limites...

(pausa)

E sim, Brás falou-me na tua proposta. Noutras circunstâncias tê-la-ia aceite de imediato.

GEDEÃO

Noutras circunstâncias?! Mas porquê?

TERESA

Porque, Gedeão, decidi tomar votos.

GEDEÃO

Votos? Mas...! Que disparate é esse?

TERESA

Não é um disparate. Penso nisso há bastante tempo. Simplesmente era demasiado confuso ao princípio.

GEDEÃO

Teresa, estás a brincar?

TERESA

Não. Quem me dera.

(reticente)

É que... Gedeão, se tu soubesses!

(a falar muito depressa)

Tive chamamentos, coisas... primeiro temi ser como a minha mãe ou como Joana, e fingi que não ouvia, mas isto persegue-me, está comigo cá dentro, mesmo que feche os olhos. E sonhei com Ele... era tão real, ou seja, nunca o vi, mas naquele sonho era como se estivesse sempre à espera Dele.

GEDEÃO

Ele quem? Espera, Teresa...

Gedeão levanta-se e cruza a sala para trás e para diante.

GEDEÃO

Isto só pode ser um transtorno. Não! Não quero saber! Estás perturbada pela perda da tua mãe... mas, Teresa, não tenhas medo: eu protejo-te agora. Teremos a nossa casa, teremos...

TERESA

(cortando-lhe a palavra)

Gedeão, não ouviste? Não me caso. Vou entrar para o convento. Vou para o mosteiro da Esperança.

GEDEÃO

Mas Teresa! Não pode ser! Tu és tão viva, tão alegre. Já te imaginaste? Tu definhas ali dentro!

TERESA

Não, não consigo imaginar como será sem experimentar... mas tenho que fazer isso, Gedeão. É como se não tivesse escolha. Não sei explicar... Apenas sei que se não o fizer, não terei um só minuto de sossego na vida. E, Gedeão, tu conheces-me. Quando decido... está decidido.

GEDEÃO

(desalentado)

Sim, conheço-te. Conheço a tua obstinação e a tua sinceridade. Mas algo me diz que isto será a tua perdição.

Como um sonâmbulo, Gedeão encaminha-se para a saída.

GEDEÃO

A nossa perdição.

Gedeão sai como um sonâmbulo, e Joana entra de seguida, limpando as mãos ao avental. Teresa olha para ela numa aflição.

TERESA

(num soluço)

Joana, estou a afundar-me! É como se o meu destino me estivesse a ultrapassar.

Joana senta-se junto da irmã e toma-lhe as mãos nas suas.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Quando se tratava de questões de fé, Joana ficava ousada, determinada. Era o único motor que a movia. De sua irmã

mais velha, Ana, conseguiu a soma para a entrada de Teresa no convento.

(pausa)

Quanto ao dote, quantia bem mais avultada, foi também Joana que o conseguiu do irmão que vivia em Lisboa, Manuel Quintanilha, a que Brás do Rego, para não ficar mal visto, acabou dando o seu contributo.

123. INT. QUARTO DE JOANA E TERESA – PDL – DIA

Tagarelando alegremente, Joana ajuda Teresa a vestir-se. Esta, nua com os braços esticados como Cristo na cruz, eleva os braços acima da cabeça para Joana lhe possa enfiar a camisa interior de linho e o vestido branco de noiva de Cristo, que completa com o véu.

JOANA

(eufórica)

Enviei convites aos nossos parentes e amigos para estarem presentes.

(pausa)

Quanto a mim, não te preocupes. Já falei com a Madre Jerónima que me diz que posso recolher-me como fâmula em Stº André.

Alheada, Teresa deixa que a irmã acabe de vesti-la. O seu pensamento está longe.

TERESA

(V.O)

“Lembra-te que morres para o mundo, por tua livre vontade. Hoje é o dia do teu enterro e da tua ressurreição.”

124. EXT. RUA DA CASA EM PONTA DELGADA – DIA

Um pequeno grupo de amigos e familiares espera em frente à casa com círios acesos. A porta abre-se e Joana sai, seguida por Teresa, que se detém, olhando em redor.

POV Teresa vê tudo ligeiramente desfocado, distorcido. Apenas Gedeão lhe aparece com absoluta nitidez, pálido e sério. À sua volta as pessoas cumprimentam-na, sorriem-lhe e dão-lhe PARABÉNS. Gedeão mantém-se em silêncio, uma censura no olhar.

TERESA

(V.O)

Que pessoa sou eu, que não me conheço?

(pausa)

Que pessoa, com a minha idade, toma as providências para o seu próprio funeral?

Forma-se uma procissão em volta de Teresa, com Joana à sua direita e Gedeão à sua esquerda, descendo a rua em direção ao convento. O cortejo começa a entoar um CÂNTICO religioso. A câmara favorece Gedeão e Teresa.

GEDEÃO

(V.O)

Lembras-te, Teresa, da penugem dos patos recém-nados ao aconchego da tua mão, do beijo do vento salgado no cimo das falésias, do raio de sol que vinha morrer nas tábuas do soalho quando te levantavas?

125. EXT. IGREJA DA ESPERANÇA – DIA

A procissão de Teresa com os seus familiares e amigos dirige-se à igreja da Esperança. Ela parece arrastar-se em transe, como um autómato. O grupo engrossou, e o CÂNTICO é mais forte.

TERESA

(V.O)

Lembras-te, Teresa, dos salpicos de água nos pés no dia das barreiras, do murmúrio da ribeira por detrás do pomar que cheira a limoeiros e das folhas maceradas quando acaba de passar a procissão?

GEDEÃO

(V.O)

Lembras-te, Teresa, de abrir a porta nas noites sufocantes, e ver no céu estrelas incontáveis, cintilando sobre o escuro da quietude da rua?

TERESA

(V.O)

Lembras-te, Teresa, do colchão de folha da tua cama, da quentura dos cobertores de lã sobre o frio da madrugada, do barulho das achas a cair na lareira e a estralejar no Inverno?

GEDEÃO

(V.O)

Lembras-te, Teresa, dos teus braços nus a amassar o pão, das tuas gargalhadas que explodiam quando me perseguias para me sujares as roupas de farinha branca?

O cortejo sobe os degraus do adro e entra solenemente na Igreja da Esperança.

126. INT. IGREJA DA ESPERANÇA – DIA

O CORO DAS RELIGIOSAS entoa um cântico na igreja. O cortejo entra. A igreja está cheia, decorada com flores e círios acesos, a que se juntam os círios empunhados pelos membros do cortejo, que se derramam pelos assentos da igreja. Por detrás da Grade, uma multidão imóvel e compacta de religiosas, canta. Joana e Gedeão ocupam os seus lugares entre os fiéis. Teresa avança para o Altar-mor, onde é recebida pelas suas DUAS MADRINHAS, duas freiras mais velhas, pela MADRE ABADESSA e pelo FREI FRANCISCO DA ANUNCIADA, padre provincial da ordem.

POV de Gedeão. Teresa, auxiliada pelas Madrinhas, deita-se prostrada no chão, de frente para o altar. As madrinhas ajoelham-se, ladeando-a um pouco afastadas. O CORO canta mais forte. O padre abençoa Teresa, e depois todos os presentes, à esquerda, à direita, à frente e começa a FALAR EM LATIM.

GEDEÃO
(V.O)

Lembras-te Teresa, do luar, numa noite de maçarocas de milho e fogueiras? O teu cabelo não tinha a mesma cor, à luz da lua e à luz do fogo, e o teu riso era o mais cristalino e o mais desafogado de toda a roda.

O padre continua a cerimónia. Depois faz um sinal para ela erguer-se e ela levanta-se com o auxílio das madrinhas.

O padre dá-lhe a bênção. A Madre Abadessa retira-se por uma pequena porta lateral com as duas Madrinhas, enquanto Teresa encabeça novamente o cortejo que sai da igreja.

127. EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Teresa e os seus familiares e amigos saem da Igreja em procissão e dirigem-se à portaria do Convento. A câmara favorece Teresa.

TERESA
(V.O)

Lembras-te, Teresa, do teu andar saltitante à porta da Igreja da Matriz, quando em grupo vinhas às novenas?

O cortejo avança até à portaria.

128. INT. PORTARIA DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

O cortejo entra, encabeçado por Teresa. A madre abadessa aguarda-os, e dirige-se a ela.

MADRE ABADESSA
Esta é a hora da despedida. Daqui em diante, só através da grade poderás ver quem não pertence à clausura do convento.

Teresa fica por um momento com um ar entontecido.

TERESA

(V.O)

Então é assim, tão simples e tão súbito?
Dás um passo e divides os mundos, as
vidas, as existências...

Gedeão não tira os olhos dela.

GEDEÃO

(V.O)

Diz que já não queres fazer isto, Teresa.
Diz que não!

Mas, após um breve instante de vertigem, Teresa avança resolutamente para os irmãos, um a um, numa despedida. Começa por Brás, dando-lhe um estreito e silencioso abraço que o surpreende e leva às lágrimas. Depois tira os brincos de ouro que ainda trazia nas orelhas e oferece-os à lacrimosa Ana.

TERESA

Obrigado Ana. E agradece ao teu marido
por ter confiado na minha inclinação.

Depois abraça Gedeão.

TERESA

Gedeão, Gedeão. Meu grande amigo, o
irmão que sempre quis.

Quando Teresa o liberta do abraço, Gedeão sai a correr, olhos a rebentar de água. Finalmente, Teresa volta-se para Joana, a única que tal como ela, mantém os olhos enxutos. As duas irmãs estreitam-se num longo abraço. Os SINOS REPICAM. Teresa volta-se resolutamente e segue a Madre e as irmãs freiras numa pequena procissão interna, pela porta do convento, que se fecha atrás delas.

129. INT. IGREJA DA ESPERANÇA – DIA

A família e amigos de Teresa estão novamente na igreja. As portas da Grade estão cerradas. Há um silêncio sepulcral na igreja. De súbito, as portadas começam a abrir-se de par em par. Uma procissão de religiosas descalças começa a entrar por

uma porta lateral, e a dividir-se em duas filas paralelas, que formam uma alameda de freiras com os cruxifixos na mão. Teresa entra ladeada pelas suas duas madrinhas, também descalça e vestindo apenas uma espécie de camisa rústica que a cobre até aos pés, empunhando um cruxifixo, os cabelos longos, desatados, imersos no fumo tremeluzente dos círios, uma coroa de flores na fronte.

CONTRA CAMPO: Junto ao altar, na parte pública da igreja, um coro de meninos faz subir no ar os acordes etéreos de uma música sacra. Gedeão avança e fica de pé junto à Grade, a olhar para dentro.

POV de Gedeão, através da grade: Teresa ajoelha e recebe a bênção da Abadessa. Levanta-se e faz uma vénia na direção de Gedeão, antes de se deixar conduzir pelas duas Madrinhas a uma cadeira de braços, no centro do coro alto de frente para a grade, onde se senta. As duas Madrinhas ladeiam-na, de pé. DUAS FREIRAS saem das filas e ajoelham-se, uma de cada lado das madrinhas.

No Altar-mor, o Padre Francisco da Anunciada DIZ O SERMÃO de forma indistinta. Gedeão olha para Teresa através da Grade.

GEDEÃO

(V.O.)

Lembras-te, Teresa, de que poderíamos
ter tido uma casa só nossa, filhos do teu
ventre, histórias para contar na velhice,
aconchegos de quem se ama?

(pausa)

Lembras-te Teresa? Lembras-te?

ATRÁS DA GRADE, Teresa olha alheada. A VOZ do padre torna-se inteligível.

PADRE FRANCISCO

(V.O.)

Hoje é dia de celebração. Celebração da
morte de Teresa Quintanilha para o
mundo e do nascimento de Teresa da
Anunciada para o Senhor.

O coro de meninos CANTA em V.O. As duas irmãs ajoelhadas levantam-se, e munidas de tesouras cortam o longo cabelo de Teresa. DUAS IRMÃS, vestidas de branco, aproximam-se dela e LÊEM EM VOZ ALTA, o serviço fúnebre a Teresa.

Depois, esta levanta-se para se ajoelhar perante a Madre Abadessa.

O coro de meninos CANTA ALTO. A voz de Teresa surge pelo meio em frases entrecortadas.

TERESA

Juro obediência e castidade...

O CORO sobe de tom, abafando a voz de Teresa.

TERESA

... tomando o nome de Teresa Da
Anunciada.

A Madre Abadessa dá-lhe a bênção e ela levanta-se. As duas madrinhas, auxiliadas pelas outras duas freiras, vestem-lhe o hábito, fazendo-o deslizar pela cabeça. Depois colocam-lhe o véu, opaco e negro.

Teresa avança para a grade, ajoelha, levanta-se, anda em círculos e pára, repetindo as mesmas poses rituais diversas vezes. Depois pára definitivamente. A Madre Superiora diz-lhe qualquer coisa e Teresa dirige-se à Grade para a última despedida. Uma a um, os seus familiares passam pela Grade, estendendo-lhe as mãos em silêncio, tocando-lhe, e retirando-se depois emocionados. Gedeão é o último.

GEDEÃO

(voz baixa, colérico e magoado)

Porque não te apaixonaste por mim?

Teresa sorriu-lhe com uma grande calma, distante, outra.

TERESA

Não vês que não me apaixonar por ti é
precisamente a forma de te amar
melhor?

POV através da Grade: Teresa afasta-se da grade. As duas filas de Freiras retiram-se ordeiramente fundindo-se numa fila única junto da porta por onde desaparecem, encabeçadas pela Madre Superiora, que leva uma grande cruz de prata. Teresa

segue-as, precedida pelas duas Madrinhas, desaparecendo através da porta, que se fecha após ela.

Através da Grade, o coro baixo fica vazio.

DA ANUNCIADA

3º ESPISÓDIO

ECCE HOMO

130. EXT. RIBEIRA GRANDE – DIA

PG da Ribeira Grande.

DISSOLVE

131. EXT. PÁTIO DO SOLAR – NOITE

D. José ADOLESCENTE chega da caça com uma dúzia de coelhos pendurados num cajado, com DOIS CRIADOS e CÃES. Os criados ocupam-se dos cães e ele entra no solar.

132. INT. COZINHA DO SOLAR – NOITE

DUAS CRIADAS atarefam-se na cozinha. D. José descarrega os coelhos em cima de uma mesa grande no centro da cozinha. D^a Luzia, muito atraente mas já madura, está sentada numa ponta da mesa, bebendo chá. Tirando a camisa, D. José lava-se numa celha de água em cima da amassaria. Depois vira-se para uma das criadas.

D. JOSÉ

Agradecia que me levassem água
quente ao quarto para os pés.

D. José sai.

133. INT. ALCOVA DE D. JOSÉ – NOITE

D. José está estirado num cadeirão com os pés descalços numa celha vazia, envergando apenas uma camisa de noite de linho. D^a Luzia entra com um jarro de água quente a fumar, aconchegando a mantilha ao peito, num gesto que revela ainda mais o busto quando se dobra numa vénia.

D^a LÚZIA

(voz tímida)

Permitis, D. José? As moças estão
demasiado atarefadas na cozinha, pelo
que tomei a liberdade de trazer a água
eu mesma.

D. JOSÉ
(atarantado)

D^a Luzia. Não havia necessidade... eu podia esperar.

D^a LUZÍA
Mas a água iria arrefecer. E depois, faço-o com gosto.

D^a Luzia inclina-se e verte a água na bacia, revelando o generoso decote. Depois, atira a mantilha para cima da cama e ajoelha-se em frente dele.

D^a LUZÍA
Com tantas caçadas, D. José, tendes os pés muito mal tratados! Permitti.

D^a Luzia começa a massajar-lhe os dedos dos pés, balançando o generoso decote em frente aos seus olhos. D. José fica mudo, mas não tira os olhos dos seus seios balouçantes. D^a Luzia finge não perceber e arregança o vestido revelando um pouco das coxas, continuando depois a massajar-lhe os pés.

D^a LUZÍA
Sois um magnífico rapaz, D. José. Feliz da mulher que conquistar o seu coração. Mas, permita-me a pergunta, já sois homem? Quero dizer, já...

D. José não responde, embaraçado. Ela enxuga as mãos ao vestido e começa a acariciá-lo pelas pernas acima, por debaixo da camisa de noite.

D^a LUZÍA
Vejo que não. Também sois ainda muito novo, quase criança. Mas nunca é cedo para começar.

Por debaixo da camisa, a mão dela chega ao membro viril do jovem conde, que estremece todo, e respira pesadamente.

D^a LUZÍA
Vejo que tem aí um assunto para eu tratar, D. José.

D^a Luzia ergue-se e lentamente começa a despir o vestido, revelando os seios na sua plenitude, ficando apenas com o saíote de baixo. D. José não perde um movimento. Depois, ela desabotoa o saíote e deixa-o cair aos pés. D. José não se mexe e olha-a fixamente. Ela puxa-o pelas duas mãos e ele levanta-se, tirando os pés da celha. D^a Luzia abaixa-se e levanta-lhe a camisa de noite, que lhe tira pela cabeça. Depois condu-lo docilmente para a cama, onde lhe tira a virgindade. Ofegante, mas já feito homem, D. José olha o teto.

D. JOSÉ

Porque fez isso, D^a Luzia?

D^a Luzia vira-se para ele, ficando deitada de lado.

D^a LUZÍA

Foi mais um serviço que prestei ao vosso pai, o Sr. Conde e à vossa mãe, a Sr.^a Condessa.

D. JOSÉ

(virando-se para ela)

A senhora foi amante do meu pai?

D^a LUZÍA

Não, D. José, não fui. Depois de me desfrutar uma única noite, ele rejeitou-me. Disse que respeitava demasiado a vossa mãe para manter uma relação dessas dentro de casa.

D. José olha com admiração o corpo de D^a Luzia e começa a acariciá-la.

D. JOSÉ

Porque fez isso realmente, D^a Luzia?

D^a Luzia puxa-o para si, encorajando as carícias.

D^a LUZÍA

Estou a retribuir a indiferença de vosso pai prestando-lhe o serviço de iniciar o seu herdeiro nas lides do amor carnal.

Ela puxa gentilmente a cabeça de D. José para o seio. As respirações de ambos aceleram-se.

134. INT./EXT. SEQUÊNCIA NO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA/NOITE

ARCADAS DO CLAUSTRO: Teresa caminha, lendo.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Teresa tomou os votos sem mudar o seu primeiro nome, pois não renegaria a pessoa que fora, e que acreditava, continuaria a ser.

REFEITÓRIO DIA: Teresa come com as outras freiras.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Mas acrescentou “da Anunciada”, talvez em homenagem ao provincial Frei Francisco da Anunciada, que apadrinhara a sua entrada para o convento, ou por julgar que Deus lhe anunciara que a sua vida não seria como a planeara.

CORO ATRÁS DA GRADE: Teresa assiste à missa com as outras freiras, e canta a plenos pulmões.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Teresa começa a participar nas rotinas do convento, em que encontra um certo divertimento. No coro, canta com entusiasmo.

LAVANDARIA DIA: Teresa e OUTRAS NOVIÇAS, de mangas arregaçadas, chapinham a fazer barrela.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Nas lavandarias, o dia de barrela transforma-se numa sessão de risos e de bolhas, onde as noviças chapinham de mangas arregaçadas.

JARDIM E HORTA DIA: Teresa poda uma roseira e depois cava a terra numa courela de repolhos.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

No jardim e na horta, a madre pomareira deixa-a plantar e cuidar da profusão de flores desacostumadas, e legumes de toda a ordem.

COZINHA DIA: OUTRAS NOVIÇAS, de mangas arregaçadas, correm atrás de Teresa numa GRITA, lambuzadas de farinha e massa fresca.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Nas cozinhas, o preparo de uma refeição frequentemente acaba com as freiras lambuzadas por Teresa, a persegui-la num desacato.

CORREDOR NOITE: Teresa e outras noviças, empunhando velas, entram e saem das celas.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Os corredores, antes do recolher, tremeluzem com brincadeiras de luzes, à chama traquina de alguma vela...

IGREJA: Teresa coloca arranjos de flores com outra freira.

NARRADOR/SSCM

(V.O. – continua)

... e até os altares começavam a gritar
com o colorido de arranjos silvestres e
cheiros bravios.

CLAUSTRO DIA: Teresa, arregaçando um pouco o hábito, pula num imaginário jogo da macaca, como fizera da primeira vez que ali fora com a mãe.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Por vezes, um olhar de espanto
atravessava-se no seu caminho. Mas
entrara havia pouco e era, no essencial,
extremamente cumpridora. A princípio,
preferiam ignorar o bulício que se
instalava à sua passagem.

135. EXT. / INT. SEQUÊNCIA CONVENTO DE SANTO ANDRÉ – DIA/NOITE

COZINHA: Sisuda, Joana esfrega um grande painelão de ferro. OUTRAS FREIRAS
escaldam e depenam galinhas.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Joana fora entretanto acolhida no
Convento de Santo André, mas não
encontrou aí a paz pretendida.

136. INT. PALRATÓRIO NO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Joana aguarda com o seu ar sisudo, infeliz. Teresa entra e senta-se a seu lado,
satisfeita. Joana olha em frente sem a encarar.

TERESA

Que tal a vida no convento, mana?

(rindo)

Tu ao menos podes sair. Eu é que estou
presa na clausura.

JOANA

(brusca, ar alucinado)

Sabes que todas as noites o demónio
me derruba da cama?

Teresa recua, enjoada. Depois recompõe-se.

TERESA

(cautelosa)

Joana. Lembras-te da nossa mãe?

JOANA

Todos os dias. Sei que brevemente irei
ter com ela.

TERESA

Não digas isso. Quero que penses como
ela era infeliz, só por pressentir as
coisas... quero que tenhas cuidado com
o que dizes.

Joana nem a ouve e fala num tropel.

JOANA

Constantemente tenho que repreender
as religiosas daquele convento. Falam
umas com as outras no coro alto: é uma
vergonha!

(virando-se para ela)

A mim, o confessor proibiu-me de falar
ao Senhor em voz alta enquanto
durasse o ofício divino. E a prelada
mandou-me sair durante a reza das
matinas. Diz que impeço as irmãs de
escutar...

TERESA

Joana! Não ouves?

(tomando-lhe as mãos)

Tens jejuado?

JOANA

Jejuo sempre, Teresa. Tu deverias fazer o mesmo, agora que és esposa de Cristo. Dá mais leveza ao espírito.

TERESA

Dá é loucura!

Esquecendo-se que está no locutório, Teresa deita a mão às vestes da irmã, palpando-a nos sítios que tão bem conhece, por debaixo delas. Ao tocar-lhe no peito, faz um olhar horrorizado.

TERESA

(alarmada)

O que é isto, Joana?

Meio contrafeita, meio feliz por ter sido descoberta, Joana desviou a roupa para expor uma pesada cruz de ferro pendurada ao peito e cujos esporões, em contacto com a pele, já tinham aberto rasgões profundos, de onde exsudava soro ensanguentado.

TERESA

(exasperada)

És doida, irmã?

(procurando soar mais calma)

Joana, por favor, Deus não é sangrias ou dor. Quando aprenderás a gostar de ti?

JOANA

Nada há em mim para gostar. Sou vil. Mas hei-de alcançar Deus, pelo martírio. Já estou tão perto, Teresa... e elas, também não querem entender. Impeço-as de pecar porque lhes desejo a alma muito pura.

Joana abraça a irmã.

JOANA

Tu... pus-te aí dentro para te proteger... também a ti e à tua alma.

Teresa solta-se dela num repente.

TERESA

(gritando)

Cala-te! Tu não me colocaste aqui. Vim porque quis. Ouviste?

(ofegante)

Vim porque...

(alterada)

... tu não sabes o que dizes, Joana!

A MADRE PORTEIRA acode, aflita.

MADRE PORTEIRA

Irmã, tem de entrar.

Teresa hesita, olhando para Joana, num misto de carinho, angústia e desespero.

MADRE PORTEIRA

(insistindo)

Terminou a entrevista, Irmã.

Desorientada, Teresa obedece e sai, deixando Joana no locutório.

137. EXT. CLAUSTRO – DIA

Teresa entra por uma porta, atravessa o claustro a passos largos, e sai pela porta do extremo oposto.

DISSOLVE

Teresa entra por outra porta, atravessa o claustro a passos largos, e sai pela porta do extremo oposto.

138. INT. GABINETE DA ABADESSA – DIA

A abadessa lê o breviário, caminhando para trás e para a frente no gabinete. DOIS TOQUES na porta fazem-na levantar os olhos.

MADRE ABADESSA

Entre.

Teresa entra, olhos postos no chão.

TERESA

Obrigada por me receber Madre.

A Abadessa fecha o breviário, coloca-o em cima da mesa e toma as mãos de Teresa.

MADRE ABADESSA

Suponho que seja acerca de sua irmã,
Joana.

TERESA

A madre já sabe...

MADRE ABADESSA

A Madre Porteira já me contou.

TERESA

(aflita)

Estou muito aflita Madre. Joana sempre
foi assim, mas não desta forma...

(pausa)

Peço-lhe que me deixe falar com ela de
novo. E que me deixe ir a Santo André
falar com a Madre Abadessa.

(pausa)

Não temos mais quem olhe uma pela
outra.

A Madre puxa-a para um banco corrido, de espaldar, ao fundo da sala e sentam-se.

MADRE ABADESSA

(pesando as palavras)

Tendes, sim. Agora sois esposa de Cristo
e a vossa irmã é Sua protegida. Ele
olhará por vós.

(pausadamente)

Mas posso conversar com a Madre de Santo André. Se as suas preocupações se assemelharem às vossas, trataremos do assunto da melhor forma.

139. EXT. JARDIM – DIA

Teresa poda as roseiras floridas, carregadas de rosas e botões de rosa.

140. EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

PG do convento, com os Plátanos em Flor, começando a ter esparsas folhas verdes, em Primeiro Plano.

141. EXT. JARDIM – DIA

As roseiras já não têm rosas. Teresa monda a terra por entre os girassóis, floridos em pleno.

142. EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

PG do convento, com os Plátanos carregados de folhagem verde, em Primeiro Plano.

143. EXT. JARDIM – DIA

Teresa cuida das cameleiras em flor.

144. EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

PG do convento, com os Plátanos com folhas amarelas e avermelhadas, em Primeiro Plano.

145. EXT. JARDIM – DIA

Teresa chora, sentada num banco do jardim.

146. EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

PG do convento, com os Plátanos nus, galhos despidos, sem a mínima folha, em Primeiro Plano.

147. EXT. CLAUSTRO – DIA

Teresa entra pela porta oposta à que saíra anteriormente, atravessa o claustro a correr e sai pela porta inversa, no extremo oposto.

148. INT. GABINETE DA ABADESSA – DIA

A Abadessa, Frei Francisco e a ABADESSA DE SANTO ANDRÉ aguardam sentados. Teresa entra de rompante, sem bater.

TERESA

(ansiosa)

Mandou-me chamar Madre?

A Madre indica-lhe uma cadeira, junto dos presentes. Teresa senta-se.

MADRE ABADESSA

Tenho acompanhado ao longo destes meses, junto da Madre Superiora de Stº André e do nosso Provincial, Frei Francisco, a situação de sua irmã Joana. A situação é grave e os esforços das irmãs de Stº André para ajudar Joana não têm resultado. Mas Frei Francisco e a Madre Superiora de Santo André estão aqui hoje para melhor a por ao corrente o que se tem passado.

O Provincial inclina-se na direção de Teresa.

FREI FRANCISCO

O jejum, alternado com refeições de pão e água é o único alimento que Joana toma. Ninguém a consegue fazer comer. Nem à força.

ABADESSA DE STº ANDRÉ

Para acudir aos desmaios e à deterioração do corpo, o boticário tem aplicado sangrias, o que parece ter levado Joana a maiores desmandos.

FREI FRANCISCO
Os cilícios.

Teresa levanta-se agoniada e começa a andar em círculos, apertando as fontes.

TERESA
Claro. Tanto os cilícios como a falta de alimento pioram a sua confusão de espírito.
(virando-se súbito para a Abadessa de Stº André, numa súplica)
Madre, isso não pode continuar.

ABADESSA DE SANTO ANDRÉ
Irmã Teresa, tal como deve saber, melhor do que nós, não há meios que convençam a irmã Joana de que este é um caminho errado. Resta-nos continuar a insistir na obediência, quando interfere com a paz do convento e... esperar.

TERESA
Mas ela é uma de vós! Não há nada nem ninguém que possa...

ABADESSA DE SANTO ANDRÉ
Irmã, já fizemos tudo perante a gravidade do caso. E continuamos a fazer. Mas...

(pausa)
Joana não atina com os trabalhos nem colabora naquilo que é ordenado. Tem as suas próprias iniciativas, que em nada concorrem para a ordem do convento.

(meia pausa)
Critica as irmãs em voz alta pelos comportamentos que lhes inventa, fala todo o tempo em pecado e perdição... distribui pão, descalça, a horas

impróprias... que lhe podemos dizer mais?

(pausa)

Já falamos em ter que retirá-la, mas só em último caso, pois sua irmã está doente, sofre da cabeça e do corpo e seria uma falta de caridade.

Teresa baixa a cabeça, deixando rolar duas grossas lágrimas.

TERESA

Peço-vos que me autorizem a escrever a Gedeão Lopes. É como se fosse nosso irmão e desde sempre foi ele quem melhor soube roubar Joana a estes acessos...

As duas madres superiores entreolharam-se e viraram-se para o Provincial da Ordem. Frei Francisco medita e suspira.

FREI FRANCISCO

(concedendo)

Fá-lo-emos, como derradeira tentativa. Mas se falhar, Teresa da Anunciada, terá que entregar o caso a Deus. Compete-me recordá-la que já não tem irmãos no mundo exterior.

149. EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

PG do convento, com os Plátanos nus, galhos despidos, sem a mínima folha, em Primeiro Plano. O Provincial da Ordem e a Abadessa de Stº André saem pela porta lateral e descem a praça na diagonal.

DISSOLVE

150. EXT. CONVENTO DE SANTO ANDRÉ – DIA

PG do convento, do lado da portaria. Vindo de cima, Gedeão entra.

151. INT. CALUSTRO DO CONVENTO DE SANTO ANDRÉ – DIA

Gedeão segue atrás da MADRE PORTEIRA. Ouve-se apenas os SEUS PASSOS nas lajes de pedra. No extremo oposto, a Madre porteira abre uma porta e deixa Gedeão entrar.

152. INT. ESCRITÓRIO DO PROVINCIAL EM SANTO ANDRÉ – DIA

O Provincial está sentado a uma secretária e levanta-se mal Gedeão entra.

FREI FRANCISCO

(voz baixa)

Gedeão Lopes, presumo.

Gedeão fica um pouco perplexo.

FREI FRANCISCO

(voz baixa)

Sou Frei Francisco, provincial da ordem.

Dada a gravidade da situação, sou eu quem acompanha o caso.

(dirigindo-se para a porta)

Venha.

153. INT. CELA DE JOANA – DIA

Num catre jaz Joana, de olhos fechados, esmaecida e cadavérica, cabelos grisalhos, cinzentos, mãos esguias e débeis. Sentada num canto, uma RELIGIOSA vela a doente. Em cima de uma mesa, vários frascos com remédios da botica e uma lamparina fumarenta, que mal alumiava o espaço.

Frei Francisco entra seguido de Gedeão e a religiosa sai, aliviada. Gedeão dá meia volta e sai levando a mão à boca. Depois volta a entrar, e baixa-se para falar ao ouvido de Joana.

GEDEÃO

(voz baixa)

Joana! Joana! Sou eu, Gedeão.

Joana abre os olhos e, mal reconhece Gedeão, crava as unhas no seu antebraço.

JOANA

Gedeão, leva-me daqui. Vim para este lugar enganada. Isto é um antro de perdição e o demónio está por toda a parte!

GEDEÃO

Joana, minha amiga, acalma-te. Estás bastante doente, mas as religiosas cuidam de tratar-te. Tens de colaborar...

JOANA

(largando-o, trocista)

Religiosas. Eu também pensava que estaria a salvo no meio delas... mas... não me vêes, Gedeão? Não reconheces em mim o pecado?

(voltando a agarrá-lo)

Avisa Teresa: foi um engano! Só na nossa casinha estávamos a salvo! No quintal, na cozinha... e a minha mãe? Viste-a?

Desnortado, Gedeão olha para o Provincial, que abana a cabeça, lentamente.

FREI FRANCISCO

Quase sempre arde em febre e delira. É a infeção. Já a sangraram, mas não cede...

GEDEÃO

(suspirando)

Joana, porque fizeste isso a ti própria? As torturas, as violências, tão desnecessárias!

JOANA

Não fui eu que fiz. Foi o demónio. Já te disse; nunca pensei encontrá-lo aqui. E no entanto, fugi dele toda a vida...

(meia pausa)

As pessoas teimam, Gedeão, não acreditam que os mundos estão abertos, que há uma porta e que tudo se move, mesmo à nossa volta... é questão de sentir, quando não se pode ver.

GEDEÃO

A que te referes? Foi o diabo que te obrigou a torturares-te?

JOANA

O homem, meu amigo! Se tu soubesses! Parecia a própria música da salvação! Além disso era um homem de Deus...

GEDEÃO

Que homem? Que dizes tu?

O religioso tocou no ombro de Gedeão.

FREI FRANCISCO

Não vale a pena. Ela não sabe o que diz. Inventava coisas a todo o instante. Na verdade, piorou imenso dos seus delírios no último mês. E com as violências que infligiu ao corpo...

Frei Francisco abana a cabeça com um ar grave, num trejeito sombrio. Gedeão endireita-se e passa a mão pelos cabelos.

GEDEÃO

Não sei o que fazer. Acha que se sair daqui?...

FREI FRANCISCO

Não creio. Os físicos já disseram que nada mais há a fazer. Nem pela sua alma posso obrar, pois não se encontra em si.

(pausa)

Gostaríamos porém de combinar as disposições da família quanto ao... sabe, no caso de haver enterro. Bens, não trouxe. Ainda não tinha tomado votos... Tentei contactar com um parente, Brás do Rego Quintanilha, mas ele ainda teme mais o escândalo do que nós.

GEDEÃO

Mas que escândalo? É uma doença, certamente...

FREI FRANCISCO

Ela tem feito acusações constantes, algumas muito graves, contra tudo e todos. Aqui dentro demos-lhe o desconto da piedade e da loucura. Por fim tivemos que isolá-la para não impressionar as restantes.

Porém se alguém de fora... é constrangedor.

Gedeão olha demoradamente para Joana. Depois inclina-se para ela.

GEDEÃO

Agora tenho de ir Joana. Adeus.

Joana nem abre os olhos. Gedeão sai, seguido pelo Provincial. A religiosa que velava por Joana volta a entrar e senta-se no seu canto.

154. EXT. CALUSTRO DO CONVENTO DE SANTO ANDRÉ – DIA

Frei Francisco acompanha Gedeão até à portaria e regressa ao seu escritório. Quase a correr, PADRE AUGUSTO, um jovem bem-parecido e em boa forma física, corta-lhe o passo no regresso.

PADRE AUGUSTO

Precisava de falar-lhe, meu pai.

FREI FRANCISCO

Que posso fazer por vós padre Augusto?

Os gestos de nervosismo do Padre Augusto revelam grande aflição.

PADRE AUGUSTO

Preciso que me ouça em confissão.

FREI FRANCISCO

Mas... poderia pedir a um irmão...

PADRE AUGUSTO

(a torcer as mãos)

Não. Tem que ser com Vossa paternidade. E se possível, o mais rapidamente que seja.

O Provincial pressente a urgência.

FREI FRANCISCO

Certo. Acompanhe-me ao escritório.

Devo apenas colocar o escapulário.

O Provincial caminha a passos largos para o escritório, seguido pelo padre Augusto.

155. INT. ESCRITÓRIO DO PROVINCIAL EM SANTO ANDRÉ – DIA

Já com os paramentos postos, o Provincial toma o seu lugar no cadeirão e o padre Augusto lança-se de joelhos à sua beira.

PADRE AUGUSTO

(num soluço)

Perdoai-me que pequei!

FREI FRANCISCO

Quais foram as tuas faltas?

PADRE AUGUSTO

(com os olhos no chão)

A minha falta é medonha! Fui eu a causa da perdição da irmã Joana e da minha, decerto... Oh! Decerto!

FREI FRANCISCO
(apreensivo)
Mas como?

156. INT. CELA DE JOANA – NOITE

FLASHBACK: Joana e o Padre Augusto fazem amor atingindo o clímax.

PADRE AUGUSTO
(V.O.)
Pecamos ambos... com a carne... Oh, vós sabeis como. E depois da tentação sobrevir não houve remédio.
(meia pausa)
A irmã Joana não pôde lidar com tamanha falta... e... enlouqueceu ou... provavelmente é castigo do Altíssimo. Eu também não posso mais, padre.

FREI FRANCISCO
(V.O.)
Padre Augusto! Tendes noção do pecado que me relatais? Quantas vezes somos nós, fostes vós advertido quanto às tentações da carne? E ainda mais se prestamos, como vós, serviço num acolhimento de mulheres. Meu Deus, que faremos?

157. INT. ESCRITÓRIO DO PROVINCIAL EM SANTO ANDRÉ – DIA

Elevando a voz, o padre Augusto chora totalmente descomposto.

PADRE AUGUSTO
Que farei, que farei Vossa paternidade, se já me espera o inferno... necessito do perdão de Deus...

FREI FRANCISCO

(dando mostras de nervosismo)

Padre, se sofria de tentações, porque não falou a um seu irmão, a alguém, porque não procurou a confissão e os conselhos espirituais?

PADRE AUGUSTO

Enquanto não caímos julgamos sempre ser possível escapar; e nisto a irmã Joana tinha razão, coitada, o demo está sempre à espreita pelos cantos, mas não sabemos quando nos atacará.

FREI FRANCISCO

Por isso não deixaremos nunca de vigiar.

(pausa)

Bom, está feito. A sua penitência será, por ora, um jejum absoluto de dois dias e mortificações da carne. Leia as passagens da tentação de Cristo. Veja como, nem perante a morte nem perante as riquezas do mundo, Ele vacilou.

PADRE AUGUSTO

Mas Cristo... era Cristo e eu...

FREI FRANCISCO

(cortando agreste)

Vós sois alguém que se entregou a este mecenato por vontade própria e tendes a grande responsabilidade de conduzir os crentes!

CORTA

FREI FRANCISCO

Terei de falar aos nossos superiores. E à Madre Abadessa. As vossas funções aqui não poderão continuar, certamente.

Mas alguém acima de nós decidirá onde
vos colocaremos, para melhor expiar
este pecado.

CORTA

FREI FRANCISCO

No entanto, advirto-o, irmão, com o
poder que a Igreja me confere. Nem
uma palavra deste triste acontecimento
pode transpirar. Ouviu?

Padre Augusto assentiu com um sinal de cabeça, desfeito em lágrimas.

FREI FRANCISCO

(voz cansada)

E Deus tenha piedade de si... piedade de
nós.

(fazendo o sinal da absolvição)

Eu te absolvo, em nome do Pai, do Filho
e do Espírito Santo...

Acabrunhado, Padre Augusto levanta-se e dirige-se à porta quando o provincial o
interrompe.

FREI FRANCISCO

Padre Augusto, há quantos anos está na
ordem?

PADRE AUGUSTO

(voz sumida)

Desde... desde os dez anos de idade.
Entrei para o convento dos Franciscanos
e logo que pude tomei os votos.

Frei Francisco faz um sinal de assentimento com a cabeça, e com a mão dá-lhe sinal
para sair. O padre sai fechando a porta atrás de si.
Após um longo momento, Frei Francisco levanta-se lentamente e dirige-se para a
porta, envergando os paramentos.

FREI FRANCISCO
(para si, abanando a cabeça)
Que sabe um rapaz de dez anos sobre a
vida? Com que decisões já se
confrontou? O que sabe um rapaz de
dez anos sobre ele próprio?

Frei Francisco abre a porta e sai, fechando-a atrás de si.

158. INT. CELA DE JOANA – DIA

Joana jaz quase inconsciente, a respiração entrecortada. Sentada ao canto, a mesma Irmã vela. Frei Francisco entra. Joana não abre os olhos, nem mostra estar consciente. Com os olhos húmidos, Frei Francisco ajoelha junto dela, ergue a mão e faz o sinal da absolvição.

FREI FRANCISCO
Eu te absolvo, tu que tanto sofreste, em
nome do Pai, do Filho e do Espírito
Santo. Amém.

159. EXT. CONVENTO DE SANTO ANDRÉ – NOITE

Os sinos do convento TOCAM A FINADOS.

160. EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – NOITE

Os sinos do convento de Santo André TOCAM A FINADOS ao longe.

161. INT. CORO DA IGREJA DO CONVENTO DA ESPERANÇA – NOITE

Os sinos do convento de Santo André continuam a TOCAR A FINADOS ao longe. As freiras CANTAM "Sube la nina com dios al cielo". A Abadessa entra e faz sinal a Teresa, que se levanta e sai.

162. EXT. CLAUSTRO DO CONVENTO DA ESPERANÇA – NOITE

O coro das freiras continua a CANTAR mais longe "Sube la nina com dios al cielo". A Abadessa e Teresa caminham em silêncio. Ao longe os sinos de Stº André continuam o TOQUE A FINADOS, misturando-se com o coro. Após um longo momento Teresa vira-se para a Madre Abadessa.

TERESA

É por Joana que os sinos tocam, não é?

MADRE ABADESSA

Deus tomou-a nos seus braços.

O CORO SOBE DE VOLUME e torna-se mais forte. Os sinos continuam a TOCAR e Teresa e a Abadessa continuam a caminhar à volta do claustro.

163. INT. CELA DE TERESA NO CONVENTO DA ESPERANÇA – NOITE

Com a porta de cela aberta, sentada à beira da cama, Teresa contempla com um olhar de desprezo o que lhe coube do espólio de Joana: Uma bola de cera, cravada de pontas de vidro; Um cilício largo de ferro; Uma cinta de vergas de ferro; Um crucifixo com esporões.

TERESA

(com tristeza)

Triste espólio o teu minha irmã. Que
Deus terrível tiveste Joana! Que Deus
terrível tu criaste mana!

Num assomo súbito, Teresa agarra em todos aqueles objetos de tortura e atira-os pela porta fora, que fecha de seguida com estrondo. Atira-se depois para cima da cama e CHORA.

164. INT. SEQUÊNCIA NO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA / NOITE

ARCADAS DO CLAUSTRO: Teresa caminha, lendo.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Até chegar de novo a Primavera, Teresa
não teve alento para grandes
explorações... (cont.)

REFEITÓRIO DIA: Teresa come com as outras freiras.

NARRADOR/SSCM
(V.O. – continuação)
... àquilo que já considerava como o seu
novo lar.

CORO ATRÁS DA GRADE: Teresa assiste à missa e canta junto com as outras freiras.

LAVANDARIA DIA: Teresa e Outras Noviças, de mangas arregaçadas, fazem a
barrela.

COZINHA DIA: a transpirar, Uma Noviça atiça o lume debaixo dos painéis. Teresa
e Outra Noviça, numa enorme mesa, põem açúcar confeitiro numa série de
queijadas de Vila Franca.

NARRADOR/SSCM
(V.O.)
Encostou-se às rotinas instituídas e
emprestou-lhes o seu modo de ver a
vida, um certo otimismo e vontade de
conhecer.

CORREDOR DAS CELAS – NOITE: Teresa e OUTRA NOVIÇA, empunhando velas,
caminham conversando, e entram numa das celas.

CELA NOITE – Teresa e a outra noviça conversam com a FREIRA ocupante da cela.

NARRADOR/SSCM
(V.O.)
Fez algumas amizades e procurou a
cordialidade com aquelas que menos
despertavam simpatia, e pela primeira
vez experimentou refrear os seus
ímpetos, quando algo não lhe agradava.

IGREJA: Teresa coloca arranjos de flores com Outra Freira. CHILREAR DOS
PÁSSAROS.

NARRADOR/SSCM
(V.O.)
Em Abril parecia que os pássaros iam
invadir o convento, numa explosão de
chilreios.

CORREDOR DAS CELAS – DIA – As portas das celas estão abertas. Teresa e Outras Freiras sacodem cobertores e colchões de folha.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

As irmãs começaram a arejar e a dedicar-se às limpezas mais a fundo.

JARDIM E HORTA – DIA: Teresa poda uma roseira.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

No pomar e na horta crescia um novo vigor.

165. INT. NICHOS DO SSCM NO CORO BAIXO – DIA

O aposento é baixo e poeirento, delimitado por um tabique tosco de madeira por aplinar. Algumas cadeiras empilhadas num canto e vários quadros religiosos nas paredes. Ao fundo um nicho.

Teresa aprecia vários quadros. Vê uma imagem indistinta no nicho ao fundo na penumbra. Volta atrás, abre totalmente a porta para entrar mais luz e aproxima-se lentamente do nicho.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Certo fim de tarde, Teresa deambulava por zonas recônditas do convento, para ocupar-se até à hora da reza que antecedia a refeição.

Teresa aproxima-se da imagem no nicho e vê que é um busto de madeira, despido, sem ornamentos e coberto de pó. Na base lê-se “Ecce Homo”.

Teresa estica os dedos em direção à imagem, mas não ousa tocar-lhe.

TERESA

Ecce Homo...

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Foi a primeira vez que nos encontramos.

Teresa pega numa cadeira do canto e senta-se em frente ao nicho, em contemplação. A luz coada da porta ilumina-a e à Imagem.

CORTE

SEQUÊNCIA DE MONTAGEM – feliz e cheia de energia, Teresa:

Varre o aposento

Limpa o pó à imagem

Lava o chão

Lava a imagem

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

A partir daí, sempre que terminava os afazeres Teresa ocupava-se de mim.

166. EXT. JARDIM – DIA

Teresa colhe flores, alegre e saltitante.

167. INT. NICHOS DO SSCM NO CORO BAIXO – DIA

Teresa dispõe um arranjo de flores em duas jarras junto à imagem.

168. INT. CELA DE TERESA – NOITE

Teresa borda uma toalha.

169. INT. NICHOS DO SSCM NO CORO BAIXO – DIA

Teresa coloca a toalha no altar.

Teresa coloca uma lamparina de azeite no altar.

170. INT. CORREDOR DAS CELAS – NOITE

As portas de algumas celas estão abertas. Algumas irmãs, divertidas, com risinhos de colegial, despejam um pouco de azeite das suas vasilhas para uma vasilha que Teresa carrega.

IRMÃ 1

(sussurro)

Mas que imagem é essa no nosso convento que não possui lâmpada?

TERESA

(sussurro)

A madre diz que não existe verba para se gastar no azeite de todos os nichos, só nos principais.

Teresa bate a outra porta, enquanto uma das irmãs se recolhe e fecha a sua. Outra porta abre-se e outra irmã sai com a sua vasilha.

TERESA

(sussurro)

Mas para mim, aquele é o mais importante.

IRMÃ 2

(sussurro, rindo)

Temos que ver essa imagem misteriosa, que te faz desassossegar-nos à noite e levar-nos o azeite.

171. EXT. PRADO – DIA

COR ALTERADA: Teresa apanha um ramo enorme e cheiroso de açucenas. Quando o ramo já está completo, ela dirige-se ao caminho, com ele nos braços.

172. EXT. CAMINHO – DIA

COR ALTERADA: Teresa caminha com leveza e alegria com o ramo de açucenas nos braços. Ao seu encontro, JESUS CRISTO arrasta-se com a cruz às costas, um olhar de profunda dor estampado no rosto. Ao acercar-se Dele, vêm-lhe lágrimas aos olhos e Teresa oferece-lhe o ramo de açucenas.

TERESA

Aceita este ramo Senhor, porque o criaste tão belo.

Cristo levanta o rosto, vergado sob o peso da cruz, e estendendo a mão, pega no ramo, com um olhar dorido.

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Ser-Me-ás sempre fiel, Teresa?

173. INT. CELA DE TERESA – NOITE

Teresa acorda sobressaltada. Fica a olhar em redor da cela.

174. INT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

SEQUÊNCIA

Uma freira talha uma capa de linho.

Outra freira entrança uma cana de bambu com flores de seda.

Outra freira entrança uma coroa de flores.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

O entusiasmo de Teresa pela imagem envolve as freiras na confeção de artefactos para complementar o meu torso nu.

175. INT. NICHOS DO SSCM NO CORO BAIXO – DIA

Teresa e várias irmãs, incluindo as três colaboradoras, contemplam a imagem.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Mas, excessiva no seu modo de ser, perturba a ordem do convento com os seus assomos, perigosos para a ordem estabelecida e sobriedade das coisas.

176. INT. CORO ALTO DA IGREJA DA ESPERANÇA – DIA

As freiras estão no meio de uma ação de graças, ajoelhadas de frente para a NOVA MADRE ABADESSA, Madre Catarina “Rouxinol”, já na meia-idade, com uns fiapos de cabelo grisalho a saírem da touca. Teresa interrompe intempestiva.

TERESA
(jubilante)

Dizei comigo, irmãs. Dizei-o e acreditai:
“Eu levantei-me no meio da noite escura
e ali estava Deus à minha espera! Os
Seus braços envolveram-me e os Seus
olhos fixaram-me. Arrebataram-me ao
frio e trouxeram-me para o calor da Sua
consciência!”

UMA FREIRA vira-se para a que está ao lado.

UMA FREIRA
(sussurro)

Onde vai ela buscar isso? Esta rapariga
que nem bem escrever sabe!...

A nova Madre Abadessa Catarina “Rouxinol” olha para ela e abana lentamente a cabeça.

NARRADOR/SSCM
(V.O.)

A nova madre superiora, antiga Catarina Rouxinol, a quem o tempo e o peso da instituição haviam transformado, extinguindo a rebeldia e o fogo e moldando-a à religião, não poderia fingir ignorar por muito tempo a sua influência desestabilizadora.

Terminada a divagação de Teresa, a Abadessa Catarina retoma a ação de graças, liderando a LADAÍNHA.

177. EXT. CLAUSTRO DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

A LADAÍNHA da ação de graças continua a soar. As freiras caminham em fila disciplinada. A Madre Abadessa deixa-se atrasar e puxa gentilmente Teresa para fora da fila, em direção a um banco corrido nas arcadas do claustro. Puxa-a com as duas mãos e sentam-se ambas no banco. Após um momento, a Madre fala.

ABADESSA CATARINA

Minha filha. Cabe a mim dizer-te o que várias irmãs podem ter já reparado e com alguma vontade de te orientar no caminho, te podem já ter falado. Mas é minha responsabilidade, como o será até que Deus o queira... cabe-me alertar-te para que não tomes por alguns atalhos, aqui na casa do Senhor.

TERESA

(admirada)

Mas, o que fiz, madre? Tenho procurado cumprir com tudo, mas se o fiz mal, é meu gosto aprender.

A Madre interrompe-a com uma pequena pancadinha, num breve contacto físico.

ABADESSA CATARINA

Não, filha. Em todos os teus atos tens sido exemplar. Na humildade também. Mas é preciso que saibas que os erros não vêm só das obras. Também são fruto da omissão ou do pensamento. E há erros que são meras atitudes.

Teresa parece perdida, sem entender. A madre esboça um sorriso e toma-lhe as mãos.

ABADESSA CATARINA

Não vimos para cá para nos prendermos a uma imagem num... num apego que se mostre insistente e pouco frutífero; vimos para orar e para servir o mundo inteiro e o todo que é Deus.

Teresa compreende subitamente o tema da conversa. A sua cara ilumina-se e responde com rapidez.

TERESA

Mas mãe, aquela imagem... aquela
imagem é o meu Senhor!

ABADESSA CATARINA

Teresa! Deus é tão grande, que jamais
derramaria a Sua perfeição, numa única
imagem de Si.

(pausa)

Deus pretende mesmo que
ultrapassemos estas ideias imperfeitas
que Dele fazemos e elevemos o espírito
à Sua grande existência por sobre nós.

TERESA

(segura e convicta)

Não esta imagem, mãe! Esta imagem
é a manifestação de Deus ao mundo. Foi
assim que Ele inspirou o artista e é
assim que O sinto.

ABADESSA CATARINA

(paciente)

Mas sentes mal. E enquanto te
agarrares a isso estarás a cumprir
imperfeitamente a tua missão. Pensa no
tempo que gastas sentada, defronte de
uma imitação artística de Deus,
enquanto Deus espera por ti em todo o
lado e dentro dos teus próximos
também.

TERESA

(obstinada)

Mãe, Aquele ali, naquele momento,
não é simplesmente Deus. É Jesus
Cristo. Jesus homem, que sofreu
naquele instante. É quando está mais
perto de nós...é Ele, mãe.
E Ele faz-me sentir tantas coisas...

A Madre muda a posição das pernas e alisa as vestes, num subtil gesto de impaciência.

ABADESSA CATARINA
(macerando as palavras)
Deus é Cristo. E Cristo é Deus...

TERESA
(atalhando)
E assim o Espírito Santo. Sei disso, madre, só que houve Jesus Cristo que veio para nos salvar, com uma determinada figura e naquele momento. Porque achou necessário aproximar-se deste modo de nós. Sinto que existiu e que ainda está entre nós...

Teresa baixa a cabeça num humilde desânimo de quem não está a ser compreendida.

ABADESSA CATARINA
(enfadada)
Não estou a dizer que pecas. Mas neste momento é necessária uma orientação para os teus procedimentos.
(levantando-se)
Fala esta noite com o nosso confessor.
Ele explicar-te-á melhor estas coisas.

A Madre Abadessa afasta-se, deixando Teresa pensativa no banco.

178. INT. CONFESSIONÁRIO – NOITE

Teresa está ajoelhado junto ao confessionário. Dentro, o padre confessor do convento, PADRE AGOSTINHO, não está visível, escondido pela rede.

TERESA
Mas a madre disse-me que Deus é tão grande que jamais derramaria a Sua perfeição numa imagem única de Si...

PADRE AGOSTINHO

(V.O. de forma pensativa)

Talvez Deus o faça, em certas imagens,
não à custa da Sua perfeição, mas para
um melhor entendimento dos homens
que não são, de modo algum, perfeitos.

TERESA

Então, na imagem, Cristo quer
aproximar-se de mim. De todos nós.

PADRE AGOSTINHO

(V.O. embaraçado)

Sim... pode-se dizer que sim.

(pausa)

Eu te abençoo em nome do Pai do Filho
e do Espírito Santo.

Vai em paz, minha filha.

Teresa levanta-se e sai pensativa, deixando para trás o padre dentro do confessional.

179. INT. BIBLIOTECA DO SOLAR – DIA

D. José jovem adulto, sentado a uma mesa onde se encontram um portulano, um livro aberto, um papel manuscrito no terço superior e um tinteiro com uma pena de pato dentro, escuta o seu perceptor FREI GUSMÃO, um Jesuíta de face bondosa, já na idade sénior, que se passeia de um lado para o outro em frente a D. José, do outro lado da mesa, enquanto fala.

FREI GUSMÃO

Não toleres nunca, em ti ou nos outros a
falsidade, pois nenhuma mentira pode
ser dita, sem que se pague por ela um
preço, no corpo ou no espírito.

D. Manuel, mais envelhecido, entra e coloca-se atrás do espaldar alto da cadeira do filho, ouvindo interessado Frei Gusmão com um ar jocoso e simultaneamente severo.

FREI GUSMÃO
(continuando)

A mentira produz em nós uma espécie de travo amargo a incongruência e quanto mais a acumulamos, vamos ganhando a consistência mole daqueles fantoches de pano que os burlões usam nas feiras; perdemos o contacto firme com a vida. É que qualquer mentira, ainda que bem-sucedida, é uma negação de nós próprios: de algo que pensamos, fizemos ou sentimos.

D. Manuel dirige-se a um aparador onde se encontram várias garrafas e copos, e serve-se de um vinho licoroso. Depois vira-se na direção de Frei Gusmão e continua a segui-lo com interesse.

FREI GUSMÃO
(continuando)

E assim, no fim da vida, vêm todas as mentiras voltejar ao redor do leito, borboletas da insanidade, para realizarem o pior pensamento que pode surgir a alguém na sua hora derradeira: “Se não vivi para aquilo que fui, para quê, então, ter vivido?” E esta é uma conclusão tétrica no fim do tempo.

D. Manuel vira-se para o filho.

D. MANUEL

Pois, rapaz, estas coisas da verdade... bem, sem dúvida... porém repara que te quero para viver neste mundo, que é uma caldeira de complicações.

Frei Gusmão dirige-se ao aparador e serve-se também do mesmo vinho, enquanto D. Manuel toma o seu lugar a passear de um lado para o outro em frente ao filho. Enquanto D. Manuel fala, Frei Gusmão toma o seu lugar atrás do espaldar da cadeira de D. José.

D. MANUEL
(continuando)

E há não só uma, mas muitas mentiras:
A mentira sobre um ato que praticamos
e os outros, mais vulgares, não podem
sequer suspeitar, por ser para o bem da
terra que é nossa, mas contrário ao que
foi estabelecido; A mentira ponderada,
calculada para salvar alguém que não vê
o seu caminho certo e tem que ser
levado à força da persuasão; a mentira
piedosa, que até é moral, que se diz à
esposa ou a um filho pequeno, para não
os afligir ou mergulhar em desesperos
inúteis; a mentira necessária, em sinal
de operar pela nossa fortuna...

(pausa)

Como vês, não é tudo preto ou branco e
há enganos menos prejudiciais do que a
crua verdade.

Frei Gusmão abana a cabeça com um sorriso. Rindo, D. José levanta-se.

D. JOSÉ
(divertido)

Com a sua licença Frei Gusmão. É tempo
de vos deixar com as vossas
contraditórias filosofias de vida, que
outras verdades e mentiras me esperam
lá fora.

FREI GUSMÃO

Podeis ir D. José. Mas não vos esqueceis
da leitura comparada da Arte da Guerra.
A de Sun Tzu comparada com a de
Maquiavel.

D. JOSÉ

Não se preocupe Frei Gusmão. Amanhã
mesmo poderemos debater ambas as
obras.

D. José sai e D. Manuel vira-se para Frei Gusmão, sentando-se à cabeceira da mesa e levando o copo aos lábios.

D. MANUEL

Maquiavel e Sun Tzu. Sois uma caixa de surpresas Frei Gusmão.

Frei Gusmão senta-se também e brinca distraidamente com o seu copo.

FREI GUSMÃO

D. José está destinado a chefiar, a governar. Tem de estar preparado para tudo. Tem de conhecer a pureza da demanda do Santo Graal e a sordidez da guerra.

(pausa)

De um bom governo e de um escoreito exemplo vem toda a resposta dos nossos protegidos e todo o respeito dos nossos inimigos. É para isso que devemos preparar D. José.

Frei Gusmão bebe de um trago o resto do vinho com ar de satisfação.

180. INT. REFEITÓRIO DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Teresa conversa com a madre ANA DA GLÓRIA, enquanto vão levantando a mesa e empilhando a louça em duas cestas de asa.

ANA DA GLÓRIA

Não Teresa. Sem o beneplácito da abadessa e ajudas exteriores isto será um empreendimento impossível.

TERESA

É que se encontra tão desprezado como no tempo em que Lhe tiraram toda a glória.

ANA DA GLÓRIA

Não digo que não. Mas sem o beneplácito da abadessa, nada feito.

Teresa pára por um momento.

TERESA

Então, há que obtê-lo.

181. INT. NICHOS DO SSCM NO CORO BAIXO – DIA

Teresa, Ana da Glória, a Abadessa Catarina e outras irmãs REZAM O TERÇO em frente à imagem, que tem uma capa de linho com uns bordados simples, a toalha no altar e a cana de flores de escamas de peixe. Terminada a reza, levantam-se todas e Teresa vira-se para a Madre Superiora.

TERESA

Vê, nossa mãe, como fica mais digno este altar do Senhor? Decerto não se opõe a que trabalhemos para melhorar a nossa igreja?...

MADRE ABADESSA

(desconfiada)

Claro que não...

TERESA

É que estive a pensar que se cada uma das irmãs pudesse arranjar um alqueire de trigo à sua conta, eu juntaria um moio ou dois e poderíamos mandar tecer uma capa digna para cobrir o Senhor Santo Cristo. Ficaria uma maravilha, não acha, madre?

MADRE ABADESSA

(reticente)

Bem... não sei. Não é fácil, são empreitadas que custam.

ANA DA GLÓRIA
(entusiasmada)
Oh, cá nos arranjaremos

IRMÃ
(entusiasmada)
Autorize, madre!

MADRE ABADESSA
(enfadada)
Mas para que quer uma capa, Teresa? Já tem aquela de linho!

TERESA
Madre, eu acho que como esposas de Cristo é nossa obrigação restituir-Lhe a majestade que o mundo Lhe tirou. Aceitamos ou não que o Senhor é o único rei, mais alto que todos?

MADRE ABADESSA
Claro que aceitamos. Mas neste mundo há outros reis, outros senhores que usam insígnias terrenas...

TERESA
(insistente)
Sendo Ele maior que todos?

MADRE ABADESSA
(exasperada)
Sendo Ele maior, é certo.

TERESA
Então, trabalhemos para prová-lo. Para mostrar ao mundo que Ele é, apesar de tudo, o Rei dos reis. E, madre, desculpe-me, mas acho que podemos fazer disto uma obra. Além das que já temos e não descuraremos.

MADRE ABADESSA

Irmãs, sabeis com certeza que o Senhor quis humilhar-Se.

TERESA

Perdoe-me, madre, mas não será que também nos quis por à prova? Ele permitiu que O humilhássemos.

As religiosas olham de uma para outra, receosas e fascinadas com a ousadia de Teresa. A Madre Superiora olha demoradamente a imagem. Depois vira-se para Teresa.

MADRE ABADESSA

Teresa, este convento não suportará gastos desnecessários, pois sempre vivemos de esmolas e do que a comunidade nos atribui. Fiz-me entender?

A Madre Superiora põe as mãos à frente, à altura do peito, escondendo-as dentro das mangas.

MADRE ABADESSA

Mas eu não hei-de impedir as minhas obreiras de se empenharem em coisas pias. Se... e repito: se conseguirem, por meios vossos, o trigo e se o puderem vender, podem encomendar a capa.

TERESA

Sim, madre. Muito agradecida!

A Abadessa deixa o aposento. Teresa e as outras freiras ajoelham-se em frente à imagem. A CÂMARA APROXIMA-SE DA IMAGEM para GP, com a capa de linho.

DISSOLVE RÁPIDO

GP da imagem com uma capa de veludo vermelho. A CÂMARA AFASTA-SE para PG, revelando Teresa e as outras freiras ajoelhadas em frente à imagem na mesma posição.

DISSOLVE LENTO

PG da imagem sem ninguém.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Teresa travara amizade no locutório com a mulher de Inácio Martins, mercador madeirense que andava desaparecido numa embarcação, da qual tardavam notícias.

DISSOLVE LENTO

Teresa e a SENHORA MARTINS em frente à imagem. Teresa acende uma vela à imagem.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Teresa, que demonstrava uma empatia natural com todas as aflições que lhe surgiam à frente, touxe a mulher à minha presença.

A mulher olha a imagem com os olhos húmidos.

SENHORA MARTINS

É linda... linda, dolorosa e doce. Parece que me olha...

TERESA

Ele olha-a. Ele sente a sua dor. Peça-Lhe. Diga-Lhe o que quer, com o coração. Finja que fala como se O encontrasse na rua. É assim que faço.

Ajoelham-se ambas e ficam muito tempo em silêncio.

182. EXT. CLAUSTRO – DIA

O claustro está vazio. Teresa entra a correr em direção à portaria.

183. INT. PORTARIA – DIA

Teresa entra de rompante. A mulher de Inácio Martins volta-se numa excitação absoluta e agarra-lhe nas mãos.

SENHORA MARTINS

Madre, bendita seja a sua imagem! Meu marido já aportou. A sua embarcação quase sucumbia a uma tempestade, mas no último instante salvou-se.

(em lágrimas)

Nunca recebi uma tão grande graça e de forma tão pronta! O que deseja para o seu Santo Cristo?

Teresa sorriu sonhadora.

TERESA

Gostaria de um frontal de seda para colocar no Seu altar...

SENHORA MARTINS

(pronta)

Eu mesma o escolherei. Esteja descansada.

TERESA

Senhora... aceito com gosto, mas gostaria que espalhasse a graça que recebeu; deixe que as pessoas tenham fé, que tenham esperança e que confiem na sua capacidade de pedir.

A mulher de Inácio Martins beija as mãos de Teresa.

184. EXT. CLAUSTRO – DIA

Claustro vazio. Teresa entra do lado da portaria e corre em direção ao coro baixo.

185. INT. NICHOS DO SSCM NO CORO BAIXO – DIA

Teresa cai de joelhos em frente à imagem.

TERESA

(num arroubo)

Lindo fidalgo! Que bem consolais
aqueles que necessitam!

Prometo que enquanto estiver nesta
casa, já que mais não Vos posso dar,
trabalharei para Vos restituir a
dignidade!

Teresa senta-se de lado sobre as pernas, e fica a olhá-Lo com um sorriso no rosto.

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Teresa, tu ouves-Me?

Ela prende a respiração. Soergue-se afirmando os joelhos. Olha muito devagar em volta.

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Teresa, ouves-Me agora?

Não fujas mais àquilo que sou, pois Eu
sou a tua eternidade. E é preciso que
Me ouças.

TERESA

(V.O.)

Vou morrer. Isto é a morte e por isso
posso senti-lo.

Ela soergue-se mais e olha em volta. Move-se em redor, toca os braços, a cara e encara a imagem do Senhor com os Seus olhos tristes e penetrantes.

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Teresa, aceito o teu amor. Eu sou amor,
sustento-Me dele. Quero que Me ouças.

TERESA
(alvorçada)
Ouço! Ouço! Senhor! Estou a ouvir!
(meia pausa)
Senhor, que hei-de fazer?

NARRADOR/SSCM/VOZ
(V.O.)
Abre os olhos da alma.

TERESA
(excitada)
Estão abertos, Senhor! Como poderia eu, se não os tivesse... hei-de fazer-Vos um trono, Senhor! Oh, se eu soubesse!...

NARRADOR/SSCM/VOZ
(V.O.)
Tu saberás. A tua alma será o meu trono. E tu, irás abrir as portas para que Me vejam. É preciso que aceites, Teresa. Porque Eu também te ouço.

Teresa fica afogueada. Levanta-se trôpega, e coloca a mão no peito. Respira rapidamente tentando o ar.

TERESA
(baixinho)
Meus Deus! O que foi isso?

Ela fica por um momento a olhar em volta. Depois benze-se em frente à imagem e sai pensativa. A câmara demora-se mais um pouco com a imagem no enquadramento.

186. EXT. IGREJA MATRIZ DA RIBEIRA GRANDE – DIA

Os sinos da igreja batem o meio dia. ALGUMAS PESSOAS entram e OUTRAS saem da igreja.

187. EXT. FONTENÁRIO NA RIBEIRA GRANDE – DIA

Várias RAPARIGAS enchem os potes na fonte. Alguns RAPAZES solícitos ajudam-nas. D. José chega a cavalo e vê PAULA DO ESPÍRITO SANTO, esguia, seios rijos e bem desenhados no decote da blusa, cabelo azeviche até à cintura, com um lenço cruzado sobre a blusa, a encher um pote para outra rapariga, que o põe à cabeça e caminha muito direita. Ela olha-o com um sorriso e enche-lhe um púcaro de água que ele bebe sofregamente. Devolve-lhe o púcaro e ela sempre sorrindo afasta-se correndo. Ele segue-a com o olhar. Um dos rapazes interpela-o.

RAPAZ

(com um sorriso)

Quer que chame a rapariga, Sr. conde?

D. JOSÉ

Não, deixem estar a moça. Apenas acho um bonito quadro.

RAPAZ

(rindo)

Ah! Ah! O nosso conde não é para o bico das camponesas.

D. José dá-lhe um piparote afectuoso e vira a montada na direção seguida pela rapariga.

188. EXT. CAMINHO DO MOINHO NA RIBEIRA GRANDE – DIA

Paula do Espírito Santo caminha muito direita a passo estugado. D. José surge ao fundo e segue-a com o cavalo a passo. Quando a alcança desmonta e segue ao lado dela com o cavalo pela arreata, ambos em silêncio.

189. EXT. MOINHO NA RIBEIRA GRANDE – DIA

Chegam ao moinho e Paula adianta-se para entrar. D. José trava-lhe o braço.

D. JOSÉ

A tua mãe não te vai ralhar por não teres levado a água?

Ela vira-se para ele e ri-se

PAULA

Vivemos num moinho. Temos toda a
água que queiramos.

Dirige-se à porta saltitante e vira-se novamente para D. José rindo.

PAULA

Se eu lhe levasse água, minha mãe até
estranharia.

Paula entra.

190. INT. MOINHO NA RIBEIRA GRANDE – DIA

O moinho está a funcionar e o PAI regula uma das mós. Paula entra, dá-lhe um beijo afetuoso e sobe as escadas para o andar de cima.

191. INT. IGREJA DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

As freiras estão dando a Acção de Graças. A madre Porteira entra a correr e abeira-se de Teresa. Após uns momentos saem as duas apressadas.

192. INT. CLAUSTRO DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

As duas freiras atravessam o claustro apressadas em direção ao locutório.

MADRE PORTEIRA

(ofegante)

Prestes madre, que a abadessa
recomendou que não fizésseis esperar
Sua Senhoria.

As duas desaparecem na porta do Locutório.

193. INT. LOCUTÓRIO – DIA

As duas freiras entram apressadas na pequena sala do palratório. D^a Mécia, condessa da Ribeira Grande, está sentada à espera, trajada de cinzento-pérola, com um véu escuro sobre o rosto. Ao ver Teresa, a condessa levanta-se, levantando o véu para conversar. Teresa repara que a condessa pouco mudara desde que frequentara o solar na sua infância e juventude, embora acusando um

pouco o tempo que passara. A freira curva-se num cumprimento, mas a condessa toma-lhe as mãos com um sorriso.

D^a MÉCIA

Soror Teresa da Anunciada! Quanto me alegra, e deverei dizer me espanta, sabê-la aqui. Éreis uma menina diferente – senti-o, mas parecíeis mais talhada para minha dama ou para a vida exterior.

Teresa riu-se com a mesma espontaneidade que a senhora sempre lhe arrancava.

TERESA

Oh, em certos dias até eu mesma me espanto, quando aqui acordo! Mas como vossa camareira, nunca tal me passou pela cabeça, confesso.
Esta é a vida que desejo. Agora o sei.

D^a MÉCIA

E o que a atrai cá dentro, diga-me, madre?

TERESA

Tanta coisa... mas para lhe ser sincera, posso responder-lhe com simplicidade, que é o Olhar do meu Senhor.

D^a MÉCIA

(interessada)

Como assim?

TERESA

Se fizer a gentileza de vir, eu mostrar-lhe-ei.

Teresa puxa-a gentilmente por ambas as mãos com um sorriso.

194. INT. NICHOS DO SSCM NO CORO BAIXO – DIA

Em frente ao nicho da imagem brilha uma chama no azeite. Teresa e a Condessa, estáticas, contemplam a imagem.

TERESA

Mostrou-me quadros tão maravilhosos
que as suas cores e traços me
acompanharão toda a vida. Porém, eu
agora orgulho-me de lhe mostrar... a
doçura de Cristo. Diga-me o que vê?

Teresa desvia-se para deixar a condessa frente a frente com a imagem. Dona Mécia
quedase a olhar, recua uns passos, inclina a cabeça e volta a aproximar-se. Por fim
leva a mão enluvada ao coração e dá um longo suspiro.

D^a MÉCIA

Vejo... aceitação. Vejo compreensão de
toda a dor, de toda a falta. E vejo
capacidade de tornar a miséria humana
numa coisa melhor.

TERESA

É isso! Quem vem ao Senhor vê Nele o
que necessita, dentro de si.

(pausa)

Na presença desse Cristo, pelo que
tenho assistido, a solidão enche-se, a
insatisfação transforma-se e a aflição
mitiga-se.

(pausa)

Santo Cristo da Esperança que nos dá!

D^a MÉCIA

Solidão...

(pausa)

Sinto que neste convento há mais
companhia do que a que terei toda a
vida. Mas há missões e missões, não é,
madre Teresa?

TERESA

Oh, decerto. A vossa missão, condessa, é reger uma casa, orientar o povo, educar um filho, ajudar a governar a ilha.

(pausa)

A minha, talvez seja tocar no ombro das pessoas e lembrá-las do Deus que já não vêem; um Deus de perdão.

D^a MÉCIA

Mas às vezes, irmã, não sabemos se estamos a fazer aquilo a que nos propusemos. Não sabemos se nos perdemos no caminho e, agora, apenas compactuamos com os erros.

(num sussurro)

Se o conde, como outros que são responsáveis por todo este povo, por todos os negócios... se o rei que nos governa... se tiverem esquecido dos seus propósitos, seremos todos arrastados no mesmo engano? Ou cada um responde por si?

Teresa fita-a entre cúmplice e perplexa.

NARRADOR/SSCM

Teresa já adivinhara como o vazio se podia instalar, mesmo nas vidas mais aparentemente preenchidas. O seu contacto com as pessoas no locutório desfiava segredos da alma que ninguém nas ruas suspeitaria, mas que os corações guardavam como uma bagagem, pesada e intransmissível.

Ausente, Teresa fixa a imagem.

TERESA
(murmúrio)

Não sei. Mas sei que podemos ter esperança num grande perdão. Sei que se conseguirmos espalhar esta luz, como um círio que passamos uns aos outros, ela, quem sabe, banhará no futuro todos, iluminará a ilha, o mundo, talvez?...

Depois volta-se na direcção da senhora, a sorrir.

TERESA

E isso serve para todos. Não temais. Quanto ao conde, que também é um homem como os outros, seja quais forem os pecados que lhe suspeiteis, Ele poderá perdoá-los.

Os olhos da condessa enchem-se subitamente de lágrimas.

D^a MÉCIA
(meio incrédula)

Desde quando?

TERESA

Desde sempre. Ainda antes mesmo que o senhor conde tivesse pecado.

195. INT. GABINETE DA ABADESSA – DIA

Sentado num cadeirão de braços, o padre Agostinho procura o lenço. Finalmente encontra-o e assoa-se. A madre superiora Catarina Rouxinol, está sentada noutro cadeirão idêntico.

PADRE AGOSTINHO

Não quero melindrá-la Madre, mas a vossa pupila tem operado aqui diversas coisas. Vejo a sua casa a encher-se de ânimo e até de visitas...

ABADESSA CATARINA

(rosnando)

Mais vale fazer pouco com obediência, do que muito sem ela. E agora dá-lhe para receber a condessa sem sequer me avisar! Sem me permitir preparar uma recepção condigna a Sua Senhoria!...

PADRE AGOSTINHO

Não faz por mal, é certo. É ainda jovem na religião e não pode recusar uma visita pedida pela condessa.

ABADESSA CATARINA

Talvez não. Porém passemos adiante. Tenho-me visto a braços com a questão da imagem. É certo que a rapariga não me afronta directamente, mas toma iniciativas; não posso deixar seguir e dar este mau exemplo às outras.

PADRE AGOSTINHO

Madre, com o seu respeito, há que conciliar. Já lhe disse que Teresa não é uma mulher como as outras.

ABADESSA CATARINA

Pois aí discordamos, padre! Porque a mim parece que Teresa é demasiado igual à maioria das mulheres, para que se torne algum dia uma boa serva do Senhor, dentro destas paredes.

Aliás, é demasiado em tudo: Demasiado voluntariosa, demasiado omissa, demasiado à vontade com as pessoas de categoria, demasiado reflexiva. Nada nela aponta para a submissão e humildade que esta obra requer.

PADRE AGOSTINHO

Façamos assim, madre: não tomaremos ainda nenhuma atitude, pois não houve verdadeiro agravo. No entanto, não vou passar em branco a sua opinião. Eu falarei com ela e a senhora também; apenas para procurar direccioná-la. Mande chamá-la.

DISSOLVE

Teresa encontra-se defronte do padre confessor e da Madre Abadessa. A Abadessa segue a conversa em silêncio, demonstrando uma incredulidade crescente com o desenrolar do diálogo.

PADRE AGOSTINHO

Suponhamos minha filha, que a madre vos concede o aval para dar todo o relevo que pretendeis à imagem do coro baixo. Há que ter cuidado com estas questões de religião... o povo começa a acudir, esquece tudo o resto. Se calhar até se inventam milagres. E depois, indagam os nossos superiores “Porque deixastes correr?”

(ligeira pausa)

O que se passaria se todos os grandes santos, imagens e reproduções de Cristo por este reino fora, fossem adoptadas deste modo por alguém?

TERESA

(irritada)

Não sei e não me interessa. Não importa a minha pequenez. E é isso mesmo o que deveríamos mostrar: não interessa quem somos, onde estamos, ou o que fazemos. Deus acompanha-nos. Intercede por nós. Nós voltamos tantas

vezes às mesmas faltas, ao princípio.
Somos insuportáveis.

(mais serena)

Mas Deus não se cansa de nós. E eu hei-de dizer ao rei, hei-de dizer ao mundo, que Deus é muito maior que a sua majestade, maior que o mais alto dos senhores de sua casa; Sua majestade, por exemplo, quase sempre nos esqueceu, abandonou-nos à nossa sorte.

O padre levanta a mão para sustê-la.

PADRE AGOSTINHO

Teresa, deve ter menos exaltação quanto a estas coisas. Teremos tento ao pronunciar o nome do Senhor, mas também tento ao pronunciar o título de Sua majestade.

TERESA

(distráida)

Sim, eu respeito. Mas é preciso puxar pelas vestes do rei para que repare em nós, tão longe. E mesmo assim, vossa paternidade sabe, um segundo depois disso, ele só verá os que estão ao seu lado. Mas Deus, que é tão grande, usou a sua enormidade para vir bem perto de nós. E quando nos olha... quando nos olha faz-nos tremer com o Seu sorriso.

Volta-se para se concentrar no religioso que a ouve, reticente, mas espantado.

TERESA

Por isso, padre, quero que o mundo assuma a grandeza, a realeza muito maior desse Nosso Senhor. Quero que lhe dê os atributos de poder, já que diz que os aceita. Não tenho outros meios

para fazê-lo, senão os símbolos que um homem possa ver, sentir, penetrar. Acredito que aquela imagem pode abrir melhor os corações a esta verdade. E se isso tiver que partir dessa mísera criatura que eu sou, desta migalha do mundo que é a nossa ilha, pois seja.

196. EXT. RIBEIRA GRANDE – DIA

PG da Vila.

197. EXT. FONTENÁRIO NA RIBEIRA GRANDE – DIA

Paula do Espírito Santo e várias raparigas enchem os potes na fonte. Alguns RAPAZES metem conversa. D. José chega a cavalo e fica a ver a cena. Há cochicho entre as raparigas e Paula vai-se embora.

198. EXT. CAMINHO NA RIBEIRA GRANDE – DIA

D. José segue Paula montado no cavalo e coloca-se a seu lado, a passo. Inclinando-se para a frente, puxa pela arreata fazendo o cavalo resfolegar. Com ar entendido acena com a cabeça e vira-se para Paula.

D. JOSÉ

(rindo)

O meu cavalo convida-te a subires. Diz que não vale a pena caminhar quando se pode ir a cavalo.

PAULA

(rindo)

Agradeça por mim a gentileza ao seu cavalo, mas gosto de caminhar.

Ele desmonta e caminha ao lado dela, levando o cavalo pela arreata.

D. JOSÉ

Já que recusas a gentileza do meu cavalo, caminharei a teu lado.

Caminham um bocado em silêncio. Ele faz um ar dorido e finge escutar o cavalo.

D. JOSÉ

(gracejando)

O meu cavalo diz que sou estúpido em ir a pé quando posso ir a cavalo, e que vou ficar com calos nos pés por tua causa.

Paula ri-se e corre para um campo na berma do caminho. Apanha umas ervas e volta triunfante com um molho.

PAULA

(rindo)

À noite coloque este molho de ervas em água quente e deixe os pés de molho. É o melhor remédio para pés doridos.

D. JOSÉ

E como sabes estas coisas?

PAULA

Aprendi com a minha mãe.

D. JOSÉ

Ah, sim. Brígida, a curandeira.

PAULA

(defensiva)

Sim, sou filha de Brígida, a curandeira.

D. JOSÉ

(conciliador)

Meu pai diz que não há físico que lhe chegue.

(mudando de assunto)

Mas mesmo com as ervinhas, se calhar vamos melhor no cavalo...

Paula ri novamente.

PAULA

O senhor é de ideias fixas, D. José.

199. INT. NICHO DO SSCM NO CORO BAIXO – DIA

D^a Mécia e Teresa da Anunciada conversam em surdina junto à imagem.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

O conforto que recebeu junto à minha imagem acompanhou de tal maneira a condessa, que as suas visitas se tornaram regulares.

200. INT. GABINETE DA MADRE SUPERIORA – DIA

D^a Mécia toma chá com a Abadessa Catarina e outras freiras.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Era óbvio que vinha ao convento para aqueles conciliábulos com a madre da Anunciada, junto ao nicho do coro baixo, mas diplomaticamente condescendia sempre em tomar um chá com a abadessa e aquelas que ela rotativamente convidava, no fim da visita.

201. INT. NICHO DO SSCM NO CORO BAIXO – DIA

D^a Mécia e Teresa da Anunciada conversam em surdina junto à imagem.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

De vez em quando, Dona Mécia também fazia doações para o Santo Cristo, e a madre superiora ressentia-se que estes tributos não lhe fossem entregues directamente, para que ela pudesse dispor deles da forma que mais conviesse ao convento.

202. INT. GABINETE DA MADRE SUPERIORA – DIA

A Abadessa Catarina está sentada à secretária, olhando o vazio.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Lentamente, o receio que nutria em relação às acções de Teresa começou a transformar-se numa espécie de repulsa por toda a sua pessoa.

DA ANUNCIADA

4º EPISÓDIO

PAULA e JOSÉ

203. EXT. CAMINHO DO MOINHO NA RIBEIRA GRANDE – DIA

D. José e Paula seguem montados no cavalo. Ele na sela e ela atrás, na garupa. Muito sério, ele vira-se para trás, para ela.

D. JOSÉ

Paula do Espírito Santo, não conhece nenhuma infusão para as patas do pobre cavalo? Ele vai ficar com as patas doridas de carregar duas pessoas.

Paula ri-se num riso aberto e cristalino.

204. INT. LOCUTÓRIO – DIA

Teresa está sentada em frente ao PROVINCIAL DA ORDEM.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Teresa pediu licença ao Provincial da Ordem para fazer obras no coro baixo, e construir uma capela digna para o Santo Cristo, doando para isso 12.000,00 reis da sua tença.

(meia pausa)

O Provincial aceitou, desde que ela conseguisse o resto do dinheiro para a obra, pois essa despesa não poderia ser imputada às contas do convento.

205. INT. REFEITÓRIO DO CONVENTO – NOITE

As freiras estão sentadas para a ceia. A irmã MARIANA DE JESUS levanta-se.

MARIANA DE JESUS

(para a Abadessa)

Dá-me licença, Madre?

(para Teresa)

Madre Anunciada, é de minha vontade entregar dois mil reis do meu pecúlio

para a obra da capela do Senhor Santo
Cristo.

Teresa sorri com alegria. A madre superiora suspende a colher do caldo a meio caminho da boca.

A irmã BERENICE põe-se em pé.

IRMÃ BERENICE
Eu ofereço três mil reis.

A irmã INÊS e a irmã MARGARIDA DE JESUS também se levantam.

IRMÃ INÊS
Eu também ofereço dois mil reis.

IRMÃ MARGARIDA DE JESUS
Eu ofereço quatro mil.

Várias OUTRAS FREIRAS levantam-se também a fazerem as suas ofertas, gerando uma GRANDE ALGAZARRA.

A Abadessa, com um sorriso amarelo, faz-se ouvir acima do mulhero.

MADRE ABADESSA
Vejo as minhas filhas inflamadas do
amor de Deus. Sendo assim, falarei com
o Provincial e daremos início à obra.

Ela faz uma longa pausa, percorrendo com o olhar as mulheres à sua guarda.

MADRE ABADESSA
Entretanto há que determinar onde
colocaremos a imagem enquanto se
desfaz o nicho e se constrói a capela.

Teresa limpa os lábios e levanta-se trémula com a perspectiva deste sonho realizado.

TERESA

(entusiasmada)

Madre, poderia a imagem ficar num dos altares da igreja; deste modo os fiéis, que todos os dias concorrem, passariam desde já a privar com ela.

MADRE ABADESSA

(sorriso falso)

Tenha calma, irmã. Estas coisas não podem obedecer sempre aos seus caprichos. Como guardiã do convento cabe-me zelar pela paz e pelo recato daquelas que tenho à minha conta.

(pausa)

Seria grande o concurso do povo, com a imagem assim exposta, pois que a vossa pessoa trataria de propagandeá-la. O barulho de uma tal... devoção, se assim se pode chamar, apenas serviria de distúrbio às vossas orações.

As freiras estão silenciosas. Teresa, muito vermelha, parece quase explodir. A Abadessa olha em redor.

MADRE ABADESSA

(continuando)

Além do mais, talvez até sirva este interregno para descobrir se tal corrente de fiéis não obedece apenas a uma moda que nada tem a ver com a verdadeira fé. Se os fiéis acorrem, hão-de acorrer ao convento onde mora Cristo e não aos pés desta ou daquela representação.

(pausa)

A imagem ficará no lugar do presépio, por ser o mais retirado.

TERESA
(trémula)

Mas, Madre, aí fica escondido, quase
inacessível...

A Abadessa vira-se para ela.

MADRE ABADESSA
Mais alguma obstrução às minhas
decisões?

Teresa tem o rosto afogueado e os olhos a arder em lágrimas.

TERESA
(engole em seco, contrariada)
Não, madre.

As freiras voltam a sua atenção para as malgas da sopa. Teresa levanta-se e sai disparada. As freiras continuam a comer.

206. EXT. CAMINHO RURAL – NOITE (ENTARDECER)

O cavalo de D. José segue a passo. Atrás dele, na garupa, uma dúzia de coelhos amarrados pelas patas traseiras, pendentes para ambos os flancos do cavalo. UM MILHAFRE dá uma volta no alto, quebrando o silêncio com o seu GRITO. De repente ouvem-se GRITOS DE PAVOR entrecortados por um CHORO de mulher. D. José estanca o cavalo, mas o silêncio volta. Depois novamente um GRITO e CHORO. D. José resolutamente mete o cavalo pelo mato.

207. EXT. MATO – NOITE (ENTARDECER)

O mato torna-se mais denso e D. José apeia-se e prende a arreata a um ramo. O grito dá lugar a um CHORO CONTÍNUO. D. José tira uma catana do alforje e corre por entre as ervas nessa direção. Serpenteando por um carreiro invadido por mato rasteiro, D. José avista no toco de um tronco, junto a uma ribeira, uma mulher jovem enrodilhada, a tremer, roupas desfeitas em farrapos, nariz ensanguentado, toda arranhada, meio despida, meio coberta por folhas secas, os cabelos em desalinho e um olhar onde se mistura o pavor e o ódio.

Quando o vê, a mulher GRITA num CHORO.

PAULA
(choro, apavorada)
Não! Não! Não!

D. José aproxima-se dela.

D. JOSÉ
(assombrado)
Paula? Paula?

PAULA
(histérica)
Não! Não! Não!

D. JOSÉ
Chiu! Chiu! Sou eu Paula. D. José. Não
tenhas medo. Sou eu.

D. José aproxima-se devagar e estende a mão para tocar-lhe. Ela treme toda e desvia o corpo, retorcendo-se e tapando-se o melhor que pode com os braços. Ele afasta-se um pouco e pega na saia caída por terra e estende-lha. Depois tira o lenço bordado por Teresa e desce em direção à ribeira, onde molha o lenço. Quando regressa para junto dela, Paula já tem vestida a saia grossa e comprida, de tecido colorido e um lenço amarrado pelos ombros à maneira de xaile, a ocultar o miserável estado da blusa. D. José começa a limpar-lhe as feridas mais visíveis com o lenço molhado.

D. JOSÉ
(sussurro)
Quem foi? Quem te fez isso?

Ela vira-se e faz menção de se levantar, numa recusa de resposta.

D. JOSÉ
Pronto, pronto. Não falemos disso
agora.

Numa postura rígida de raiva e rancor, Paula continua a chorar, mas agora num pranto silencioso. D. José acaba de limpá-la e pega-lhe na mão, conduzindo-a até ao cavalo, ainda com folhas e gravetos agarrados ao cabelo emaranhado. Montam ambos, ela atrás dele, direita e firme sem o abraçar pela cintura, apenas segurando-se nele.

208. EXT. PRADO – NOITE

A silhueta do cavalo com D. José e Paula atravessa a passo o prado escuro. Só o ruído de ÁGUA CORRENTE e um esparso PIO DE CORUJA quebram o silêncio. A lua projeta as sombras na relva.

209. EXT. CAMINHO RURAL – NOITE

O cavalo segue lentamente pelo caminho. Paula puxa-o pelo ombro.

PAULA

Pode deixar-me aqui D. José.

D. JOSÉ

Mas ainda estamos longe da tua casa.

Ela abana a cabeça.

PAULA

(Iacónica)

Não vou para casa.

D. José para o cavalo.

D. JOSÉ

Não vais? Mas... não te posso deixar aqui.

PAULA

Não posso dar este desgosto aos meus.
O meu pai havia de perguntar quem era,
até que lho dissesse. E de qualquer
modo a minha mãe saberia...

Paula desmonta.

D. JOSÉ

Não te posso deixar aqui, sozinha.

Paula fita-o intensamente.

PAULA

Se meu pai soubesse ou descobrisse,
estaria perdido. O homem que me fez
isso é poderoso.

D. JOSÉ

Por isso mesmo deves dizer-me.

PAULA

Não. Há certas coisas que é melhor
deixar como estão. Mas obrigada por
tudo.

Paula volta-se e começa a caminhar no sentido donde vieram.

D. JOSÉ

Espera. Tenho um sítio onde podes ficar.
É uma cabana isolada. Está vazia. Às
vezes pernoito lá.

Ela detem-se, mas não se volta.

D. JOSÉ

Fica nas cercanias da povoação vizinha.
Aí estás mais segura. E não tão longe
que não possas voltar, se quiseres. Só
temos que chegar à praia e cavalgar um
pouco junto ao mar.

Ela volta para junto do cavalo sem tirar os olhos dele. Ele ajuda-a a subir. Depois
prosseguem a trote.

210. EXT. PRAIA – NOITE

O cavalo galopa pela praia com D. José e Paula montados em cima. A lua brilha
sobre a água e projeta as sombras deles na areia.

211. EXT. CAMINHO DA ROCHA – NOITE

O cavalo segue a trote com D. José e Paula montados em cima. A lua brilha sobre o
mar e projeta as sombras deles no chão.

212. EXT. CABANA ISOLADA – DIA

Resfolegando, o cavalo para à porta de um casebre baixo, de pedra sobre pedra, uma pequena porta de madeira e uma só janela. Ambos apeiam-se do cavalo, e D. José prende a arreata a um grosso ramo de árvore. Paula empurra a porta e entra. D. José vai até um telheiro, regressa com um molho de palha e alguns toros grossos e entra.

213. INT. CABANA ISOLADA – DIA

O casebre é composto por uma única sala, com as paredes interiores guarnecidas com barro. Num canto do aposento, uma lareira de pedra, com os lados e a testa avançada numa pequena abertura de arco de volta perfeita. Cestas e barris num canto, uma enxerga, um talhão e uma grande celha de madeira mobilam o aposento húmido e mofento, que se encontra muito sujo, empoeirado e cheio de detritos.

Paula está sentada num cesto virado ao contrário, seguindo os movimentos de D. José que se atarefa acocorado à lareira, a espreitar um lume que já crepita. A CAMARA APROXIMA-SE DO LUME.

DISSOLVE

Paula está a dormir na enxerga, coberta com a capa de D. José. OUVEM-SE CAVALOS e depois DUAS VOZES. Paula levanta-se atemorizada e vai espreitar pela única janelinha da casa.

214. EXT. CABANA ISOLADA – DIA

O cavalo de D. José está preso pela arreata e uma carroça está em frente ao casebre. D. José ajuda O CARROCEIRO a descarregar a carroça.

DISSOLVE

215. INT. CABANA ISOLADA – DIA

Com vassouras de rama e baldes de água, Paula e D. José limpam juntos a cabana.

DISSOLVE

A cabana tem um ar habitável, com uma cama dupla com coberta, uma mesa, alguns bancos e uma cadeira de balouço de pau. No canto oposto do espaço estão empilhados os barris, os cestos e a celha. D. José e Paula estão sentados à mesa a comer uma galinha, que acompanham com pão e leite. No meio da mesa um pão redondo já partido e um canjirão de leite.

PAULA

Vossa Senhoria surpreende-me. Ateia o lume, faz limpezas... nem parece pessoa da sua condição.

D. JOSÉ

Estou habituado. Tenho muitos amigos. Às vezes fico nas casas deles e aprendi a fazer o que eles fazem. Sempre andei por todo o lado. A princípio a minha mãe pôs um criado para me acompanhar. Mas depois viu que não era preciso.

PAULA

Sim, lembro-me de si desde pequena. Corria num desatino com os rapazes pela freguesia.

D. JOSÉ

(rindo)

Dei que fazer à minha mãe. E ao meu pai. Mas ele já não se preocupa comigo. Gosto de caçadas, de jogos de armas e de correrias pelos campos. Tudo coisas que o meu pai acha próprias para a minha condição. Assim ficamos os dois felizes.

PAULA

(ensombrada)

Eu também era feliz! Gostava de ver o moinho pela luz da manhã, das longas conversas na cama com a minha irmã Rosa, de preparar as mezinhas com a

minha mãe ou de ajudar o meu pai com
as mós.

(pausa longa)

Foi ainda ontem, e já tão distante. Sinto
tantas saudades.

Ficam ambos em silêncio. A câmara demora-se nela, que espelha um ar soturno.

DISSOLVE

216. EXT. CABANA ISOLADA – DIA

D. José e Paula estão sentados num banco de meio tronco de árvore encostado à casa. Sobre dois cestos virados ao contrário, várias plantas medicinais atadas em pequenos molhos. No chão vários ramos das mesmas plantas. Ambos fazem molhos com as plantas espalhadas no chão e põem em cima dos cestos. D. José sacode um molho de funcho em frente a Paula.

D. JOSÉ

Para que serve este?

PAULA

Funcho? É para as cólicas.

D. José pega num molho de salva.

D. JOSÉ

E este?

PAULA

Isso é salva. É para o reumatismo e para
cicatrizas as feridas. E fortalece o
sangue.

D. José cheira a salva e volta a aplicar-se na sua tarefa. Ela para e olha-o demoradamente com afecto. Levanta-se e pega-lhe na mão. Surpreso ele levanta-se e segue-a para dentro de casa.

217. INT. CABANA ISOLADA – DIA

Junto à cama, de costas para ele Paula despe-se. Depois vira-se e lentamente deita-se de costas, olhando-o fixamente. D. José contempla-a. Depois, de costas para a câmara, despe-se, sempre a olhar para ela, e fazem amor. Primeiro coloca o tronco soerguido pelos antebraços sobre o corpo dela e fita-a sem lhe tocar. O olhar que ela retribui é um convite sem medo. Ele acaricia-a devagar nas formas feminis. Entrelaçam-se sem pressas. As suas respirações aceleram-se e as faces afogueiam-se até um clímax mútuo. Quando acabam afastam-se um pouco, os olhos fixos no colmo do tecto, as respirações compassadas.

218. EXT. JARDIM DO CONVENTO – DIA

O jardim está transformado num estaleiro de construção civil para a obra da Capela do Coro Baixo. Há uma grande azáfama e rebuliço. As freiras estão muito entusiasmadas. BARULHO DE GENTE A FALAR, ORDENS, PICARETAS A BATER NA PEDRA.

Teresa carrega pedra como os serventes. UM FRADE dá ordens.

NARRADOR/SSCM/VOZ

(VO)

O sacerdote intendente da obra nunca vira antes uma mulher carregar pedra nos ombros, ou despejar cestos de entulho.

Algumas freiras despejam cestos de entulho.

NARRADOR/SSCM/VOZ

(VO)

Contagiadas, as irmãs tomam-se de empreitada e fogem dos pátios, da horta, das cozinhas, para ajudarem e darem palpites.

219. INT. GRADE DO CONVENTO – DIA

Os CRENTES trazem oferendas para a obra: uma saca de batatas, um bácoro, galinhas, anéis, em grande entusiasmo e algazarra.

NARRADOR/SSCM/VOZ
(VO)

Os crentes acumulam-se junto à grade para entregar um bácoro, uma saca de batatas, uma aliança de viúva, os seus serviços.

220. EXT. JARDIM DO CONVENTO – DIA

Teresa ajuda uma junta de bois a entrar com um carro carregado.

NARRADOR/SSCM/VOZ
(VO)

Teresa tem de estar em todo o lado e ainda ouvir as repreensões do sacerdote e as invectivas da madre superiora.

221. INT. GABINETE DA ABADESSA – DIA

A Abadessa e o imediato da ordem, MONSENHOR JOSÉ DE SANTA ROSA, alto e magro, esperam. O padre passeia de um lado para o outro e a Abadessa está de pé à secretária, apoiando as mãos sobre o tampo. BARULHO DA OBRA AO FUNDO.

ABADESSA CATARINA
(azedada)

Esta mulher que anda por aí a murmurar os seus constantes desejos e alvitres, coroando-os sempre com a blasfémia de “O Senhor quer”. Esta criatura que, desde que entrou nesta casa de sossego foi para trazer bulício e semeá-la de intempéries!

Teresa entra de supetão, descomposta e suja da obra, ofegante e com ar um pouco tresloucado. O véu do hábito sujo de calíça, as mãos acinzentadas da poeira, as sandálias enxovalhadas, transpirada, com pequenas gotículas a acumular-se na cana do nariz.

ABADESSA CATARINA
Irmã Anunciada, este é o padre José de Santa Rosa, o Imediato da ordem. Pedi-

lhe que nos desse uma ajuda, porque já sinto necessidade da presença de alguém como testemunha destes ... destas nossas conversas.

Teresa avança para beijar a mão ao homem que a encara de forma inquisitiva. A abadessa indica-lhe com a mão uma cadeira no meio da sala.

ABADESSA CATARINA

Sente-se, irmã.

Teresa obedece e senta-se na cadeira no meio da sala. A superiora arqueia o dorso e fala com uma calma fingida e calculada.

ABADESSA CATARINA

Veio ao meu conhecimento que agora aconselhais as vossas irmãs sobre os padecimentos espirituais.

Teresa faz menção de responder mas ela cala-a com um olhar imperioso.

ABADESSA CATARINA

Como se isso não fosse só por si grave, foi-nos dado a saber que a matéria da conversa que foi mantida entre vós e a nossa irmã Irina, envolve assuntos perigosos e interditos a essa casa.

(levantando a voz)

Foi-me ainda revelado que ousastes levá-la junto da imagem para que ela se aconselhasse com o Senhor.

(voz baixa, agreste)

Respondei-me apenas uma vez, madre Teresa: passou-vos pela cabeça oca dirigir um assunto desta gravidade à minha pessoa ou ao confessor do convento?

TERESA

Não... é que... os cuidados da irmã Irina eram sigilosos...

ABADESSA CATARINA

(gritando)

Sigilosos? Explicai a Sua paternidade se algo, notado por uma de nós como transgressor ou pecaminoso, deve ser tratado como sigilo pessoal ou, pelo contrário e enquanto obrigação, ser denunciado aos superiores.

TERESA

Madre, perdoe. A irmã Irina, eu própria, não tínhamos intenção. Mas o caso é este: Fez quarenta anos nesse mundo ainda há pouco. Confessou-me que de há dois anos a esta parte padecia de notáveis tentações, pensamentos desonestos contra a castidade, com cujas tribulações se via inquieta.

(pausa)

Esta era uma maleita contra a qual não julgara ter que precaver-se, pois entrara tão moça e extasiada na reclusão que considerava já ter cortado com o mundo.

E eis que o mundo se insinuava, do modo mais aflitivo possível, onde não podia voltar-lhe as costas: dentro do seu espírito.

(exausta)

Aconselhei-a sim. Compadeci-me dela. Implorei-lhe que não se fechasse nos silêncios. Levei-a à paz do olhar do Senhor. Foi isso.

O monsenhor aproxima-se, sub-reptício. Agora estão muito próximos, Teresa sentada e ambos atrás dela, um de cada lado, respirando sobre o seu pescoço.

ABADESSA CATARINA

(invectivando)

Não foi só isso

TERESA

Madre. Por favor, não me façais... é contra a minha natureza.

(num soluço)

Se sabeis, porque perguntais?

ABADESSA CATARINA

Porque tanto eu como o padre José, que tem que dar conta destas questões, precisamos de o ouvir da sua boca. Repito: não foi só isso.

TERESA

(a espremer as mãos)

Houve... uma pessoa. Um nobre desta cidade. Falavam no locutório e ele fez-lhe propostas.

(pausa penosa)

Ela estava a bordar-lhe um lenço. Destruímo-lo juntas, perto do Senhor. A irmã prometeu perante Deus jamais...

(num desespero)

Porque insistis nisso, madre? A questão foi resolvida!

ABADESSA CATARINA

(sibilante)

Talvez. Mas não a ocasião, não a ocorrência. E o conluio que fizestes contra a minha autoridade. Tive que o ouvir da boca de uma serviçal! Ela, sim, escutou e relatou, como deveríeis ter feito. Ouvi-o da sua boca; ao ponto que chegamos!

(triunfante)

Irmã Teresa, isto tem que acabar. É uma ousadia sem tamanho que uma simples criatura como vós, sem letras, sem laços de fidalguia, se arvore em trato tão mundano e insolente com pessoas de qualidade.

(pausa)

Fui indagar e apurei que chegastes ao ponto de falar ao tal fidalgo, exigindo-lhe que jamais voltasse a esta casa. E extorquiste-lhe dinheiro.

Teresa, tomada de novo alento, coloca-se de pé num salto.

TERESA

(num grito)

Eu, não, jamais!

ABADESSA CATARINA

Negais que ele forneceu a vossa imagem com cinco canadas de azeite para o lampadário?

TERESA

(gritando)

Mas foi uma dádiva de expiação dos pecados. Ele o quis!

ABADESSA CATARINA

Chamai-lhe o que quiseres. E não ouseis levantar a voz comigo!

Param ambas, exaustas. A madre olha-a com hesitação. Paira um silêncio. O monsenhor tira a caixa do rapé e inspira um pouco. Teresa deixa-se cair na cadeira. O olhar da madre torna-se acutilante, um sorriso nos lábios quando se inclina para a frente.

ABADESSA CATARINA

Há-de admitir, irmã, que este... interesse pelas coisas do mundo e eu diria... do corpo, é muito pouco comum numa religiosa, não é? Não se compreende.

O monsenhor mexe-se desconfortável e expectante.

TERESA

Como poderia eu não compreender o amor mãe, eu que sou uma das suas principais vítimas?

O olhar de ambos aperta-se sobre Teresa. O do monsenhor, quase receoso. O da Abadessa, vitorioso. Teresa prossegue.

TERESA

Vítima, sim! Não de um amor carnal. Mas eu sei do que ele é capaz em nós, desde que o meu Senhor se fez ouvir em mim, pois perdi a vontade própria.

O monsenhor interrompe-a.

MONSENHOR

Filha, há que haver cuidado para não cair em blasfémia... o amor divino...

A mãe faz-lhe um gesto da mão e Teresa continua.

TERESA

O amor divino é também humano e porque não? Já que se espelha em nós. É por meio dele que me procuro aperfeiçoar cada dia e servir a Deus servindo os outros. E vejo como somos todos dignos desse amor se nos despirmos do mal. Todos nós.

A Abadessa olha para o seu superior num movimento breve, e toca levemente com os seus dedos nos ombros de Teresa.

ABADESSA CATARINA

Não nos é permitido especular sobre o que queríamos que a nossa missão fosse, filha. Não é para isso que aqui estamos. O serviço de Deus é muito objectivo e sério. Sempre vos disse, sempre me pareceu que vos falta irmã,

a capacidade para se entregar, sem vontades, a essa missão. Percebo que lhe seja difícil. Sua irmã foi uma alma perdida e quanto a si, tenta beatificar-se através...

Teresa interrompe-a com calma e firmeza.

TERESA

(rouca)

Eu nunca fui beata! Nem o sou!

ABADESSA CATARINA

Teresa, porque fala constantemente na glória do Senhor? Não compreende que este será um estádio que contemplaremos na outra vida, quando chegar a nossa hora?

TERESA

Pois eu não quero esperar pela morte. Quero começar desde agora. Quero que percebam, quero que visualizem, que um dia encontrarão o Senhor sentado no seu trono de glória; onde Ele sempre esteve. Mas não é onde O temos posto, pois não, madre? Pois não, santo padre? E agora, se já me inquiriram, tenho o almoço dos trabalhadores à minha espera.

Decidida, Teresa sai deixando ambos atónitos.

222. EXT. JARDIM DA CABANA ISOLADA – DIA

Junto à cabana está um jardim de plantas medicinais. Paula cuida do jardim retirando ervas daninhas e apanha algumas folhas que guarda em saquetas diferentes.

223. INT. CABANA ISOLADA – DIA

Em cima da mesa, Paula prepara mezinhas num almofariz.

224. EXT. FEIRA – DIA

Paula dá consultas e trata de doentes. A mãe BRÍGIDA passa e pára a observá-la.

BRÍGIDA

Arranjaste um homem? Foi isso?

Paula levanta os olhos para a mãe, muda.

BRÍGIDA

Foi isso, foi! Espero que ao menos
tenhas arranjado um que cuide bem de
ti, não daqueles que usam as mulheres e
deitam fora.

Brígida afasta-se bruscamente e Paula fica a olhá-la com os olhos rasos de água.

225. INT. CABANA ISOLADA – NOITE

À luz de velas, Paula prepara um banho quente numa celha, deixando cair folhas medicinais na água. Despe-se e entra na água, onde fica de olhos fechados entre as folhas de infusão. Pega nalgumas folhas e passa-as no rosto e no corpo, macerando-as. D. José chega e contempla-a longamente. Despe-se e entra na celha, por detrás dela, abraçando-a. Ficam em silêncio um bocado.

D. JOSÉ

(carinhoso)

Minha feiticeira! Muito havias de ganhar
perto de Sua majestade! Punhas de lado
todos os físicos e alquimistas da côrte!...

PAULA

Só se fosse para o proteger...

(sorrindo)

E para fabricar venenos para as cortesãs
que o desejassem!

D. JOSÉ

Isso não seria preciso. Desde que te conheci não existe para mim outra possibilidade no mundo!

PAULA

Talvez... mas o vosso mundo é uma carta escrita há muito tempo pelas mãos de outros...

Longo silêncio.

D. JOSÉ

Esta não é a vida que queria para ti.

PAULA

O senhor não me deve nada, D. José! Já me deu muito mais do que os da sua condição dão a raparigas como eu.

D. JOSÉ

Podes parar com D. José e com essa história de condição? Aqui estão apenas duas pessoas que se amam.

PAULA

Aqui sim. Mas no mundo lá fora, vossa senhoria é D. José, e eu sou a Paula do Espírito Santo, filha do moleiro e da curandeira da vila.

D. JOSÉ

Mas eu posso...

PAULA

(resignada)

Não pode. Nada pode mudar isso. Nem ninguém. Nem mesmo o senhor.

(pausa)

Isto é tudo o que temos. Aproveitemos enquanto podemos.

D. JOSÉ
(soturno)
Viver aqui e agora!

PAULA
Viver aqui e agora! É tudo o que temos.

Paula olha para trás e beijam-se levemente. Depois ela levanta-se a pingar e sai da celha. Agarra um toalhão de linho. D. José sai da celha e abraçam-se, enrolando-se ambos no toalhão. Dão um beijo longo.

FADE OUT

FADE IN

226. INT. SALÃO DO SOLAR – DIA

D. Manuel está sentado num cadeirão, bebendo um copo de vinho licoroso num cálice. De pé, com a boina na mão, GUILHERME ÂNGELO põe D. Manuel ao corrente do romance do filho.

GUILHERME ÂNGELO
A casa é uma cabana, não mais, embora
passe lá bastante tempo com a mulher.

D. MANUEL
E é sempre a mesma?

Guilherme Ângelo roda a boina nos dedos.

GUILHERME ÂNGELO
Tem sido a mesma de há dois anos para cá. A rapariga é a modos como uma bruxa, consulta o povo do lugar.

D. MANUEL
Quanto lhe paga?

GUILHERME ÂNGELO
Que se veja, vossa Senhoria, não lhe paga nada. Nunca o fidalgo pediu

moedas ao vosso feitor nem a ninguém
e gasta o mesmo que sempre gastou.

D. MANUEL

Ofertas, dádivas?...

GUILHERME ÂNGELO

Pouca coisa, quase nada: uma ou outra
peça de pano nos arraiais, algumas
mobílias velhas, mais nada.

D. MANUEL

Dizes que é bruxa... virá daí algum mal
para o rapaz?

GUILHERME ÂNGELO

Hum... não creio. É muito nova, metida
em casa, simples, deve contentar-se
com o que tem e de que maneira! É um
belo pedaço de rapariga, mas mesmo
assim, calhou-lhe o fidalgo, e isso não é
todos os dias...

D. MANUEL

Veremos, veremos. Coisas da idade.

GUILHERME ÂNGELO

Quando chegar a altura vosso filho
saberá ocupar o seu lugar.

D. MANUEL

Certamente. São paixonetas de
juventude. Mas mantém-te atento.

GUILHERME ÂNGELO

Com certeza Sr. conde.

D. MANUEL

E agora podes ir. Tenho que me
preparar para assistir à Cantata em

honra do nascimento de D. João V no
Convento da Esperança.

Guilherme Ângelo faz uma vénia e recua inclinando-se para o conde até à porta, onde se vira e sai. D. Manuel fica pensativo a bebericar o vinho licoroso.

227. INT. IGREJA DO CONVENTO DA ESPERANÇA – NOITE

As freiras CANTAM no coro e a assistência ouve. A voz da Madre Catarina do Espírito Santo "Rouxinol" ouve-se como SOLISTA. Na assistência estão os condes da Ribeira Grande.

228. INT. CASEBRE POBRE – DIA

Na penumbra do casebre, grávida, Paula aplica papas de linhaça no peito de uma CRIANÇA de faces ao rubro, olhar mortíço e respiração ofegante. O PAI DA CRIANÇA espreita da porta. Levantando-se, Paula tira da sacola um molho de ervas e dá explicações inaudíveis à MÃE DA CRIANÇA. Depois vira-se para a criança e faz o sinal da cruz.

PAULA

Deus te guie, Deus te aumente, Deus te
livre da má gente.

229. INT. SALÃO DO SOLAR – NOITE

D. Manuel ceia com a esposa, D^a Mécia e com o filho, D. José. D. Manuel interrompe o silêncio.

D. MANUEL

No próximo mês parte uma nau para Lisboa e o senhor vai nela, D. José. É tempo de completar a sua educação na corte, e tomar o rumo que lhe está destinado na vida. Termine os seus afazeres aqui, pois El-rei o espera com uma esposa condigna da sua pessoa.

D. José fica hirto e quedo durante vários segundos. Depois levanta lentamente os olhos para a mãe, que o encara muito pálida. O conde continua a comer com indiferença. D. José encara-o.

D. JOSÉ

Como é isso, meu pai? Então já não tenho idade para ser consultado acerca do meu futuro?

D. MANUEL

(seco)

Tem idade para tomar o seu rumo. E quanto ao seu futuro, sempre soube o que o esperava.

Terminam a refeição em silêncio. O conde retira-se sem uma palavra. D. José levanta-se e abraça longamente a mãe, ambos a combater as lágrimas.

230. EXT. CAMINHO – NOITE

D. José incita o cavalo, que galopa pela noite.

231. EXT. CABANA ISOLADA – NOITE

D. José desmonta.

232. INT. CABANA ISOLADA – NOITE

O lume da lareira ilumina o aposento com um luz quente. Paula soergue-se na cama. D. José irrompe pela casa dentro. Paula olha-o com tristeza.

PAULA

Eu sei. Chegou a hora.

Sem uma palavra, D. José deita-se a seu lado. Estreitam-se nos braços um do outro. Ela começa a despi-lo. Com um desespero crescente começam a fazer amor e os seus movimentos ritmados aceleram-se.

233. INT. SALÃO DO SOLAR – NOITE

D. Manuel está sentado num cadeirão, junto da lareira acesa. D. José entra de supetão e senta-se noutro cadeirão, junto dele.

D. JOSÉ
(agreste)

Pois bem, meu pai. Quero que saiba que, já que industriou a minha vida daqui para a frente sem que eu fosse achado para isso, já que brevemente me irei embora ao seu serviço, há uma questão a resolver.

Calmo, D. Manuel levanta-se e serve-se de um vinho.

D. MANUEL
Ao nosso serviço. Ao serviço desta casa. E não industriei nada. Esse sempre foi o seu destino, tal como foi o meu. Ainda antes de nascermos.

D. Manuel volta a sentar-se.

D. MANUEL
Eu apenas decidi que já era tempo de cumprir o seu.

D. José não responde de imediato, olhando o lume.

D. JOSÉ
(abrupto)

Tenho uma pessoa a meu cuidado... uma mulher. Está prenha. Não hei-de voltar-lhe as costas sem me certificar que ficará amparada.

D. José permanece hirto na cadeira, cara fechada, obstinado. Perdendo a calma, D. Manuel procura-lhe o olhar, furioso.

D. MANUEL
Mas o que quer o senhor, afinal?

D. JOSÉ
Eu? Apenas justiça.

D. MANUEL

Justiça? Mas para quê?

D. JOSÉ

Para quem, deveria dizê-lo.

D. MANUEL

Sim, para quem, então?

D. JOSÉ

Para o meu filho, por exemplo. Oh! E aliás, para tantos...

D. MANUEL

Sou seu pai, mereço-lhe respeito, ainda que só por isso. E deveria tê-lo também pelo homem que fui.

(pausa)

Enfim, que quer?

D. JOSÉ

Que mãe e filho não fiquem desamparados.

D. MANUEL

Seu idiota! Um filho! Que estas paredes não o ouçam! Um bastardo não é um filho!

D. JOSÉ

(trémulo)

Se não é um filho, meu pai e senhor conde, o que é um bastardo?

D. MANUEL

(com desprezo)

Ora, um bastardo é apenas a prova viva da masculinidade de um homem. E nada mais. Nada mais!

(inflamado)

Que seria de nós se por este Portugal fora, por esta Europa, as grandes casas dessem em considerar algum direito de família, de linhagem, ou de bens à caterva de bastardos que têm vindo a semear?

D. JOSÉ

(irónico)

As grandes casas deveriam acima de tudo preocupar-se com a honra.

D. MANUEL

O senhor ainda terá muito que aprender sobre a honra. A honra dos dirigentes é coisa bem mais complexa e extraordinária do que a honra da pessoa comum.

D. JOSÉ

(trémulo)

E diz-me o senhor que merece o meu respeito?!

D. MANUEL

Sim, mereço-lho!

(apaziguador)

E é, como sabe, sua obrigação ocupar-se dos assuntos à nossa conta, enquanto meu sucessor...

D. Manuel levanta-se.

D. MANUEL

(mudando de assunto)

Mas acabemos com isto, que tenho documentos importantes a entregar-lhe para a viagem. Tem a minha palavra que enviarei alguém para oferecer a esta mulher aquilo que ela pretender.

D. José não se mexe da cadeira.

D. JOSÉ

(desalentado)

O problema é este, meu pai. Ela não pretende nada desta casa. Eu é que considero essencial que a proteja, a ela e ao filho.

D. MANUEL

Veremos, veremos. Da minha parte será feito.

D. Manuel sai da sala. Depois de um momento a olhar o vazio, D. José levanta-se e segue-o.

234. INT. CABANA ISOLADA – NOITE

Paula e José continuam a fazer amor com o desespero da última vez. Na mesma posição, ela continua a prendê-lo com os braços e as pernas, os seus movimentos ritmados acelerados, as respirações a atingirem o clímax. Quando terminam ficam ambos a olhar para o teto.

PAULA

Minha mãe dizia que “O diabo é um homem muito belo que rouba a alma das moças para o fundo do mar.”

(olhando para ele)

Não há maior verdade. Tu és o meu diabo, e roubaste-me a alma. Só não sei para onde a levas.

D. JOSÉ

Ficará sempre comigo minha feiticeira.
Dela nunca me apartarei.

Ele acaricia-a e ambos os corpos estreitam-se um no outro.

235. INT. APOSENTOS DA CONDESSA – DIA

A condessa está deitada de lado sobre a colcha, os olhos postos no bordado abandonado a seu lado. O conde D. Manuel entra.

D. MANUEL

O que tendes, senhora? A vida corre.
Sois precisa lá em baixo para presidir às
mesas e orientar as coisas.

D.^a MÉCIA

(correm-lhe grossas lágrimas)

Porque deixaste nosso filho ir?
Fostes vós o senhor do mundo para
mandar o próprio filho alimentar as
chamas do ódio e da cobiça?

D. Manuel responde-lhe ao fim de algum tempo, de forma arrastada e triste.

D. MANUEL

Porque o amor de mãe usa a protecção
extrema e o desvelo, mesmo contra as
razões do mundo, mas o de pai deve
ousar a glória e a entrega, para aqueles
que mais adora. Porém...

(pausa)

não pode, nem um nem outro, furtar-se
ao que deve para cumprir com a sua
obrigação.

(mudando de tom, enérgico)

Sois necessária. Aprumai-vos.

D. Manuel sai.

236. EXT. JARDIM DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Teresa caminha pelo jardim, abrindo uma carta de D. José. Ela quebra o selo com o
brasão de D. José e desdobra a carta, começando a ler. Enquanto ela faz tudo isso,
já se ouve a voz de D. José em VOZ OFF.

D. JOSÉ
(V.O.)

*Paço do Rei, aos quinze de Agosto de
1692*

*Prezada soror Teresa da Anunciada,
Tomo a liberdade de me dirigir a vós,
uma vez que a aflição do meu espírito e
a urgência do assunto assim o exigem.*

*Minha mãe, a condessa Mécia de
Mendonça, sempre me disse que aquilo
que não conseguísseis pela vossa
bondade e amor ao próximo, lográ-lo-ia
o vosso Senhor Santo Cristo, com o
poder infinito do Seu braço. Por isso me
encomendo a vós ambos em relação a
este assunto:*

*Coube-me experimentar nesta vida a
maior afeição por uma mulher, que não
posso exprimir em palavras.*

*Aquela que é objecto do meu amor,
quando nos encontramos perdera a sua
virtude, desonrada por rude canalha.*

*O seu nome é Paula do Espírito Santo,
de Santa Bárbara da Ribeira Grande. A
natureza e Deus obraram para que nos
apaixonássemos e o nosso amor foi feliz
e completo até ao momento em que tive
que vir para junto de Sua majestade,
cumprir desígnios há muito delineados
pelos usos da casa a que pertença.*

237. INT. CABANA DE PAULA E JOSÉ – DIA

Na cabana isolada, Paula prepara uma mezinha que toma.

D. JOSÉ
(V.O. continuando)

*Antes de partir, arranquei a meu pai a
promessa de que olharia para que nada
faltasse à mulher de que vos falo e a um*

*filho que ela trazia no ventre à data da
minha partida.*

Paula sente-se mal e entra em delírio febril.

Paula aborta, sangrando abundantemente.

238. EXT. JARDIM DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Teresa caminha pelo jardim, continuando a ler a carta de D. José.

D. JOSÉ

(V.O.)

*Vivo na dúvida do que terá acontecido,
se meu pai honrou a sua promessa ou o
que ocorreu com a minha amada.*

*Meu pai, o conde, goza de uma
sobranceria que não me permite esperar
que escute uma palavra da boca de
ninguém sobre este assunto.*

239. EXT. CABANA DE PAULA E JOSÉ

D. Manuel desmonta e bate à porta da cabana. .

240. EXT. JARDIM DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Teresa caminha pelo jardim, continuando a ler a carta de D. José.

D. JOSÉ

(V.O.)

*No entanto sei que a fama das vossas
virtudes e da imagem que venerais tem
corrido por toda a ilha; até aqui no paço
do rei já escutei sobre ela.*

(pausa)

*Imploro-vos que procureis indagar de meu
pai se cumpriu ou não o prometido.*

241. EXT. CABANA DE PAULA E JOSÉ

Paula abre a porta e atende D. Manuel na soleira, sem o mandar entrar.

D.MANUEL

(seco)

Venho da parte do meu filho. Trago-lhe esta bolsa com moedas suficientes para arranjar a sua vida, como nunca o faria se...

(pausa)

Mas há uma condição, um trato a fazer.. Quero a criança, quando nascer. Mandarei buscá-la e criá-la-ei no solar. E nunca, nunca mesmo, voltará a pôr-lhe a vista em cima ou a dirigir-se a alguém da minha gente. Estamos entendidos?

Ela olha para ele enjoada.

PAULA

(curta e célere)

Não é necessário trato nenhum, vossa senhoria. No meu ventre já nada há que pertença à sua casa.

Paula fecha-lhe a porta na cara. D. Manuel fica a olhar para a porta estupefacto.

D.MANUEL

(entre dentes)

Olha a grande puta!

D. Manuel atira desdenhosamente a bolsa para o chão, monta e sai a galope.

242. EXT. JARDIM DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Teresa caminha pelo jardim, continuando a ler a carta de D. José.

D. JOSÉ
(V.O.)

*Para o caso de nada se ter resolvido,
enviar-vos -ei através de um criado de
minha mãe uma tença que julgo
suficiente para que acolham aquela que
amo nessa casa, e assim fique a salvo do
desamparo e dos perigos que poderão
assaltá-la. Como certamente sabeis, o
tratamento popular e eclesiástico é
particularmente cruel para com as mães
solteiras na nossa ilha,
Esperando a vossa bondade e a
misericórdia do Senhor, sou Seu devoto,
D. José Gonçalves da Câmara.*

Teresa levanta os olhos da carta e olha o jardim em volta com um sorriso
enternecido no olhar.

TERESA
(pensamento V.O.)

D. José Gonçalves da Câmara! Quem
diria? O diabinho que me derrubava a
cesta dos bordados, quando era mais
nova! O gaiato para quem bordei um
lenço com as suas iniciais!...

243. INT. NICHÓ PROVISÓRIO DO SSCM – DIA

Teresa está em frente à imagem do Senhor Santo Cristo, com as folhas da carta
abertas diante da imagem, sentada sobre os calcanhares.

TERESA
(surdina)

Meu Senhor miraculoso. Eu não ousa
falar ao conde, Vós bem o sabeis! E não
posso recorrer à condessa, pois o
próprio filho não lho pediu, por razões
óbvias. Nem ela falaria ao marido de
caso tão melindroso... Deus meu, o que
fazer?

Perante o silêncio prolongado, ela eleva a voz num arroubo do seu temperamento.

TERESA

(alto, com aflição)

Então, Senhor? Hei-de fazer isto sozinha? Aqui está uma prova palpável da minha inutilidade: como posso confortar, se nem para isso tenho os meios?

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O. palavras mansas)

Teresa, tu crês em Mim?

TERESA

(apressadamente)

Creio, creio, Senhor. Creio tanto, mas é só o que sei fazer. Sou um abismo de nada, perante Vós.

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Se crês em Mim, a tua própria verdade te guiará.

TERESA

Mas como?

Sem resposta, Teresa fica a orar em silêncio por muito tempo, na mesma posição. Depois levanta-se lentamente e sai com um ar preocupado.

244. INT. GABINETE DA ABADESSA – DIA

Teresa está de pé, com um ar humilde em frente à Abadessa, sentada à secretária, que a olha incrédula.

ABADESSA CATARINA

(assombrada)

O conde?

TERESA

Sim, minha mãe. Preciso da vossa autorização para mandar chamar o conde da Ribeira.

ABADESSA CATARINA

(exaltada)

Mas que desvario é este? Fala em conde para cá, senhoria para lá. Pessoas de toda a sorte a entupirem a grade! Isto nunca mais acaba nesta casa?

Teresa brande na mão a carta com o selo de D. José.

TERESA

É uma empreitada de que me incumbe D. José Gonçalves da Câmara, seu filho. Tomara a mim, na minha humildade, não ter que fazê-lo. Mas é um assunto pessoal e imperioso.

A madre riu-se com indisfarçado escárnio.

ABADESSA CATARINA

(sorriso trocista)

A sua humildade! Muito folgo em vê-la! Pois chame lá o conde. Gostaria de saber em que termos se dirigirá a Sua Senhoria.

Teresa olha para a Abadessa como se fosse esganá-la, mas fecha os olhos e quando os abre faz uma vénia.

245. INT. GABINETE DA ABADESSA – DIA

Teresa endireita-se da vénia que fez à Abadessa, que já não está na sala. Em seu lugar, D. Manuel, sentado num cadeirão, olha curioso para ela, amedrontada e sem jeito.

TERESA

Vossa senhoria... agradeço-lhe o
obséquio da visita.

(respira fundo)

O assunto é melindroso. Trata-se de um
pedido que me fez o seu filho através de
uma carta enviada à minha pessoa.
Refere-se a alguém que cá deixara e...
lhe merecia toda a estima. Desejava que
soubesse de sua parte se...

(procura as palavras enervada)

se terá resolvido esta pendência a
contento de ambos... da forma que
combinaram.

D. Manuel semicerra os olhos conforme a ouve e interrompe-a abruptamente.

D. MANUEL

(com aspereza)

Interessante, madre! Eu esperava que
pessoas na sua condição se
preocupassem com questões mais...
atreitas à religião.

Teresa vacila e põe os olhos no chão .

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Teresa, Teresa...

Teresa recompõe-se e encara D. Manuel.

TERESA

Sr. Conde, todos os assuntos se tornam
assuntos de religião. Eu ocupo-me das
coisas que Cristo coloca no meu
caminho. E com esta carta, ele colocou
este assunto no meu caminho.

D. MANUEL

Pois talvez fosse o caso de pedir a Cristo que coloque juízo na cabeça de meu filho.

(pausa)

Isso de que me fala, são... questões próprias da juventude. Já lá vai algum tempo, mas fica-me a parecer que ainda não cresceu o que devia. Não lhes devíeis ter dado importância e desculpo-me por ele, ao ter tomado o seu tempo...

TERESA

Perdoe-me Vossa Senhoria, mas considero o meu tempo bem empregue, sempre que necessário. E visto ser esta sem dúvida uma empresa de Deus, gostaria de saber se tomou providências em relação a Paula do Espírito Santo – creio ser este o nome. Quanto ao seu filho, quer-me parecer ser ele já um homem e bastante consciente.

D. Manuel olha-a irritado. Depois controla-se.

D. MANUEL

Fui de facto tratar com a mulher em causa, disposto a oferecer-lhe algo que ela nunca imaginara; sugeri-lhe que me entregasse o filho. Respondeu que já não estava prenha e que não havia criança.

(pausa a refletir)

Nem aceitou as moedas que lhe ofereci.

TERESA

E?...

D. MANUEL

Perdão?

TERESA

E então D. Manuel da Câmara, como concluiu a questão?

D. MANUEL

Mas... já não lhe disse? Não tive mais que fazer. Dei graças por assim ser e abandonei o caso!

Teresa fica num silêncio expectante. D. Manuel volta-se na cadeira e cruza a perna incomodado.

D. MANUEL

(condescendente)

Irmã, de certo compreendeis que estive disposto a um esforço que não seria esperado da minha categoria. Mas não havendo criança...

(refletindo)

É humanamente impossível amar um sangue que não me corre nas veias. Posso ser e fui, apenas deferente. Agora amar... não é o meu sangue nem tal está na natureza.

TERESA

Parece-me que vossa Senhoria, erradamente, tomou um acto comum na natureza, a geração de um filho, como uma afronta à vossa casa, só porque não cabia dentro dos vossos planos. Pois digo-vos que também poderia não caber nos dela.

D. Manuel coça pensativamente a fronte e tem um gesto de impaciência. Depois sustem-se e encara Teresa.

D. MANUEL

Madre,... como podereis saber tanto dos homens e das mulheres se entrastes tão jovem nesta casa, se sois nova ainda,

sem... enfim, sem terdes construído outra vida?

TERESA

Mas, Sr. Conde, eu não nasci aqui... e depois, o mundo vem-se-me derramar nestas grades, em ondas constantes. Todos me vêm despejar a alma e por ouvir e observar já me encontro repleta dele.

D. MANUEL

(congeminando)

Assombroso...

(erguendo-se para sair)

Quanto ao que me pedis, nada mais há a dizer. Para mim foi, como já afirmei, caso encerrado.

D. Manuel caminha para a porta e volta-se antes de sair.

D. MANUEL

(peremptório)

E gostaria, irmã, que assim ficasse. Acho que me entende.

D. Manuel sai e Teresa deixa-se cair acabrunhada na cadeira que ele ocupara. Perdida nos seus pensamentos, nem repara na Abadessa, que entra e senta-se à secretária, observando-a.

ABADESSA CATARINA

(fingida docilidade)

Mais uma joia para a imagem, irmã? O conde é dos que podem. Tereis ousado pedir-lhe um anel de brasão para os dedos do Senhor?

Teresa olha-a, põe-se de pé e vira-lhe as costas, caminhando para a porta, mas volta-se antes de sair.

TERESA

Anéis? Ceptros? Jóias? Ele os terá, creia. Todos Lhe virão depositar aos pés os maiores tesouros do mundo. E ainda assim não serão suficientemente dignos Dele. Porque o meu Senhor, Ele sim, é o maior fidalgo. Arde como o sol no firmamento.

E, imitando o tom altivo do conde.

TERESA

E gostaria, irmã, que assim ficasse. Acho que me entende.

Teresa sai, deixando a Abadessa perplexa.

246. INT. NICHOS DO S.S.C.M CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Teresa fala com a Imagem, cabisbaixa, sentada sobre os calcanhares.

TERESA

Senhor, dai-me brancura para lavar a minha alma de tantos ódios, para guiar o meu espírito no caminho da doçura que eu não tenho, da vigilância de que sempre me esqueço.

Levantando os olhos para a Imagem.

TERESA

Senhor, faz-me amar os homens com a intensidade e a leveza com que Te amo.

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Amores-me é fácil, mulher: não tenho pés para que possas tropeçar neles, nem mau humor para que te afronte, nem queixas de madrugada que te privem do sono.

Não sou pedinte que te importune à saída da igreja, nem corsário que te aponte uma espada. Nunca Me verás esmagar à tua frente aqueles que te são caros, nem te puxo os cabelos para correr em debandada. Não te roubo o suor do teu trabalho; não divido espaço contigo.

(pausa)

Já o disse uma vez: o meu reino não é deste mundo.

Teresa fica a olhar a imagem por um longo momento. Depois levanta-se, inclina-se numa vénia e dirige-se para a porta, detendo-se com a voz do SSCM.

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Amares-Me é fácil! Ama os teus irmãos e irmãs.

247. EXT. SEQUÊNCIA DAS OBRAS DA CAPELA – DIA

Teresa serve o almoço aos TRABALHADORES. O padre intendente da obra aproxima-se de mau humor.

PADRE INTENDENTE DA
OBRA

Irmã Teresa. O carpinteiro está a assoalhar a capela e diz que você deu ordem para utilizar as tábuas dos andaimes.

TERESA

Sim, de facto...

PADRE INTENDENTE DA
OBRA

(espumando)

Mas esses andaimes são do comerciante Guilherme Fisher, que os emprestou para a obra.

TERESA
(balbuciando)
Mas...

PADRE INTENDENTE DA
OBRA
De facto, irmã, tenho que dar razão à
madre abadessa. Em si tudo são
caprichos. Agora que os andaimes estão
inutilizados, Guilherme Fisher decerto
pedirá uma exorbitância por essa
madeira!

TERESA
(atrapalhada)
Eu falarei com ele.

248. EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

PG do convento.

249. EXT. JARDIM DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Teresa fala com Guilherme Fisher, torcendo as mãos sob o olhar inquisidor do
Padre Intendente.

GUILHERME FISHER
Não pense nisso madre. Recebo como
grande mercê que a minha madeira seja
empregue na obra do Senhor Santo
Cristo.

TERESA
Oh, Deus lhe pague.

Dirigindo um olhar triunfal ao padre Intendente.

TERESA
Padre, temo que seja necessário
encontrar folha de ouro para dourar o

arco da capela. Com esta carestia, não
será fácil...

O padre abre os braços com um sorriso irónico.

PADRE INTENDENTE DA
OBRA

Seja servida vossa mercê de resolver
também este problema. Estou certo que
conseguirá...

O padre intendente afasta-se a passos largos para a porta do jardim.

250. INT. CELA DE TERESA – DIA

Teresa dorme profundamente. SOAM AS MATINAS e ela acorda estremunhada. Em
camisa de noite, levanta-se ainda trôpega da cama e acerca-se da bacia para lavar
o rosto, ainda sem touca. Ao debruçar-se sobre a água, vê a imagem há tanto
tempo ignorada do seu rosto, de uma brancura láctea, um pequeno sinal no queixo
e os olhos grandes, castanhos de melaço, os cílios espessos, os lábios ainda bem
vermelhos, o rosto emagrecido.

Recua assustada. Depois volta a aproximar-se devagar, examina a imagem e sorri
um pouco.

TERESA
(sorrindo)

Há quantos anos não te olhas num
espelho?

(pausa)

Então isto sou eu? Prazer em conhecer-
me!

Ela passa os dedos no cabelo que anela um pouco e ainda é brilhante e espesso,
apesar de uns grisalhos aqui e ali. Volta a olhar a bacia e vê:

QUARTO DA MÃE: a sua imagem, menina, no quarto da mãe a colocar enfeites de
flores no cabelo em frente a um espelho.

DISSOLVE

A imagem do passado desaparece e a água devolve-lhe a sua imagem presente, com um brilho de felicidade no rosto. Depois de se contemplar mais um pouco, mergulha as mãos na bacia, desfazendo a imagem, e lava a cara.

251. INT. COZINHA DO CONVENTO – DIA

Teresa e Paula descascam feijões, conversando.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Teresa depositou a tença que entretanto D. José instituiu para a admissão de Paula, nas mãos da abadessa, para que lhe franqueasse a entrada no convento.

PM de Paula.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Paula era uma sombra, o espectro de uma pessoa. Mas aos poucos o corpo e a vontade da rapariga foram desabrochando.

252. EXT. JARDIM DO CONVENTO – DIA p.

Paula trata de um canteiro de ervas medicinais.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

O seu interesse pela horta e pelo jardim de ervas era o único ponto onde poderia apoiar-se e Teresa usou-o para incumbi-la de melhorá-los e ir criando uma espécie de espaço de botica.

(pausa)

No entanto, Paula não era feliz, nem encontrara naquele lugar a paz que tanto necessitava.

253. INT. COZINHA DO CONVENTO – DIA

Teresa e Paula continuam a descascar feijões.

TERESA

Sabes, Paula, o passado não tem que pesar-nos sempre nas costas como um pedregulho; é possível seguir em frente e começar de novo.

PAULA

Começar de novo com quê? Não tenho nada, madre. Nem um princípio; tudo o que havia se foi.

TERESA

Mas podes substituí-lo por outras coisas, outras alegrias. Podes construí-lo para ti própria.

PAULA

O amor matou-me, madre. Amei tanto e nada construí. Esse amor secou-me... a madre não pode entendê-lo. Mas é assim...

Teresa pousa as cascas que tem no avental e olha para a horta, através da porta aberta da cozinha. Borboletas deambulam por entre a salva, o tomilho e a erva-santa. Ela inspira devagar.

TERESA

(tacteando as palvras)

Mas eu sei, Paula. Às vezes o amor é um sortilégio. Tens quinze, ou vinte ou setenta anos, que seja. Os teus olhos fixam-se naquele que será a tua vida, a tua sorte, o teu suspiro, até à eternidade. Se este homem for um conde, um príncipe, um pedinte em farrapos, ou um pirata, não interessa. É a ele que te amarrarás. Quando sofres, é

como quem se atira de um abismo;
quando exultas, és mais feliz que um
anjo.

Paula para também o seu trabalho, impressionada, com as faces molhadas e os olhos cobertos de lágrimas.

TERESA

(continuando)

Na terra, não importa o azar ou a sorte a
que este amor te leve, Paula. Só
interessa o que resolverás fazer com
ele.

Teresa faz uma longa pausa, olhando a horta e o jardim. Depois continua.

TERESA

Mas, se esse Homem for Cristo?

(pausa)

Estás rendida, banida do teu próprio
estado, mas presa à terra que não te
alforria: és um ser sem lugar, aspirante
da luz e imperfeito, ainda. Para sempre
encantado.

Suspirando, Teresa volta a pegar na tigela e nos feijões e vira-se na direcção dela.

TERESA

Sim, Paula, eu sei como é. E no meu
caso, vivo da esperança.

Teresa volta ao trabalho. Paula fica a olhá-la desconcertada. Depois recomeça a descascar os feijões.

254. INT. IGREJA DA ESPERANÇA – NOITE

A igreja está enfeitada com endereços de Natal. A FINA FLOR DA CIDADE enche a igreja. Atrás das grades as irmãs cantam uma cantata de Natal. O SOM DO ORGÃO E DO TRINADO DAS VOZES enche o espaço. As portas da igreja estão abertas de par em par, onde se aglomeram os MENOS AFORTUNADOS, extasiados pela música.

255. EXT. IGREJA DA ESPERANÇA – NOITE

Os Menos Afortunados, extasiados pela música, acumulam-se no Adro, junto à porta, espremidos uns contra os outros, ao frio, alguns com crianças ao colo. A CANTATA chega ao fim.

DISSOLVE

256. INT. IGREJA DA ESPERANÇA – NOITE

As portas da igreja estão fechadas e só as freiras se encontram dentro, a decorar. Os SINOS REPICAM HOSSANAS. Nos altares, estão dispostas laranjinhas vidradas. Teresa acende umas velas e olha em redor para as irmãs e para Paula que dispõem o arranjo das toalhas nos altares.

TERESA

Não temos uma imagem de Deus
Menino?

MADRE CREMILDE

Temos... mas está no altar da virgem... é
que não costumamos armar este altar
com o Menino...

TERESA

Pois vamos agora armá-lo. É o Seu
nascimento. Acabará de nascer dentro
de algumas horas. Sigam-me!

257. EXT. CLAUSTRO DA ESPERANÇA – NOITE

PG – Teresa atravessa o claustro seguida por Paula e pelas freiras.

TERESA

(numa gargalhada)

Vamos armar o altar ao bebé Menino!

O claustro fica vazio durante um bocado. Depois as freiras regressam atrás de Teresa, que trás nos braços uma pequena imagem de barro, rechonchuda e rosada.

TERESA
(cantarolando)
Vou embalar o Menino;
Vou cantar-lhe as boas noites.
E há-de dormir bem quentinho...

Teresa começa a embalar o menino com movimentos doces e suaves. As outras religiosas, esfuziantes, acompanham a canção subindo o tom.

TODAS
“Dorme, dorme meu Menino
Que a tua mãe aí vem;
Foi lavar os teus paninhos
À fontinha de Belém...”

Teresa incrementa os movimentos dos seus braços a embalar o menino com rodopios do corpo e as restantes, apanhando as saias do hábito, saltitam atrás dela.

258. INT. IGREJA – NOITE

O grupo de religiosas entra a dançar. Teresa coloca com todos os cuidados a imagem no altar e ajeita-lhe as verduras em redor do berço improvisado.

As outras fazem um semi-círculo cantando, lançando beijos na direcção do Menino e acariciando-o.

NARRADOR/SSCM
(V.O.)
Era espantoso ver esse coro sonante de
mulheres, que nunca tiveram a
oportunidade de cantar uma canção de
ninar a um filho, completamente
embevecidas a embalar um Menino
Jesus de barro.

A Madre Superiora entra e bate as palmas, para se fazer ouvir.

ABADESSA

Que vem a ser isto agora? Numa das
noites mais santas do ano, esse
espalhafato! Irmãs, tende compostura!

Algumas irmãs riem acanhadas. Depois faz-se silêncio.

TERESA

(compondo o véu)

Cantávamos ao Menino, nossa mãe.

ABADESSA

Pois vejo que cantavam! E também vejo
que faziam momices!

TERESA

O Menino gosta.

ABADESSA

Oh, por favor, irmã Teresa, não comece!
Sabe perfeitamente que demonstrações
como as que estava a fazer são quase...
profanas.

TERESA

(bem disposta)

Perdoe nossa mãe, mas não há nada de
profano em cantar a Jesus.

ABADESSA

Jesus é Deus. Não podemos tratá-Lo
com pouco respeito.

TERESA

(com um ar gaiato)

Eu trato-O com respeito. Mas o Senhor
não é apenas sisudo...

ABADESSA

Pois. E a irmã sabe, como sempre, quais
as disposições do Senhor...

TERESA

Oh, madre! Hoje é uma noite tão bela!
Vamos comer iguarias e depois
distribuiremos presentes e
cantaremos...

Perante o olhar espantado das outras, Teresa aproxima-se da Superiora, toma-lhe os braços e procura arrastá-la numa dança. Desconcertada, a Abadessa sacode-a. As outras riem.

ABADESSA

(atrapalhada)

Teresa... francamente, francamente.

(mudando de tom)

Irmãs, ceemos então, a ver se arrefecem
os ânimos. Teresa, francamente! Em
nome do Pai!

259. INT. CLAUSTRO – DIA

O claustro está vazio. Uma PORTA ABRE-SE e Teresa entra com uma MENINA nos braços, inerte, olhos vidrados, seguida pela ESPOSA DE AMADOR TEIXEIRA. Atravessam o claustro com passos rápidos.

TERESA

(assustada)

Senhora, por Cristo! Não devíeis ter
tirado de casa a vossa filha neste
estado!

ESPOSA DE AMADOR
TEIXEIRA

Os físicos dizem que nada mais há a
fazer e eu... secou-se-me a boca de
tanto rezar.

260. INT. CORREDOR – DIA

Teresa marcha com a menina nos braços, seguida pela mãe.

ESPOSA DE AMADOR
TEIXEIRA

Por piedade soror Teresa. Por piedade!

261. INT. NICHOS DO CORO BAIXO – DIA

Teresa ajoelha em frente à imagem com a menina nos braços. A mãe ajoelha com ela.

ESPOSA DE AMADOR
TEIXEIRA

(num soluço)

Senhor, valei-me! É o que de melhor
tenho! É a minha vida, a minha
avezinha!

Rezam ambas em silêncio, cortado pelos soluços da mãe. Teresa volta a
embrulhar a menina e entrega-a à mãe.

TERESA

Rezarei por ela.

FADE OUT

FADE IN

262. INT. PORTARIA – DIA

AMADOR TEIXEIRA, homem alto e forte, aguarda em pé, torcendo o barrete entre
os dedos. Teresa entra apressada.

TERESA

Então?

AMADOR TEIXEIRA

Está muito pior. Gelaram os membros,
quase já não respira. Madre, pela glória
de todos os anjos, deixe-me ver o
Senhor!

Desanimada, Teresa vira-se para a porta.

TERESA

Venha.

Saem os dois, deixando a portaria vazia.

263. INT. NICHOS DO CORO BAIXO – DIA

À vista da imagem, Amador Teixeira prostra-se no chão. Teresa fica de pé, um pouco mais atrás, deixando-o só perante a imagem.

AMADOR TEIXEIRA

(em lágrimas)

Meu Senhor Santo Cristo, faz um milagre. Sei que morre muita gente, que as febres já levaram tantos por estes dias, mas é o meu pintainho, a luz da minha casa. Nunca te pedi riquezas nem ajuda nesta minha vida de trabalhos. Mas agora peço até ao fim da minha voz: leva-me em vez dela, eu carregarei todas as nuvens do Teu céu nas minhas carroças, pela eternidade fora. Faz um milagre, Senhor!

As lágrimas correm também no rosto de Teresa. Paula entra.

PAULA

(aflita)

Senhor Amador. Sua mulher manda chamá-lo. A menina agoniza!

Num repente Teresa acerca-se da imagem, despe-lhe a capa e entrega-a ao homem.

TERESA

Leve-a. Cubra com ela a menina, como se fosse a Misericórdia do Senhor.

Amador Teixeira pega na capa e sai atrás de Paula com um ar desnortado.

Teresa deixa-se abater em frente à imagem, chorando em desespero.

TERESA

(quase colérica)

Porque não salvaste a menina, Senhor?

(pausa)

É algo que não posso entender. Depois de tê-la nos braços, de ver a sua agonia... sendo o Teu poder tão forte. Porque não a salvaste?

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Teresa. Eu não desfiro a morte. O meu trabalho é a criação. Toda a minha essência é vida. Toda a minha essência é luz. Foi o que vos dei quando gerei a humanidade.

TERESA

Mas Tu...

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Eu permito a diferença. Autorizo a natureza. Só isso.

TERESA

Mas Senhor...

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Teresa, tudo o que acontece no mundo segue o curso da vida. No fim dos tempos Eu estarei aqui! Repito e tu não me ouves, Teresa: não vos abandono.

TERESA

(obstinada)

Mas faz este milagre, Senhor. Eu sou tua escrava, porque assim o quero. Fá-lo, pela minha fé.

O Senhor não responde. Teresa espera, sem resposta. Levanta-se lentamente e sai, deixando a imagem só.

264. INT. CELA DE TERESA – DIA

Teresa dorme profundamente. Paula entra e sacode-a excitada.

PAULA

Madre, acorde! Acorde Madre.

Teresa levanta-se estremunhada. Paula ajuda-a a pôr o hábito e o véu.

265. INT. CLAUSTRO – DIA

Teresa entra a correr no claustro seguida por Paula. Debaixo das arcadas o casal Teixeira olha embevecido a filha, que joga à macaca. Ambos se prostram aos seus pés, agarrados à orla do hábito.

ESPOSA DE AMADOR

TEIXEIRA

(balbuciante)

Madre! É grande a misericórdia do Senhor!

AMADOR TEIXEIRA

Madre, digei, em nome do vosso Santo Cristo dos milagres, o que Ele pretende de nós! Nem que trabalhe toda a vida com o suor do meu rosto, nem que venda a minha casinha, tudo o que for servido a vosso Senhor eu lhe entregarei! Salvou a minha filha, madre Teresa da Anunciada!

Teresa ajuda marido e mulher a levantarem-se.

TERESA

(voz enfraquecida)

O Senhor não deseja nada de vós. Ide em paz com a vossa filha, pois a maior oferta que Lhe podíeis fazer já está no

Seu cofre: Confiastes Nele. Confiastes
mais do que eu.

A esposa devolve-lhe a capa do Senhor. Ambos beijam-lhe as mãos e saem com a
filha, pairando de alegria. Teresa fica a alisar a capa que lhe pende de um braço.

266. INT. NICHOS DO CORO BAIXO – DIA

Teresa coloca a capa sobre os ombros da estátua, compondo-a e ajeitando-a com
familiaridade.

TERESA

(tagarelando)

Senhor, não tenho palavras para Vos dar
graças... sou ínfima. Não sou digna de
Vós. Mas o meu amor cresce em cada
dia, perante a dimensão da Vossa
bondade, perante aquilo que operais
em mim. Exulto, na vossa glória.
Obrigada, Senhor.

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Hás-de cair e hás-de levantar-te, filha.
Numa vida humana há muito espaço
para isso.

Teresa senta-se no chão em frente à imagem e fica a olhá-la embevecida.

DA ANUNCIADA

5º EPISÓDIO

A PROCISSÃO

EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

A carruagem dos condes da Ribeira Grande chega debaixo de uma forte chuvada. As freiras, incluindo Teresa e a Abadessa, apinham-se à porta da portaria e olham para a carruagem parada debaixo da chuva.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Falecera D. Manuel, e D. José, que entretanto casara com a princesa D^a. Constança de Rohan, era agora o novo conde da Ribeira Grande.

ABADESSA CATARINA

(resmungando)

Era o que nos faltava. Daqui a nada os condes abalarão, com este tempo. E nós, com tudo preparado, nem os receberemos.

A chuva continua, ainda mais forte, fustigando a carruagem parada.

ABADESSA CATARINA

(autoritária)

Irmã Teresa, implore ao Santo Cristo que sustenha o mau tempo, em honra da visita de Suas Senhorias.

TERESA

(semblante carregado)

Não é Deus que tem que honrar os condes, mas sim o contrário. Além disso, não ousa pedir-Lhe por coisas de somenos, como a chuva.

ABADESSA CATARINA

Não ousa pedir-Lhe? Pensei que a ousadia era a sua força de carácter.

As duas freiras olham-se, numa medição de forças. Do coche, a condessa olha para a entrada da portaria. A chuva começa a abrandar e depois escampa. Teresa e a

abadessa olham para o céu, admiradas. As irmãs batem as palmas muito satisfeitas e correm para o coche. O cocheiro apressa-se a abrir a portinhola. D. José sai e dá galantemente a mão à esposa para ajudá-la a descer.

MADRE MARIA DA GLÓRIA

(rejubilando)

Viram Suas Senhorias? O nosso Santo
Cristo avagou o tempo porque vos quer
cá dentro. Entrai.

A Abadessa, impressionada, perde a iniciativa e deixa-se ficar à porta da portaria, esperando os condes que chegam. Teresa recupera do assombro e olha para o alto.

TERESA

(baixinho, divertida)

Isto fostes Vós ou a natureza? Eu cá não
pedi nada...

267. INT. REFEITÓRIO DO CONVENTO – DIA

Há MÚSICA NO AR. Um lauto buffet, extenso em doçaria, está posto sobre a mesa. Um grupo de freiras rodeia a condessa Constância Emília de Rohan, sentada ao centro de um conjunto de cadeiras dispostas, ladeada pela Abadessa, noutra cadeira, e pelo conde, do outro lado. A condessa vai conversando com simpatia e aceitando as iguarias que lhe trazem. Teresa aproxima-se com um prato de doces. O conde levanta-se e tomando-a gentilmente pelo braço, leva-a para o outro lado da sala.

D. JOSÉ

Madre, nunca tive ocasião de lhe
mostrar a minha gratidão pelo que fez
há alguns anos, em resposta à minha
carta. De tudo tenho sido informado e
asseguro-lhe que nunca alguém me
prestou maior serviço.

Teresa enrubesce incomodada.

TERESA

O que fiz, Sr. Conde, fi-lo por todos os
implicados e em nome do nosso Senhor,

que tudo acolhe. E até hoje, só tenho motivos para considerar que estive certa.

D. JOSÉ

É também a este respeito que gostaria de lhe pedir algo mais... algo que só a si confiaria.

D. José tira um sobrescrito da veste.

D. JOSÉ

(hesitante)

Peço-lhe que entregue esta minha... sabe...

Teresa empalidece e não faz um único movimento. Depois, mostra-se resoluta.

TERESA

(entre dentes)

Sr. Conde. Eu sou, enquanto serva de Deus, um mero instrumento, e enquanto pessoa tenho uma ascendência sobremaneira humilde, comparada com a sua. No entanto, não queira fazer de mim aquilo que nunca serei: uma alcoviteira. Jamais servirei de intermediária para um negócio destes.

D. José empalidece. Confundido, baixa a cabeça e guarda o sobrescrito na veste.

D. JOSÉ

Queira perdoar-me, soror Teresa. Não foi minha intenção. Queira, pelo amor de Deus, perdoar-me e considere este gesto o simples fruto de uma alma atormentada. É que continuo preso... esta minha incapacidade no passado...

Teresa fá-lo calar com um gesto da mão.

TERESA

Não quero ouvir, sr. Conde. E não se atormente. Fez mais nessa situação do que é costume na sua estirpe.

(meia pausa)

E em troca do que fiz, e do que continuarei a fazer por ser minha obrigação, peço-lhe, em nome da sua honra e dos seus sentimentos, que nunca mais procure fazer reviver o sofrimento em alguém que teve todas as esperanças destroçadas, e que aqui encontrou alguma paz.

A Abadessa levanta-se e dirige-se a eles. Teresa vê-a e estende o prato dos doces a D. José.

TERESA

E garanto-lhe que sejam quais forem as vossas aflições, o Senhor todo-poderoso as tornará mais suaves, se as entregar a Ele.

A Abadessa chega. D. José serve-se de um doce e prova-o com prazer.

D. JOSÉ

Hum!

Voltando-se para a Abadessa.

D. JOSÉ

Não há dúvida Madre Catarina. Os conventos são antros de perdição. Quem pode resistir a esta doçaria?

A Abadessa atrapalha-se. D. José pega noutro doce do prato que Teresa segura. D.^a Constança levanta-se e junta-se a eles.

ABADESSA CATARINA

Por Deus Vossa senhoria. Isto é apenas uma forma de honrar o Altíssimo.

D. JOSÉ

Pelo que eu ouço, aqui têm outra forma de honrar o Altíssimo. E cuja fama já chegou a suas Majestades na corte.

ABADESSA CATARINA

Ah sim, o Santo Cristo.

268. INT. CAPELA DO SSCM – DIA

Os condes quedam-se mudos e respeitosos em frente à Imagem. Teresa e a Abadessa estão mais atrás. A condessa continua a admirar a Imagem, mas o conde vira-se para a Abadessa.

D. JOSÉ

Madre, será uma honra patrocinar o convento no que for necessário. E em ajudar doravante no culto do Senhor Santo Cristo.

Teresa antecipa-se à Abadessa na resposta.

TERESA

De facto, vossa Senhoria, poderíamos usar uma das tapeçarias do seu solar, alguma que não lhe fosse já muito necessária, para cobrir o chão em frente ao Senhor.

A Abadessa deita um olhar fulminante a Teresa, mas D. José ignora-a.

D. JOSÉ

As tapeçarias do solar não são dignas do Senhor Santo Cristo. Trouxe de Lisboa uma tapeçaria italiana que parece ter sido destinada a esta capela.

D. José olha novamente a imagem em silêncio. Teresa interrompe-o.

TERESA

Desculpe Vossa Senhoria. Há outra coisa. Agora que a nova capela chegou ao término, gostaria muito que honrássemos o Senhor Santo Cristo com uma procissão, sob o vosso patrocínio.

D. JOSÉ

Certamente. Será uma honra para mim e para a condessa patrocinarmos essa homenagem ao Senhor Santo Cristo.

(sorrindo)

Além disso não me atreveria a contrariá-la, pois recordo-me que tem a mão ligeira, mas pesada.

D.^a Constança e a Abadessa olham ambas para D. José, intrigadas. Teresa enrubesce, muito atrapalhada.

TERESA

Sr. D. José...

D. José toma a esposa pelo braço e sai rindo. A Abadessa apressa-se a acompanhá-los. Teresa vira-se para a imagem e senta-se no chão à sua frente, na sua posição costumeira.

269. EXT. CLAUSTRO – DIA

PG PICADO. Um grupo de freiras atravessa o claustro em direção ao refeitório. A Abadessa entra vinda da portaria, num canto do claustro. Teresa entra de seguida vinda da capela do SSC, no canto oposto. Ambas caminham ao encontro uma da outra. Ainda antes de se aproximarem, a Abadessa fala.

ABADESSA CATARINA

(muito alto, agreste)

Madre Teresa, isso já passa dos limites. É uma ousadia que se tenha atrevido a empreender uma procissão desta envergadura sem licença da sua prelada.

(meia pausa)

E que soberba inaudita é essa que a faz inventar sempre novos modos de conciliar os ânimos dos seculares com as suas vontades, especialmente dos condes e dos poderosos?

As duas encontram-se no meio do claustro. A CÂMARA ao nível dos olhos, circula em volta delas, num movimento contínuo.

TERESA
(paciente)

Faço-o porque necessito de auxílio material para essas coisas, madre; a senhora conhece melhor do que ninguém a impossibilidade de as financiarmos sem a ajuda exterior. E porque elas são para a nossa religião. Não para mim ou para si.

ABADESSA CATARINA
Para a minha pessoa, não o seriam, com certeza, pois sinto que nutre por mim um ódio inexplicável, que cobre com desculpas de zelo pela religião.

TERESA
Eu não a odeio, madre, pelo amor de...

ABADESSA CATARINA
Que virtudes são as suas para vender por revelações do céu o que não passam de imaginações da sua errada fantasia? Que falta de humildade é essa?

(meia pausa)
Porque haveria de ser o arauto de Cristo entre todas as que aqui estão?

TERESA
Porque... não sei... porque o Senhor como que ...fala comigo, madre. Eu não o escolhi, mas assim é. Sinto-o.

ABADESSA CATARINA

Cuidado com o que diz, irmã Teresa! O Senhor não lhe falaria assim de forma tão simples e tão tola.

TERESA

Madre, acho... que o Senhor fala assim comigo... tenho pensado... fala comigo desse modo porque sou assim. O Senhor é tão perfeito que fala a cada qual do modo que ele poderá ouvi-Lo.

Quer dizer, não falaria à madre superiora desta forma, pois não é a sua natureza; não falaria assim a Sua eminência; nem a meu irmão Simão. No entanto, far-se-ia ouvir com a linguagem que têm, se estivessem prontos para ouvi-Lo.

ABADESSA CATARINA

Uma coisa vos concedo irmã Teresa! Vossemecê é esperta. Uma esperteza malina, artilosa, mas esperta.

A madre, firma nela o olhar. Teresa aperta os punhos atrás do hábito, para não explodir.

ABADESSA CATARINA

Mas aviso-a: Já todos aqui conhecem a sua natureza inquieta, com o qual nem pode viver, nem deixar viver em paz os outros. Mas se imagina que a comunidade há-de concorrer com alguma coisa para a procissão que inventou, defraudando a santa pobreza para servir os voluntários apetites de uma religiosa tão livre quanto desobediente, está deveras enganada.

(longa pausa)

Eu estou vigilante irmã, e farei tudo o que puder para que caia em falso e se

mostre como é. Algum destes dias os responsáveis pela nossa ordem perceberão o problema que têm em mãos, e que lhes cresceu como um tumor dentro do seu seio, sem que o pressentissem.

A Abadessa dá meia volta e sai com um passo cadenciado e marcial. Teresa fica só no meio do claustro.

270. INT. SEQUÊNCIA DE MONTAGEM – DIA/NOITE

CORREDOR – Teresa passa por duas freiras que não a cumprimentam e cochicham ao passar por ela, olhando-a de soslaio.

CANTINA – a Madre fala em conciliábulo com algumas freiras junto de si, olhando para Teresa. As outras deitam-lhe um olhar curioso de vez em quando. Algumas freiras sentadas junto dela, levantam-se e sentam-se mais longe, deixando-a isolada.

JARDIM – Teresa cuida das flores, auxiliada por Paula. As outras freiras não lhe dirigem palavra.

IGREJA – Teresa está sentada só, atrás. Várias freira olham para trás e murmuram entre si.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Com métodos de intriga palaciana, a Abadessa isolou e desacreditou Teresa na comunidade.

(pausa)

Tantos murmúrios e resistência ao seu redor começaram a minar-lhe, senão nunca a vontade, às vezes as certezas. E em alturas que a encontrava frágil e incauta, assaltavam-na dúvidas tremendas.

271. INT. CAPELA DO SSCM – NOITE

Teresa está sentada no chão na posição usual.

TERESA

(V.O.)

Quem és tu, Teresa? Criatura escolhida,
instrumento de Deus, ou ser
desmesuradamente ardente, feito de
arremessos insanos e teimosia cega, a
engendrar no mundo um meio de
prevalecer?

272. INT. CELA DE TERESA – NOITE

Teresa dorme agitada.

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Quando te pus eu na mão esta vara?
Quando ta deixei para que a zurzisses,
para que com gana vingadora a
brandisses e usasses? Quem és tu,
Teresa?

TERESA

(V.O.)

Sou a serva do Senhor.

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

E se fores, Teresa – tu, tão ignorante
que dificilmente te conheces – a espada
torta de um anjo negro, do Inimigo, para
semear a revolta e a discórdia, se fores –
pior ainda – apenas uma patética
mulherzinha num mundo de senhores, à
procura de vergar vontades, usando o
nome do Altíssimo?

Teresa abre os olhos e olha em redor da cela. Segurando a cabeça, soergue-se e
caminha para a porta em camisa de noite.

273. INT. CORREDOR DAS CELAS – NOITE

Teresa caminha às cegas na escuridão, apalpando as paredes.

274. INT. CLAUSTRO – NOITE

Teresa caminha na escuridão em direção à capela do SSC.

275. INT. CAPELA DO SSCM – DIA

Teresa abre a porta e arremessa-se ao chão, frente ao altar, os braços abertos, o corpo posto em imaginária cruz. Cruza as pernas e aperta-as ritmadamente.

TERESA

Quem sou eu, Senhor?

Continua a apertar as pernas ritmadamente e a sua respiração acelera-se enquanto interroga repetidamente, soerguendo-se um pouco nas mãos e arqueando o tronco para trás.

TERESA

(gemendo)

Quem sou eu, Senhor?

Com um GEMIDO final, ela abate-se sobre os braços arfando, desfaz o nó das pernas e CHORA convulsivamente, encolhendo-se toda numa posição fetal.

276. INT. COZINHA DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Grande rebuliço, com irmãs e serviçais afogueadas, ocupadíssimas: a mexer o açúcar para reбуçado num panelão, a amassar massa, a tender a massa, a pôr açúcar confeitiro nas queijadas da Vila.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Na semana da festa foi grande o rebuliço. Teresa colocou as cozinhas do mosteiro a fazer enorme doçaria para os convidados e dezenas de cartuchos de confeitos para distribuir nos dias de festa.

277. INT. PORTARIA DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

No chão dois barris, molhos de verdura, talhas de barro. UM HOMEM entrega à IRMÃ PORTEIRA um embrulho de pano, que o passa a uma SERVIÇAL. Entram TRÊS CRIANÇAS, e a irmã porteira estende-lhes um jarro de barro vidrado, donde tiram rebuçados que se põem a chupar, saindo felizes. Entra uma MULHER com uma cesta de ovos e duas galinhas amarradas pelos pés, a espernear e dar ás asas.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Na portaria atropelavam-se as ofertas e a madre porteira mais as serviçais do convento não tinham mãos a medir. Eram canadas de azeite, flores e panejamentos para a igreja, moedas e barris de vinho.

Brás do Rego entra ufano com oito círios ás costas.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Até o renitente Brás do Rego Quintanilha, ufano do sucesso que alcançara a irmã, se prontificou com oito tochas de cera para a comemoração.

278. EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Chove a cântaros. Ouve-se um CÂNTICO RELIGIOSO abafado pelo SOM DA CHUVA.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Mas a chuva voltara a cair, copiosa, sem mostras de abrandar.

279. INT. IGREJA DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

A igreja está apinhada de gente importante e bem vestida, FIDALGOS e BURGUESES ricos, PRELADOS e FREIRES importantes. No banco da frente, os Condes da Ribeira Grande.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Enquanto se cantavam as vésperas, na igreja já inundada de gente, com todos os brasonados de Ponta Delgada, a água corria a cântaros.

280. EXT. IGREJA DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Chove. As pessoas apinham-se no adro da igreja, debaixo da chuva.

281. INT. IGREJA DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Teresa, a Abadessa, os condes, fidalgos vários e dignitários religiosos estão prontos para sair. Através da porta vê-se a multidão à chuva.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

No dia onze de Abril, ao princípio da tarde, com todos os colégios reunidos, representantes seculares, civis e demais comunidades, Teresa solicitou que se começasse a formar a procissão.

ABADESSA CATARINA

É desvario! Vamos lavar-nos em água. Com toda a dignidade, claro. É o resultado da vossa teimosia.

TERESA

(exausta)

Madre, este ror de gente de toda a qualidade veio até aqui. O Senhor não os deixará. Basta que não vacilemos.

Resoluto D. José vira-se para os nobres e dignatários junto do andor.

D. JOSÉ

Vamos senhores.

D. José pega numa vara do andor e os outros imitam-no, avançando para a porta. Atrás deles segue Teresa. O andor franqueia a porta e a chuva para. Atrás das nuvens, o sol começa a despontar. Ouvem-se VÁRIAS EXCLAMAÇÕES: OBRIGADO SENHOR; MILAGRE; OH!. Enquadrada pela porta, Teresa vira-se para a Abadessa, ainda dentro da porta da igreja. O seu semblante preocupado abre-se num sorriso. Ergue o rosto na direção do sol que desponta, pondo a mão em pala e o seu peito incha de alegria.

282. EXT. CAMPO DE S. FRANCISCO – DIA

POV da Imagem do SSCM. A procissão progride lentamente em direção ao Convento dos Franciscanos. A ver passar o cortejo, GENTES DE TODAS AS CLASSES, desde rotos mendigos a gente da mais alta estirpe com a sua criadagem, sobressaindo as rendas translúcidas das damas, pespontando peitos cobertos de mantilhas, rostos cingidos por véus.

TERESA

(rezando V.O)

Todos nós finalmente Te reconhecemos
como o astro que És nas nossas
existências.

283. EXT. CONVENTO DE STº ANDRÉ – DIA

POV da Imagem do SSCM. A procissão progride lentamente.

TERESA

(rezando V.O)

Aqui está, consegui-o, Senhor, o meu
tributo: cumpri esta parte do
prometido; perdoa-nos pelas chicotadas
e os escarros de outrora. Perdoa-nos
pela falsidade de agora; perdoa-nos pela
prevaricação de todos os dias; perdoa-
nos pelo comodismo.
Tu és constância. E Tu sustentas-nos,
mesmo quando estamos esquecidos.

284. EXT. CONVENTO DA CONCEIÇÃO IGREJA DO CARMO – DIA

O cortejo passa em frente à igreja. Após a imagem, vêm os dignitários, fivelas de prata brilhantes, as damas bem vestidas e a fechar o cortejo, a guarda a cavalo, com o refulgir de armas recentemente polidas e os cascos dos cavalos a soar no pavimento empedrado.

TERESA

(rezando V.O)

Perdoa, Senhor, por continuarmos na ostentação de tudo aquilo que criamos. O que é a nossa criação perante a Vossa enormidade? Mas viemos pô-lo, ainda que só hoje, ao Vosso serviço, ao serviço da Vossa glória: é isto que dizemos. Ecce Homo; Homem porque Vos quisestes aproximar de nós; Deus, porque é da Vossa excelsa natureza.

285. EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Os SINOS TOCAM. O adro está cheio de gente de todas as classes que fazem alas para a imagem entrar. A imagem desaparece no interior da igreja enquanto as pessoas acenam com lenços brancos e as portas fecham-se.

FADE OUT

FADE IN

286. EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

As árvores estão em PRIMEIRO PLANO. As folhas verdes dos plátanos em frente ao convento amarelecem e caem e voltam a nascer verdes.

ABADESSA CATARINA

(V.O.)

Como sabemos irmãs, com o falecimento do nosso provincial, que Deus lá tenha, temos dois candidatos ao cargo: frei Agostinho de S. Francisco e frei João da Fé.

287. INT. REFEITÓRIO DA ESPERANÇA – DIA

A Abadessa está à cabeça da mesa e as freiras sentadas à volta.

ABADESSA CATARINA

Esta devia ser uma questão interna da ordem, mas com os ódios e dissensões que estalaram entre os partidários de ambos os candidatos, tem extravasado dos claustros e causado escândalo entre religiosos e seculares.

TERESA

(interrompendo)

A guerra pelo provincialato não nos diz respeito. Que temos nós com as bulhas dos frades? Encomendemo-los a Deus, que lhes dê paz e não nos importunem com as suas pretensões.

ABADESSA CATARINA

(ríspida)

Irmã Teresa, não decida em meu lugar quais os assuntos que merecem ou não ser discutidos nesta comunidade.

TERESA

(aborrecida)

Madre, porque pensa que tudo quanto faço é com vista a ofendê-la?

ABADESSA CATARINA

Engana-se, irmã... de facto, tenho a certeza de que tudo o que faz é com vista ao seu próprio proveito. Acontece que um tão grande egoísmo me ofende.

TERESA

Mas porque havia de procurar o meu contento nestas coisas? São orientações do Senhor, ou aquilo que penso que Lhe

agradará e servirá para a Sua glória. Só isso.

ABADESSA CATARINA

Para que quer o Senhor, explique-nos então, estes artefactos que barganha para Ele, como se fosse um boneco de feira?

TERESA

Quero-os eu, para demonstrar e firmar a Sua glória. E deveríamos desejá-lo todos, uma vez que O proclamamos nosso rei.

(curta pausa)

Tantas vezes já voltamos a isto, madre!

ABADESSA CATARINA

Explique-nos, pois, a mim e às irmãs, de que modo concorre para a glória de Deus o facto da senhora e os seus parentes estarem a encher os bolsos à custa do Seu tesouro?

Teresa arregala os olhos. Tentou falar mas sufoca. Finalmente articula, um tanto néscia.

TERESA

Tesouro?! Que tesouro?

ABADESSA CATARINA

Teresa da Anunciada, sacristã que sois da imagem do Santo Cristo, não me digais que suporíeis não ter eu, como abadessa deste convento, livre acesso a todas as suas contas.

Pois digo-vos que tenho estado a examinar os números; neste momento, o montante que tendes à vossa guarda e que com ardilosas habilidades conseguistes orientar os fiéis a depositar

num único saco, é o maior desde sempre, na história desta instituição. Aqui nunca ninguém enriqueceu, Teresa. Mas até este prodígio conseguistes. Sois rica.

A Abadessa sai do refeitório. A atmosfera fica carregada e as freiras permanecem imóveis, fixando Teresa em silêncio. Esta acerca-se da bacia de água, e numa raiva funda, atira-a contra a parede, espatifando-a em cacos e salpicos.

Após isso, Teresa sai no encalço da Abadessa. As freiras atropelam-se para não perderem a cena.

288. INT. CORREDOR – NOITE

Teresa vai no encalço da Abadessa.

TERESA
(vociferando)
Madre!

A Abadessa volta-se, espantada. Ficam ambas frente a frente, na estreiteza do corredor. As outras freiras formam uma mancha de véus escuros atrás delas.

TERESA
(muito alto)
Já que toca no assunto, o tesouro, como o chama, que está à minha guarda, será mais bem empregue no embelezamento do Senhor ou na ocorrência às aflições, do que naquilo que se emprega, até hoje, o dinheiro de que esta comunidade dispõe.

ABADESSA CATARINA
(melíflua)
Mas Teresa, nós fizemos voto de pobreza? Não temos quase nada... já que é tão abonada, porque não faz vossemecê esmolos?

TERESA

Eu nada tenho de meu. E a senhora não o ignora. Até da tença trimestral prescindi em favor Dele.

E infelizmente sei que, nem que houvesse o triplo naquela caixa, isso não seria o bastante para suprir a pobreza... para escolher quem beneficiar em vez de outros... e que ao fim de menos de um ano se esgotaria.

Mas a glória do Senhor é algo que posso levantar bem alto – e fá-lo-ei, de modo a que todos vejam: pobres e ricos, servos e senhores. Será um sinal da única grandeza que importa no mundo e essa sim, perdurará, confortando com esperança.

Teresa dá meia volta e caminha em direção às freiras que se acotovelam. Mas depois para e volta-se novamente para a Abadessa.

TERESA

(espumando)

E nunca, nunca madre, servirá para gastar em bolinhos e chás que se oferecem às senhoras, enquanto um ser normal e escoreito mas sem nome, não passa daquela grade.

Não servirá, para se agasalharem viajantes ilustres com toalhas de cambraia, enquanto pedintes ou crianças doentes jamais se deitarão nas nossas camas.

A Abadessa e as freiras estão petrificadas.

TERESA

(espumando)

E não servirá para saraus e comilanças. E vestir de brocado os filhos da nobreza, que se derramam nas procissões,

enquanto os pobres escutam de longe
as vozes de todas nós a cantar hossanas
naquela igreja!

Não darei uma pataca deste dinheiro
para confeitos para quem já tem a
barriga atulhada de doces; nem para
repastos dos nossos superiores e do
bispo, que saem desta casa mais cheios
que as luminárias de pendurar na rua,
ao ponto de explodir.

Não darei!

Teresa vira-se novamente e atravessa com brusquidão o magote de freiras
incrédulas, que se ficam entreolhando.

289. INT. CAPELA DO SSCM – DIA

Teresa entra de rompante, com ar transtornado, e senta-se no chão em frente à
imagem, num longo silêncio, finalmente quebrado pela Imagem.

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Uma vez mais Teresa, quando te pus eu
na mão esta vara? Quando ta deixei
para que a zurzisses, para que com gana
vingadora a brandisses e usasses?

Longo silêncio de Teresa, antes de responder.

TERESA

Porque não me criaste mais perfeita?

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Eu criei-te, Teresa. Criei-te, apenas. O
que tu serás nesta vida que
experimentas, a vida que eu te dei, fica
a teu cargo; não és o meu boneco.

TERESA

Mas... porque me escolheste, Senhor?
Porque me chamaste? A mim, se é tão
difícil?

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Enganas-te, Teresa: escolhi-vos a todos.
Há simplesmente alguns que Me
respondem mais cedo. E alguns, que por
muito que Me ouçam, abafam- Me com
ruídos.

Teresa fica em silêncio.

NARRADOR/SSCM/VOZ

(V.O.)

Teresa! És uma criatura de luz. Para a
luz te fiz Eu e prometo que a
conhecerás. Entretanto... vive.

290. EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

PG PICADO – O coche de D. José está à porta do convento. D. José caminha para a
entrada.

291. INT. PALRATÓRIO – DIA

D. José está sentado num cadeirão. Teresa entra e o conde levanta-se, apontando-
lhe um enorme ramo de flores e verduras sobre a mesa.

D. JOSÉ

Para alegrar o Santo Cristo.

TERESA

Obrigada. O Senhor agradece-lhe.

D. JOSÉ

Já ouvi que sua Majestade acedeu ao
pedido que dirigistes à rainha e que
doravante haverá uma tença anual de

doze mil reis para o azeite, para manter em permanência uma lâmpada junto ao altar.

TERESA

Sim, a rainha teve a grande bondade de interceder junto do rei, que nos concedeu essa graça. Mas não foi por isso que lhe pedi para aqui vir.

D. JOSÉ

Diga irmã.

TERESA

Estou...

(interrompe com um gesto)

Mas sente-se por favor, D. José.

Sentam-se ambos.

TERESA

Estou a angariar prata para mandar fazer um resplendor para a imagem. Mas será necessário um ourives à altura para executar uma peça digna do Santo Cristo.

D. JOSÉ

Compreendo. Como regresso brevemente a Lisboa, contactarei pessoalmente o melhor ourives da corôa para este empreendimento.

TERESA

Mas não será o seu trabalho demasiado caro para nós?

D. JOSÉ

(levantando-se)

Não se preocupe Madre. Angarie a prata, que eu trato do resto.

Teresa acompanha D. José à porta, e saem ambos, deixando a sala vazia.

292. INT. CORREDOR DOS DORMITÓRIOS – NOITE

Teresa entra e sai das celas em peditório de objectos de prata, TILINTANDO a saca onde se acumulam objectos metálicos.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Determinada Teresa lança-se na angariação da prata para o resplendor da minha Imagem. Por vezes, demasiado determinada, com era da sua índole.

TERESA

Irmãs, muitos nobres e comerciantes já nos fizeram muitas ofertas. E a Madre Jerónima do Sacramento enviou-nos dois grandes aneis e mais alguns talheres das irmãs do Convento de Santo André. Já não falta muito.

Teresa entra na cela de JOANA BAPTISTA e a CÂMARA APROXIMA-SE da porta.

TERESA

(V.O.)

Irmã Joana, que bela boceta de prata maciça que tendes. Dará um grande avanço para conseguirmos a quantidade de prata que necessitamos.

JOANA BAPTISTA

(V.O.)

Irmã Teresa, esta boceta tem para mim um valor sentimental, não a posso entregar.

ENQUADRAMENTO do interior da cela através da porta. O interior está na penumbra e apenas a boceta é bem visível.

TERESA

(V.O.)

Então maior valor terá o seu sacrifício
aos olhos do Senhor.

JOANA BAPTISTA

(V.O.)

Talvez possa contribuir com dinheiro no
valor da boceta.

TERESA

(V.O.)

Talvez... mas assim não será sacrifício,
pois não?

JOANA BAPTISTA

(V.O.)

Será a mesma coisa.

TERESA

(V.O. ameaçadora)

Esta boceta há-de entrar no resplendor
do meu Senhor, por bem ou por mal.

Teresa sai num rompante, atravessando o enquadramento.

293. EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – NOITE

PG do convento.

GRITOS DE DOR ABAFADOS.

VOZ FEMININA

(V.O.)

Venha irmã Teresa, venha.

294. INT. CELA DE JOANA BAPTTISTA – NOITE

Joana Batista contorce-se de dores na cama. Chega uma freira aflita com Teresa.

JOANA BAPTISTA

(contorcendo-se de dores)

Foi vossemecê que fez isto? Diga, irmã.
Pode dizê-lo.

TERESA

Madre Joana, as dores devem ter-lhe
atacado o bom juízo.

JOANA BAPTISTA

(contorcendo-se de dores)

Então foi o seu Senhor? Isto tudo é por
causa da boceta?

TERESA

Madre, não sei o que é isto. Só lhe
garanto uma coisa: bem pode ser a sua
consciência a avisar o seu corpo. E o
resto é consigo.

Teresa sai com uma expressão preocupada.

295. INT. REFEITÓRIO – DIA

Joana Baptista entra e em silêncio atira com a boceta para a frente de Teresa.

JOANA BAPTISTA

Bruxa vingativa.

Joana senta-se no extremo oposto da mesa. Teresa levanta-se em silêncio e sai
cabisbaixa.

296. INT. CELA DE TERESA – DIA

Teresa bate com a testa na parede, em lágrimas.

TERESA

Senhor, valei-me. Em que estou eu a
tornar-me? Valei-me Senhor.

Teresa acalma-se e senta-se na cama. Pega numa carta com o selo do conde da Ribeira Grande, quebra o selo e começa a ler. Na mesinha de cabeceira, a boceta de Joana Baptista.

TERESA

Venerável madre. Logo que pus os pés em terra fui tratar da incumbência que combinamos, da melhor forma possível, tal como a madre obrou da melhor maneira aquela que há anos lhe encomendei.

D. JOSÉ

(V.O.)

Assim, cheguei à fala com o ourives para ter uma ideia de quanto nos levaria pelo seu trabalho, uma vez que, tal como lhe disse, é o melhor artesão da côrte e nada sai de suas mãos sem que seja bem pago.

O homem disse-me que não podia ajustar os pormenores do trabalho naquela altura pois sua mulher encontrava-se num transe perigosíssimo, entre a vida e a morte, estando há três dias em trabalho de parto e a criança não progredia.

TERESA

Dei-lhe então uma das relíquias que me ofereceu, aconselhando-o a rezar ao Santo Cristo. No dia seguinte o ourives enviou-me mensageiro ao paço real, agradecendo sem limites à guardiã e ao Senhor, já que sua mulher e filho se encontravam a salvo.

Diz ainda que fará a obra, a mais bela que das suas mãos já saiu, sem levar nada pelo trabalho.

Seja tudo pela glória de Deus.

D. JOSÉ

(V.O.)

*Acabo de lembrar-me que talvez
pudesse enviar-me dois canários pelo
meu procurador. Um ofereceria ao rei,
como prenda da ilha, outro a este
ourives, que muito gosta de pássaros.
Encomendo-me, devoto do Senhor Santo
Cristo,
José Rodrigo da Câmara, conde da
Ribeira Grande.*

TERESA

(V.O. pensativa)

Canários?!

297. INT. PALRATÓRO DO CONVENTO – DIA

Teresa discute com o irmão Brás.

BRÁS DO REGO

Canários?!

TERESA

Sim canários. Sei que tens várias gaiolas
de canários em casa.

BRÁS DO REGO

E porque haveria eu de oferecer
canários, que bom dinheiro valem, ao
conde, que pode bem mais do que eu?

TERESA

Não é ao conde que estarás a oferecer,
mas sim ao Santo Cristo.

BRÁS DO REGO

Desculpe, irmã, mas pelo que sei já tem
posses para comprá-los. Por minha
parte tenho estima pelos meus.

Teresa contem-se uns segundos.

TERESA

(refervendo)

Brás do Rego, meu irmão. Será que nunca mudas? Julgas que por entornares cera nas procissões podes continuar o mesmo egoísta de sempre? Seu néscio! Se Deus fez os canários e toda a espécie de bichos com que te regalas, porque não podes oferecer dois canários para um assunto de Deus? Até apetece...

BRÁS DO REGO

(zangado)

Até apetece o quê, minha irmã? Desferir um golpe de vingança sobre mim? Como dizem que o fazes quando não acatam os teus pedidos?

Brás dirige-se para a porta.

BRÁS DO REGO

(despeito)

Poupa a tua peçonha irmã. Terás os canários. Até mais Teresa da Anunciada!

Brás do Rego sai e Teresa abate-se num cadeirão.

TERESA

(V.O. frustrada)

O que sou eu? No que me estou a tornar? Serei a bruxa que alguns acusam?

Fica abatida no cadeirão por um longo momento. Depois levanta-se e dirige-se à porta.

TERESA
(V.O.)

Não me posso dar ao luxo destes tremeliques. O Senhor precisa de mim. E os homens em geral não são fáceis. Porque haveria eu de o ser com eles, se as causas forem justas?”

Teresa atravessa a sala e sai, ficando a sala vazia por um longo momento.

298. INT. GABINETE DA ABADESSA – DIA

A Abadessa Catarina, bastante mais envelhecida, está sentada com FREI FULGÊNCIO, o visitador da ordem.

ABADESSA CATARINA
Verá por si mesmo eminência o brilho da avidez e da desobediência no seu olhar, tal como acaba de ver o tesouro impróprio que aqui tem acumulado. E diga-me depois se posso retirar-me das minhas funções com um tão grande fardo à espera de ser regularizado!

Batem à porta e Teresa entra.

TERESA
Mandou-me chamar Madre?

ABADESSA CATARINA
Sim, mandei Teresa.
(indicando Frei Fulgêncio)
Este é Frei Fulgêncio, o visitador da ordem, que tem a responsabilidade de fiscalizar o que se passa nos nossos conventos. E que está aqui precisamente por sua causa.

Teresa permanece de pé, imóvel. A abadessa levanta-se e anda à sua volta, com ar inquisitorial.

ABADESSA CATARINA

(continuando)

Já o pus ao corrente dos desvarios que aqui se passam e da insensata acumulação de riqueza que tem obrado em nome dessa imagem. Mas melhor do que eu, poderá a irmã explicar. Fale-nos do tesouro do senhor, fale-nos do resplendor que mandou executar. E do ceptro e da corda e da coroa que pretende encomendar. E não sei que mais. Fale-nos.

Teresa permanece calada. Sempre a circundá-la a Abadessa continua, esforçando-se por controlar as emoções.

ABADESSA CATARINA

(continuando)

Tanta ostentação, tanto ardor e orgulho, tanto... aparato!

Teresa continua impassível. A Abadessa limpa os lábios com um lenço rendilhado e vira-se para o visitante.

ABADESSA CATARINA

(abrasada)

Diga-lhe sua eminência. Diga-lhe.

O visitante pigarreia, com um ar calmo e magnânimo, um enorme anel de rubi num dedo. Levanta-se e começa a andar em volta de Teresa, como a abadessa.

FREI FULGÊNCIO

(benevolente)

Minha irmã! Esta vossa mãe amantíssima apenas a repreende, como é aliás de sua função obrigatória, para a trazer ao caminho da razoabilidade. O que é Deus? Um arremedo de festa? Uma mão cintilante de jóias, um ceptro? O que é Deus? Uma capa bordada?

Aquela imagem de madeira com quem
palrais todo o dia?

O visitador tira uma caixinha de rapé em prata e cheira uma pitada de rapé em
cada narina.

FREI FULGÊNCIO

(benevolente)

Não, minha irmã. Deus é humildade e
sofrimento. Deus é a redenção dos
pecadores e a esperança dos pequenos.

O visitador guarda a caixa no bolso do hábito e retira de lá um lenço bordado,
assoando-se ruidosamente. Teresa olha para ele impaciente. A Abadessa senta-se.

FREI FULGÊNCIO

(benevolente)

Daremos razão destes despropósitos à
vossa índole, que haveis de domar, à
vossa ansiedade na religião. Mas deixai-
vos guiar e encontrareis Deus
verdadeiro sem estes devaneios.

O visitador senta-se.

ABADESSA CATARINA

Sem estes caprichos indecentes!

De olhos ardentes e faces escarlates, Teresa é tomada por emoções incontroláveis.

TERESA

(muito alto)

Eu sei o que é Deus! Deus é um feixe de
luz, um espírito, um sol que escalda.
Deus é muito além de mim, da nossa
abadessa e, perdoe-me, de vossa
eminência. Deus faísca!

(baixinho)

Mas Deus quis vir ao mundo numa
forma de homem, como se dissesse: “Eu
estaria disposto a ser o mais humilde, o

mais terno, o mais perseguido e o mais ensanguentado de entre vós, só para estar junto de vós. E vós, o que estaríeis dispostos a deixar-me ser, a ceder, se assim Me mostrasse?”

Teresa dá uns passos na direção do visitante e da abadessa, que petrificada, leva a mão à boca num gesto de receio.

TERESA

(continuando)

Pois vós só estais dispostos a conceder-Lhe açoites, chagas, escarros e humilhações. É nisso que gostais de falar. Só Lhe admitistes uma cruz. É só esse o Deus que aceitais entre nós, santo padre.

(pausa)

E eu... eu tenho o sonho de restituir-Lhe o brilho entre os homens, que vejam o caminho longo que desceu, porque assim o quis, na Sua majestade.

Teresa senta-se junto deles, exausta, mas muito mais serena.

TERESA

(continuando serenamente)

Onde está o poder do Senhor, se vós nunca o admitistes entre nós? Sempre que quero falar em o Senhor ser grande, atalhais logo: “O Senhor não é isso!” Se o meu Deus for brilho e majestade e fulgor e grandeza também, para além daquilo em que se quis tornar por amor dos homens; se o meu Deus for às vezes justiciero e vos mostrar a responsabilidade por tantas traições, por tantos horrores, se Ele for isto, não O reconheceréis?

(pausa)

Reconhecê-Lo-eis no poder que possui e
que vos ameaça, nem eu sei porquê?

Cai um pesado silêncio. A abadessa, abana-se com o lenço estupefacta. Sua eminência fita Teresa intensamente, assombrado. Subitamente apavorada do que dissera, Teresa levanta-se, faz um leve aceno com a cabeça e sai a correr, deixando os dois religiosos em silêncio por um longo tempo. O visitador mexe-se na cadeira desconfortável. A Abadessa quebra o silêncio.

ABADESSA CATARINA

Devemos escrever para o bispo. Talvez
Sua Eminência...

O visitador sai do seu torpor.

FREI FULGÊNCIO

(cortanto)

Não!

(mais baixo)

Quereis na verdade chamar mais a
atenção sobre o que aqui acontece?
Quereis perguntas e um inquérito e
entretanto uma avalanche de gente e
esta... esta freira quase santificada?

ABADESSA CATARINA

(benzendo-se)

Deus nos livre!

FREI FULGÊNCIO

Pois é o que tereis se derdes azo à sua
teimosia. Pois vejo que embora pouco
letrada ela arranjou-se com o dom da
fala, raciocina rápido, argumenta. E tem
os crentes do seu lado... temos que ser
igualmente firmes. Aludiremos, talvez, a
uma expulsão da ordem, na conversa
que procurarei ter com ela, mas trá-la-
emos com calma.

ABADESSA CATARINA

É que... perdoe-me o Senhor, mas falta-me já a paciência.

FREI FULGÊNCIO

Eu calculo, madre.

ABADESSA CATARINA

Vamos por um caminho perigoso, padre.

FREI FULGÊNCIO

Senhora abadessa, os dados estão lançados. Tenho sabido do corrupio de gente à sua porta. Tenho ouvido... guarde-nos Deus... tenho ouvido por estas ilhas fora sobre milagres a acumularem-se. Não mexamos num vespeiro, ou ele virar-se-á contra nós.

O visitador fica pensativo por uns momentos.

FREI FULGÊNCIO

Apaziguemos.

E eu farei um relatório para as alturas, a dizer que as coisas permanecem sob observação, que o povo empola tudo. Quanto a si, continue a reger com mão firme mas evite o conflito. Nunca o escândalo.

ABADESSA CATARINA

É o que tenho tentado, mas...

Frei Fulgêncio levanta-se e estica-se.

FREI FULGÊNCIO

Falarei de novo com ela.

A abadessa levanta-se também.

ABADESSA CATARINA
A sua bênção, eminência.

Frei Fulgêncio faz o sinal da cruz e estende-lhe a mão com o anel, que a abadessa beija respeitosamente. O visitador sai e a abadessa senta-se à secretária, abatida.

299. INT. CAPELA DO SSCM – DIA

Teresa ajoelha-se.

TERESA
(V.O.)
Quem sou eu Senhor?

NARRADOR/SSCM/VOZ
(V.O.)
Quem és tu Teresa?

TERESA
(V.O.)
Senhor, estarei a tornar-me numa bruxa vingativa? Que natureza esta é a minha? Orientai-me senhor.

NARRADOR/SSCM/VOZ
(V.O.)
Tem fé em mim Teresa! Tem fé em ti!

Teresa fica em silêncio perante a imagem por um longo tempo.

300. EXT. PONTA DELGADA – DIA

A terra treme. Caem empenas de casas.

301. INT. SANTA CASA DA MISERICÓRDIA PONTA DELGADA – DIA

SALÃO NOBRE

O PROVIDOR DA MESA afasta a cadeira e levanta-se.

PROVEDOR

Este ano de mil setecentos e treze não
há-de ir-se sem que deixe nefastas
memórias.

O provedor, e os outros DOIS VOGAIS DA MESA, sorumbáticos, dão precedência
uns aos outros na saída do salão. Novo abalo quando saem.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Abril estava empapado. Um sol doentio
de uma quentura desacostumada
alternava hora a hora com as chuvas. Os
abalos de terra tinham começado leves,
espaçados, mas agora o chão tremia o
dia inteiro, como se se preparasse para
um mal maior.

302. EXT. PONTA DELGADA – DIA

SEQUÊNCIA DE RUAS

Os três homens da Santa Casa da Misericórdia vão batendo a várias portas e
engrossando as suas fileiras. O conde e outros notáveis juntam-se. Burgueses e
povo também, num cortejo acabrunhado e mudo, que engrossa a cada esquina, na
direcção do convento da Esperança. UMA SENHORA com aspecto nobre assoma a
uma varanda, toda coberta com um véu de renda negra, a voz um pouco estridente
numa súplica.

SENHORA

Senhores! Estão aqui várias senhoras a
rezar uma ladainha! Aguardai que
também vamos.

303. EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – NOITE

A terra treme. SOM DA LADAÍNHA DAS FREIRAS A REZAREM O TERÇO. O cortejo
enche o adro da igreja da Esperança.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

O que havia sido iniciativa de alguns notáveis, rapidamente se transforma no movimento de todos.

304. INT. IGREJA DO CONVENTO DA ESPERANÇA – NOITE

As freiras rezam o terço. HÁ UM FORTE BATER na porta da igreja e BRADOS do exterior. A Abadessa vai abrir. Em delírio, o povo encabeçado pelos notáveis aglomera-se à porta. A Abadessa afasta-se e deixa entrar os notáveis. As freiras continuam ALTO NA LADAÍNHA, levantando-se e aglomerando-se junto à porta, em volta da Abadessa e dos notáveis. O povo no adro da igreja junta-lhes a sua voz na LADAÍNHA. Os notáveis conferenciam com a Abadessa e Teresa. Depois os notáveis afastam-se para o coro baixo. Com um gesto, a Abadessa manda abrir as portas, o que as freiras cumprem de imediato. As freiras abrem alas para se ver o andor com a imagem do Senhor Santo Cristo.

Ouve-se um BRADO UNÍSSONO DO POVO no adro. Diversas vozes pedem MISERICÓRDIA e CLEMÊNCIA. Através da porta da igreja vêem-se alguns populares a CHORAR. Um BALBUCIAR DESCONEXO vem da multidão.

D. José tira o chapéu e descalça as botas. A sua comitiva e os restantes notáveis fazem o mesmo. As senhoras retiram todos os ornamentos.

D. José sustem um dos lados do andor, e os três mesários os restantes. O andor avança pela porta e a multidão abre alas, ajoelhando-se à sua passagem. Teresa e a Abadessa seguem logo atrás do andor e os notáveis e as SENHORAS a seguir, seguidos pelas freiras. O POVO começa a fechar alas incorporando-se no cortejo, logo atrás das freiras. Os FLAGELANTES vêem no fim. Duas freiras mais idosas fecham as portas da igreja sobre o cortejo.

305. EXT. CONVENTO DE SÃO FRANCISCO – DIA

A procissão passa no Campo de S. Francisco, em frente à igreja do convento, na ordem porque se formara na igreja da Esperança. Os mesários e o conde carregam o andor com a imagem, seguidos por Teresa e pela Abadessa. Atrás delas, os notáveis e as senhoras, e depois o povo, com os flagelantes a fechar a procissão. Vão todos e todas de pés descalços. A multidão CANTA "Misere mei Deus" e os flagelantes GEMEM e GRITAM. No meio dos seus gritos ouve-se por vezes

PERDOAI-NOS SENHOR, MISERICÓRDIA, CLEMÊNCIA e MEA CULPA SENHOR. Um CORDÃO DE GENTE assiste à procissão e junta-se-lhe à maneira que passa.

306. EXT. CONVENTO DA GRAÇA – DIA

A procissão passa no largo da Graça, em frente ao convento.

307. EXT. CONVENTO DE SANTO ANDRÉ – DIA

A procissão passa pelo convento quando um novo abalo se faz sentir com um forte RONCO. A Imagem oscila e cai no chão. Ficam todos imobilizados em puro terror. Teresa corre para a Imagem e limpa-lhe a poeira do rosto com a ponta do hábito. Os notáveis mais próximos apressam-se a levantá-la e repô-la no andor. Um notável grita.

NOTÁVEL

Está intacta. A imagem do senhor está intacta.

Da multidão sai uma VOZ.

VOZ NA MULTIDÃO

Milagre!

Os flagelantes que incorporam a procissão martirizam-se mais. Os fieis gritam.

FIÉIS NA MULTIDÃO

Senhor, suspende a tua vingança! Mea culpa! Mea culpa senhor.

Outras vozes gritam a descompasso: PERDOAI-NOS SENHOR; MISERICÓRDIA; CLEMÊNCIA; MEA CULPA SENHOR.

Os flagelantes redobram o seu castigo. Maceram a carne do peito e das costas com pequenas pedras aguçadas amarradas a tiras de couro e cordas enoveladas, dando sobre si desapiedados golpes, regando a terra com sangue.

FLAGELANTES

(brados de dor em dissonância)

Suspende Senhor, a Tua vingança,
embora saibamos o quanto ela é justa,
por causa dos nossos grandes pecados!

FLAGELANTES

(brados de dor, em dissintonia)

Perdoa-nos os nossos pecados!

Assustada Teresa vira-se para a Abadessa.

TERESA

(protestando)

Não é esta a face do Cristo, Madre.

A Abadessa coloca-lhe a mão no antebraço, a serená-la.

ABADESSA CATARINA

Cada um sabe o tamanho do seu
pecado.

TERESA

Madre, como pode o divino Senhor
desferir a vingança? Ele que é o nosso
refúgio, o socorro na nossa aflição?

ABADESSA CATARINA

(com serenidade)

E quem somos nós para saber toda a
extensão do poder de Deus, assim como
as formas que Ele toma?

(pausa)

Se o mundo precisa de purificar-se,
devemos tomar parte neste voto de
perdão.

(num gesto para os flagelantes)

Quanto àqueles... cada qual sabe a
extensão do pecado que vai na sua
alma.

Teresa cala-se por alguns momentos, mas depois vira-se para a Abadessa.

TERESA

Mas o trabalho do Senhor é a criação.
Não estes urros e despautérios...

ABADESSA CATARINA

Não julguemos o modo como cada um
se relaciona com Cristo Redentor.

Teresa baixa a cabeça e segue em silêncio.

308. EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

PLANO GERAL do convento.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

A igreja não sabia ainda o que fazer com
o fenómeno galopante do Senhor Santo
Cristo e da sua professa, Teresa da
Anunciada.

DISSOLVE

309. EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – NOITE

PLANO GERAL do convento.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

E enquanto esperava para ver, convinha
acima de tudo manter a cautela.

310. INT. GABINETE DA ABADESSA – DIA

A Abadessa Madre Catarina do Espírito Santo escreve à secretária.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Acabava-se o ministério da Madre
Abadessa Catarina do Espírito Santo,
antiga Irmã Rouxinol, que já não

conseguia enganar por mais tempo as moléstias que se agravavam com a idade.

DISSOLVE

311. INT. GABINETE DA ABADESSA – DIA

A nova Abadessa MADRE LUÍSA DE SÃO BRÁS escreve à secretária na mesma posição que a antiga Madre.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Após recusa de Teresa para o cargo, foi eleita para o seu lugar a Madre Luísa de São Brás, mais prudente e diplomática.

312. INT. CELA DA MADRE CATARINA DO ESPÍRITO SANTO – NOITE

A Madre Catarina está na cama, doente, olhos fechados, cabelos brancos sem touca e ar muito envelhecido. Teresa entra e senta-se à sua cabeceira. Coloca-lhe a mão na fronte. Ela abre os olhos e sorri, numa mistura de sarcasmo e cansaço.

ABADESSA CATARINA

Madre Teresa da Anunciada. Vindes trazer-me as melhoras, pela mão do vosso Senhor?

TERESA

Rezo por si, madre. Creia. Todos os dias.

ABADESSA CATARINA

Eu acredito no Senhor, Teresa. Em si é que nunca pude crer.

Teresa pega-lhe na mão.

TERESA

(sincera)

Madre, apesar de tudo, a sua direcção faz-nos muita falta.

(pausa)

Afinal, somos mais semelhantes do que diferentes. Ambas lutadoras, ambas obstinadas, ambas com grande amor à lei de Cristo. Na nossa constante medição de forças houve simplesmente um entendimento diverso dessa lei, e formas de viver diferentes.

Catarina do Espírito Santo fecha os olhos sorrindo, e aperta a mão de Teresa na sua.

313. INT. CORO BAIXO – DIA/NOITE

TRAVELING IN com ZOOM OUT para a Imagem na Capela nova.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Teresa continuou sempre a lutar para o enobrecimento e brilho da minha Imagem, dotando-a dos símbolos de riqueza e dignidade que julgava apropriados à natureza divina da minha pessoa, a quem chamava de meu Fidalgo, meu Senhor.

314. EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA/NOITE

PG do convento de dia. A LUZ vai diminuindo até ser noite.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Sucederam-se os milagres, ou pelo menos a sua fama, o que ajudou a que chovessem as doações e ofertas de gente tão díspare como a rainha D^a Maria Ana de Austria, esposa de D. João V, a condessa da Ribeira Grande e inúmeros populares anónimos.

315. INT. CAPELA DO SSCM NO CORO BAIXO – DIA/NOITE

Teresa, bem mais envelhecida, está sentada em frente à Imagem na sua posição habitual.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Teresa nunca vacilou na sua fé, mas por vezes interrogava-se do propósito de tudo isto.

TERESA

Foi para isto? Para mostrardes o Vosso poder e a Vossa bondade, aos homens já esquecidos? É este o meu papel? Porquê comigo? Porquê agora?

316. INT. IGREJA – DIA

As freiras estão em fila para a comunhão. Paula do Espírito Santo comunga. Alguns lugares atrás na fila, Teresa comunga também.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Mas nada disso alterou a índole justa, teimosa e por vezes irascível de Teresa.

Ostensivamente, a Irmã Maria dos Anjos recusa a hóstia e sai da fila. As freiras murmuram em BURBURINHO.

317. EXT. CLAUSTRO – DIA

Sob a luz da tarde, irmã Maria dos Anjos, CATARINA DO CÉU, MADRE ROSÁRIO, MADRE MARGARIDA e outras freiras bordam corporais.

MARIA DOS ANJOS

Paula do Espírito Santo entrou para esta casa vai para muito tempo, vinda não se sabe de onde. Trouxe uma tença, apesar de todos saberem que não tem eira nem beira, neste mundo. E goza da

protecção da madre Teresa, o que lhe vale um salvo-conduto por tudo o que é lado, aqui dentro.

CATARINA DO CÉU

É óptima com os remédios e as ervas...

Maria dos Anjos com um sorriso maldoso e misterioso.

MARIA DOS ANJOS

E nunca vos perguntastes porquê?

CATARINA DO CÉU

Veio muito nova e a madre Teresa incentivou-a a cuidar do herbário, na horta...

MARIA DOS ANJOS

Sim, mas porque já sabia... que tem dotes de bruxa...

Todas as presentes descansam os trabalhos no colo, com a ânsia de ouvir as novidades.

MADRE ROSÁRIO

(avisando)

Goza grande estima por parte de soror Teresa. Creio que é sua confidente.

Maria dos Anjos inclina-se para as outras, que se inclinam para ela. Só Maria do Rosário se mantém fora desse círculo.

MARIA DOS ANJOS

É que a pequena, antes de vir para aqui não era só bruxa...

A irmã Catarina benze-se.

CATARINA DO CÉU

Valha-me Deus! E então?

MARIA DOS ANJOS
(com prazer)
Era a amásia do conde! –

AS FREIRAS
(guincho em uníssonos)
Do conde?!

As freiras inclinam-se para trás escandalizadas. MADRE MARGARIDA inclina-se para Maria dos Anjos.

MADRE MARGARIDA
(sussurro)
De sua senhoria?

MARIA DOS ANJOS
(satisfeita)
Do próprio D. José Rodrigo da Câmara. E
penso que já prometido.

Maria dos Anjos volta ao bordado fingindo desinteresse pelo assunto. Madre Margarida tem um afrontamento.

MADRE MARGARIDA
(balbuciando)
Pelas chagas do Senhor Santo Cristo! E
esta mulher aqui, entre nós... por toda a
parte, a tocar nas coisas...

CATARINA DO CÉU
E sua senhoria em visitas! Será que...

A madre Maria dos Anjos encolhe os ombros, numa dúvida. Bordaram e coseram uns segundos quietas. Maria dos Anjos pousa a agulha.

MARIA DOS ANJOS
(indignada)
Por isso, desde que sei o que vos conto,
não comungo quando aquela criatura
estiver a assistir ao serviço religioso. É
uma afronta e uma conspurcação. E que

me venha perguntar o padre. Estou à espera.

Maria dos Anjos volta ao bordado, seguida pelas outras.

318. INT. IGREJA – DIA

As freiras estão na fila para a comunhão. Paula comunga. Muitas freiras saem da fila quando chega a sua vez, recusando a hóstia perante o ar admirado do padre. Teresa está vários lugares atrás de Maria dos Anjos, que recusa ostensivamente a hóstia e regressa, caminhando em direção a Teresa, cabeça levantada.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Durante a semana seguinte, sempre que Paula do Espírito Santo estava presente a uma missa, engrossava o número das que se escusavam à comunhão. Inevitavelmente Teresa acabou por ficar ao corrente do motivo, que lhe doeu duplamente: por ser uma falta de caridade e por ser impetrado contra alguém que aceitara sofredamente um destino que não escolhera.

(meia pausa)

E Maria dos Anjos estava cada vez mais acintosa.

Maria dos Anjos passa por Teresa, deitando-lhe um olhar provocador. Teresa agarra-a firmemente por um braço.

TERESA

(sussurro)

Ide comungar madre. Ou haverá grande escândalo, sem motivo.

Maria dos Anjos abana a cabeça em sinal de negativa. Teresa fecha os olhos por um momento, como se tomada por uma vertigem, e quando os abre, desfere na outra uma sonora e violenta bofetada.

TERESA
(muito alto, rouquidão cava)
Vai comungar, Maria. Que a única coisa
que te impede é Satanás.

Perante a estupefacção de todos abandona a igreja.

319. INT. CORO BAIXO/CAPELA DO SSCM – DIA

Teresa está prostrada diante do Senhor. Levanta-se com dificuldade e recua devagar, de frente para a imagem.

TERESA
(contrita)
Perdoa-me Senhor. Perdoa-me este
meu temperamento.

Ela mantém os olhos suspensos do olhar Dele.

NARRADOR/SSCM/VOZ
(V.O. – suave)
Disse-te que amasses os homens; não te
disse que fosses complacente com as
faltas. Eu amo os homens. No entanto,
não passo em branco os seus erros.
Haverá um amanhã; acredita, Teresa. E
os justos serão recompensados.

Mantendo os olhos no olhar Dele, Teresa ajoelha-se, em lágrimas.

320. EXT. CONVENTO DE SÃO FRANCISCO – DIA

Tocam os SINOS. A procissão passa no Campo de S. Francisco, em frente à igreja do convento dos franciscanos, na ordem costumeira. Os notáveis da ilha carregam o andor com a imagem, seguidos por Teresa e pela nova Abadessa. Atrás delas, outros notáveis e as senhoras, e depois o povo. Um cordão de gente assiste à procissão.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

O culto da minha Imagem consolidou-se, e a festa e procissão do Senhor Santo Cristo dos Milagres tornou-se no maior evento religioso anual na ilha de S. Miguel.

321. EXT. CONVENTO DA GRAÇA – DIA

A procissão passa no largo da Graça, em frente ao convento.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

A importância do culto à volta da minha imagem trouxe a Teresa grande influência. O convento devia-lhe a celebridade que ganhara. Os superiores reconheciam o poder implícito que, com a sua obstinação, ela convocara. Mas dentro da religião, sobretudo, ela era mais temida do que amada.

322. EXT. CONVENTO DE SANTO ANDRÉ – DIA

A procissão passa pelo convento de Santo André.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

A sua intervenção era solicitada para os mais díspares assuntos, por vezes mesmo em assuntos do século.

323. EXT. CONVENTO DA CONCEIÇÃO/IGREJA DO CARMO – DIA

A procissão continua a passar.

324. INT. GABINETE DA ABADESSA – DIA

O PRINCIPAL da ordem está de pé, estático. A Abadessa Luísa de S. Brás está sentada à sua secretária. Teresa está sentada numa cadeira.

TERESA

Mas, eu?! Caríssimo padre, eu sou uma criatura de Deus e não deste mundo. Não tenho capacidade, nem me interesse por tais coisas.

PRINCIPAL

Mas já fez petições, ou fê-las a madre Jerónima, que Deus a tenha, a seu pedido. Conseguiu do monarca uma tença anual para o azeite. E da rainha, uma magnífica capa para o Senhor.

TERESA

Sei cá como se faz um documento destes.

PRINCIPAL

Irmã, decerto não pode ficar alheia ao sofrimento do nosso povo. As misérias multiplicam-se, agravadas pela doença que atingiu tantas casas. O jugo desse imposto sobre o açúcar tem sido insuportável.

TERESA

(suspirando)

Toda a vida tenho pedido. Posso dizer que a minha grande obra consagrada ao Senhor tem sido pedir em nome Dele ou a Ele próprio.

(pausa)

E... no entanto... não é curioso, vossa paternidade?... Não sei como se faz uma petição!

PRINCIPAL

Quanto a isso certamente não haverá problema. Eu próprio ou a Madre Abadessa poderemos redigir a carta. Mas necessitamos que a petição tenha o

patrocínio do Santo Cristo, em nome dos povos.

TERESA

Bem, se é para aliviar as misérias dos povos, vossa paternidade pode contar com o patrocínio do Santo Cristo nessa petição.

325. INT. CAPELA DO SSCM NO CORO BAIXO – DIA

Teresa e o inglês SIR EDWARD BOLD contemplam a Imagem.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

A fama de Teresa e do culto à minha Imagem atraíam não só crentes, mas também não crentes, como Sir Edward Bold, cientista inglês de passagem pela ilha.

326. EXT. CLAUSTRO – DIA

Teresa e o inglês sir Edward Bold atravessam em passo lento o claustro, em direção à portaria, parando algumas vezes para conversar melhor.

SIR EDWARD BOLD

(sotaque inglês)

Madre, a Imagem nada me diz. O que me trouxe aqui foi a curiosidade em conhecer uma mulher de tal força espiritual, que logrou atingir a mente de tantas pessoas, apoiada apenas numa ideia e numa representação.

(pausa)

Interessam-me as questões da matéria, mas estudo também o alcance que as emoções têm no comportamento humano.

TERESA

Entendo então que, resumindo, não crê?

SIR EDWARD BOLD

(sotaque inglês)

Não, não creio. Considero mesmo que a religião é uma forma de subjugar energias e qualidades que poderiam ser utilizadas para obrar coisas de grande utilidade.

TERESA

Mas, caro senhor, posso garantir-lhe que esta imagem tem obrado mais pelos homens do que muitas outras acções. Eu acredito na misericórdia de Deus e procuro transmiti-la aos que aqui vêm, para que, sejam quais forem as suas aflições, possam ganhar energia e vontade para prosseguir com as suas vidas.

SIR EDWARD BOLD

(sotaque inglês)

Madre, todas estas coisas são, a meu ver, o que o próprio homem inventa para mais se enredar em labirintos: vivem a procurar justificações onde elas não existem ou onde a explicação seria muito mais simples. Os homens são vítimas de si mesmos, esta é a verdade.

TERESA

Neste ponto concordamos. Os homens são vítimas de si próprios. Mas algo há no caminho, que os pode redimir da sua natureza tão precária.

SIR EDWARD BOLD

(sotaque inglês)

E repare. É um engano fazê-los acreditar que existe salvação para a maioria das situações em que se encontram. Por exemplo, as calamidades que assolam estas ilhas vulcânicas. São irremediáveis, pois provêm da força da natureza; o jugo económico a que estarão sempre sujeitos, como súbditos de Sua majestade. É irremediável, pois esta é a ordem natural e social das coisas.

TERESA

Pois eu vejo que viver nestas ilhas é uma bênção. Somos favorecidos pelo esplendor da natureza, pela possibilidade de conhecer o mar e a terra nos seus limites, de usufruir da abundância da terra que responde rápido quando é semeada, de testemunhar a multiplicação constante dos animais e dos frutos, de termos braços para trabalhar e olhos e ouvidos para ver e escutar...

SIR EDWARD BOLD

(rindo; sotaque inglês)

A senhora não é uma mulher de religião, mas sim uma optimista por natureza; faria tudo isso sem a ajuda de Deus, madre; o seu trunfo é o seu carácter, como muito bem me parecia. E lamento vê-la aqui desaproveitada, quando haveria muito mais...

TERESA

(cortando rápida)

Engana-se. A minha força vem do Senhor! Sem ela, ficaria a dúvida, a hesitação, a improbabilidade. E

lamento-o muito mais a si, se mo permite, pois sem nenhum tipo de fé, está preso ao chão que pisa e nunca poderá voar alto.

SIR EDWARD BOLD

(sotaque inglês)

Curioso! O que são amarras para uns, tornam-se asas para outros. Não posso negar-lhe que, de facto, não me compadeço de mim nem da humanidade. Conheço os fenómenos, investigo-os, mas não tenho ilusões quanto ao futuro da humanidade. Aquilo que acalento nunca me decepcionará.

TERESA

Mas deste modo, Sir, a sua vida já é uma desilusão constante, pois não sabe para que foi feito, não possui um propósito.

SIR EDWARD BOLD

(sotaque inglês)

Não sei, é certo, nem espero que algo acima de mim, que eu não vejo, me salve. Mas trabalharei eu mesmo para a minha sobrevivência.

TERESA

Sobreviver não é ser feliz, nem sequer esperar pela felicidade. Deus não nos criou para que aprendêssemos a sobreviver apenas. Isso fá-lo-íamos com o engenho. Criou-nos para que caminhássemos ao encontro da felicidade.

SIR EDWARD BOLD

(sotaque inglês)

E o que espera encontrar ao fim deste caminho? O que será para si a felicidade?

TERESA

Ainda não o sei, por completo, ainda não terminei a jornada. Mas a certeza de que ela existe tem-me feito mexer os pés, pode acreditar. Será algo como o preenchimento absoluto; estar tão repleta que nada mais me falte, nada caiba em mim e, nesta vida, olhar para trás e rejubilar cada vez mais e lamentar cada vez menos. Saber que não é este o fim; que não existe um fim nem uma despedida. Crescer, apenas. Penso que fui uma eleita porque gostei de viver e anseio pelo que se segue. E o senhor?

SIR EDWARD BOLD

(risonho e pensativo; sotaque inglês)

Não sei, madre. Mas posto desta forma, quase que sinto inveja de si...

PG PICADO Teresa e o inglês chegam ao canto da portaria. O inglês despede-se, tomando as mãos de Teresa nas suas e beijando-as de leve, com uma ligeira e respeitosa vénia .

327. EXT. CONVENTO DA ESPERANÇA – NOITE

PG do convento.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Estava-se em 1738 e a vida terrena de Teresa da Anunciada aproximava-se do fim.

328. INT. CELA DE TERESA – NOITE

Teresa está na cama. À cabeceira UM MÉDICO observa-a, apalpando-lhe a barriga. OUTRO MÉDICO de pé olha a paciente. Paula um pouco mais atrás segue o trabalho dos físicos. A seu lado a Abadessa Luísa.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Desde Fevereiro que um fastio mortal se instalara. E a dor de estômago que sofria periodicamente há já uma década não mais a abandonou. Depois surgiram por todo o corpo os inchaços e as tumefacções.

(pausa)

Os físicos apenas confirmaram que a doença era maligna e terminal.

Os médicos saem com a Abadessa. Paula senta-se ao seu lado e vela. Teresa tenta soerguer-se e Paula tenta ajudar.

TERESA

Meu fidalgo. Meu senhor. Tenho de vê-lo uma vez mais.

Um esgar de dor interrompe-lhe o gesto e deixa-se cair nas almofadas.

TERESA

Não vale a pena. É chegada a hora. Acabaram-se os trabalhos.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Não seria assim tão fácil. Dores lancinantes acometiam-na cada vez mais fortes e frequentes, e o corpo inchava, exalando um cheiro pestilencial.

Várias freiras endireitam Teresa, que GRITA, transformando depois o grito no CÂNTIGO DE UM SALMO. Depois de a ajeitarem as freiras saem e D. José entra.

Uma freira regressa com uma cadeira, mas D. José recusa e ajoelha-se junto à cama. A freira sai com a cadeira.

TERESA

Covarde! Toda a vida empenhada no sofrimento de Cristo e continuas apavorada com a ideia da dor!

D. José toma-lhe uma mão.

D. JOSÉ

Madre! Sou e ser-lhe-ei sempre infinitamente grato pela luz que me mostrou. Se houver algo...

TERESA

(cortando, voz sumida)

Duas coisas, apenas. A primeira é que use o seu poder para erguer bem alto o nome... o nome... do meu Senhor... do Senhor Santo Cristo... prometa.

D. JOSÉ

Prometo madre. Pelo que tenho de mais caro.

TERESA

(ofegante)

Nada é suficiente para Ele... para quem tudo nos deu... e de tudo prescindiu... por nós, prescindiu da Sua Divindade.

D. JOSÉ

Sim, madre, descanse. Não está em condições.

TERESA

(ofegante)

A segunda... a segunda coisa, conde. Honre a sua promessa de há tantos anos... o que foi feito, foi feito. Agora há

apenas o presente e a nossa vontade.
Paula do Espírito Santo...

D. José aperta mais a mão da religiosa que segurava.

TERESA
(ofegante)
Paula do Espírito Santo... deixe-a purgar
em paz.
(pausa, ofegante)
Prometa.

D. José baixa a cabeça.

D. JOSÉ
Prometo. Eu não serei o motivo do seu...

TERESA
(interrompendo, ofegante)
D. José, o senhor será sem dúvida um
conde, mas é também um rapaz muito
disparatado!

D. José ri-se por entre lágrimas que lhe afloram aos olhos. Madre Teresa da Anunciada agoniza ofegante. D. José corre à porta e abre-a. Várias religiosas precipitam-se no quarto, seguidas pelo PADRE. Da porta D. José observa com lágrimas nos olhos o padre a ministrar os ritos da extrema-unção. Depois sai, seguido pelo padre que terminara. As religiosas rodeiam Teresa, com lágrimas nos olhos. Algumas choram abertamente.

Paula chega e ajoelha-se junto dela, onde estivera o conde e abraça-a.

PAULA
(chorosa)
Madre, quando estiver com o Senhor,
lembre-se de mim. Peça pelos meus
pecados.

Com um dedo, Teresa limpa-lhe as lágrimas.

TERESA

(balbuciando ofegante)

Paula, Paula. Vale a pena a vida. Tens que embrulhá-la em fé. A vida serve para tanta coisa!

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Teresa soube neste instante que vencia o caminho de volta, o ciclo sagrado da vida.

A mãe dera-a à luz de madrugada e agora as suas pegadas tomavam o mesmo exacto trilho e pela madrugada dentro retornava ao âmago da vida, desta feita mais absoluta, porque toda cumprida..

Teresa sorri com um suspiro.

329. EXT. VARANDA DA CASA – NOITE

Teresa jovem, de cabelos soltos inclina-se da varanda perigosamente...

TERESA

(V.O.)

É preciso ver nas asas do espírito. É precisa também, coragem para partir...

Uma voz longínqua interrompe.

FREIRA

(V.O.)

Como estais, madre? Ouvis-me ainda?

330. INT. CELA DE TERESA – NOITE

Teresa vê o rosto compungido de uma irmã dobrada sobre ela.

TERESA
(V.O.)

Agora não. Por misericórdia, agora não...
deixai-me partir, romper este agrilhado
de carne putrefacta. E ter... ah, sim!
Mais uma vez, os cabelos soltos à
aragem.

331. EXT. VARANDA DA CASA – NOITE

Teresa debruça-se ainda mais... a seara de pessoas ondula...

PILATOS
(V.O.)
Ecce Homo!

Ao lado de Pilatos Teresa vê o Senhor, o mesmo olhar dorido da Imagem. Estende a
mão para tocá-lo, e toca-O. A sua mão aflora-Lhe a face, os olhos tão perto, tão
doces...

TERESA
(V.O.)
Senhor, Vós sois o meu tudo e eu o
Vosso nada!

Muito ao longe, ouve-se a voz de Paula.

PAULA
(longínqua, chorosa)
Acudi-nos! A madre morre em
estertores!

Ela olha o Senhor.

NARRADOR/SSCM
(V.O.)
Teresa, Teresa! Eu fiz trono da tua alma,
para estar nela de assento.

TERESA

(V.O.)

Jesus, que vil assento para Senhor tão poderoso!

Como tremo neste momento, para o qual me preparei toda a caminhada! Como sou fraca... que penoso é este transe.

(pausa curta)

Não carrego a vossa cruz. Sou tão alegre, que chego a ser garrida...

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Tal alegria é esmalte com que cobriste a humanidade que te dei.

332. INT. CELA DE TERESA – NOITE

Teresa luta para respirar, num ruído sibilante, em estertores.

TERESA

(V.O. angústia)

Senhor! Que hei-de fazer? Que me pedis mais, agora?

333. EXT. VARANDA DA CASA – NOITE

O Senhor estende-lhe a mão nua.

NARRADOR/SSCM

(V.O. c/ potestade)

Agora Teresa, filha minha, vem!

A luz sobre a cara do senhor torna-se mais intensa, até ofuscar tudo em SOBREEXPOSIÇÃO.

FADE TO BLACK

334. INT. ESPAÇO NEGRO – NOITE

Negro escuro. Um BURBURINHO de vozes femininas vai subindo de tom.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

Quebraram-se as comportas. Dentro e
fora do convento, a madre da
Anunciada transforma-se num vórtice
daquilo que nunca quis.

Lentamente vai surgindo uma luz crua, fria, que ilumina o velho e corrompido corpo nu de Teresa, deitada num estreito banco, braços pendentes com as veias abertas, sangrando para duas bacias no chão. À medida que o círculo de luz vai aumentando, num lento crescendo de IRIS IN, vê-se um grupo de freiras como corvos numa roda viva à volta do corpo. Em PRIMEIRO PLANO de pé em redor de uma mesa, várias religiosas retalham um hábito. Ao centro, o corpo de Teresa. Em PLANO DE FUNDO, uma mesa onde as freiras vão depositar panos que vão molhando nas bacias com sangue da Madre. Algumas cortam os seus cabelos em pedacinhos muito curtos. Outras cortam-lhe as unhas dos pés.

NARRADOR/SSCM

(V.O.)

As religiosas clamam os primeiros
direitos, num histerismo que se torna
profanação. Tomam-lhe pedaços do
hábito. Cortam-lhe as unhas, os cabelos.
Ferem-lhe as veias. Sangram-na e
aparam-lhe o líquido vermelho em
panos, em lenços, em retalhos. A
loucura cresce no zelo insano de fazer
reliquias.

IRIS OUT

Em IRIS OUT volta tudo a negro. O BURBURINHO vai morrendo devagar, já sobre o negro.

IRIS IN

335. INT. CORO BAIXO IGREJA DA ESPERANÇA – DIA

O féretro está exposto no coro baixo, em frente à Imagem, por detrás da grade. Várias irmãs velam o corpo. Uma multidão de povo vai passando chorosa em frente à grade. Várias religiosas vão mantendo as pessoas em movimento.

336. EXT. IGREJA DA ESPERANÇA – DIA

D. José chega na sua carruagem vestida de luto. Também vestido de luto, apeia-se e dirige-se à porta.

337. INT. IGREJA DA ESPERANÇA – DIA

A multidão de povo continua a passar em frente à grade. Através dela, vê-se D. José a entrar no coro baixo e a dirigir-se ao féretro, junto ao qual se benze.

338. INT. CORO BAIXO – DIA

D. José olha Teresa, vestida com um hábito novo, de touca na cabeça, rosto sereno.

TERESA

(V.O. voz jovem)

D. José, o senhor será sem duvida um conde, mas é também um rapaz muito dispatado!

O conde sorri. Depois olha para a histeria à sua volta e dirige-se à porta onde entrara.

339. EXT. JARDIM DO CONVENTO DA ESPERANÇA – DIA

Paula chora só e desamparada junto à cerca. D. José sai de uma porta e avista-a. Avança na sua direção. Para e duas grossas lágrimas caem-lhe pelas faces. Virando-se, caminha rapidamente para a saída.

340. INT. IGREJA DA ESPERANÇA – DIA

A multidão de povo continua a passar em frente à grade.

NARRADOR/SSCM
(V.O.)
Aqui, ao princípio, era o verbo.

SUPERIMPOSIÇÃO

341. EXT. MAR – DIA

Uma vaga varre a cena do funeral.

DISSOLVE

342. EXT. CAMPO DE S. FRANCISCO – DIA

Procissão do SSCM na actualidade, com a Imagem em PRIMEIRO PLANO.

FIM